

SERÕES

REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

UMA VISITA Á BEIRA—A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL.— AS ESTRADAS DO MUNDO — SONETO—O MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ—LOUISETTE. VALSA—O TACITURNO—A VIDA EM LISBOA — O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ.— VARIÉDADES. — CONHECIMENTOS UTEIS

VOL. III

DE JAN. A FEV.— 1903

NUM. 17

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag.
UMA VISITA Á BEIRA. — Por ANTONIO ENNES. — Com 5 <i>illustrações</i>	259
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — (Continuação) — Por ALBRECHT HAUPT. — Com 12 <i>illustrações</i>	271
AS ESTRADAS DO MUNDO. — Por SILVA TELLES. — Com o <i>mappa do Mediterraneo</i>	283
SONETO. — Por EUGENIO DE CASTRO. — Com 1 <i>illustração</i>	292
O MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ. — Por MELCHIOR DA CRUZ. — Com 9 <i>illustrações</i>	293
LOUISETTE, <i>Valsa para piano.</i> — Por G. F. DE BORJA ARAUJO.....	298
O TACITURNO. — <i>Escola florentina do seculo XVI (auctor desconhecido); quadro do Museu do Louvre</i>	302
A VIDA EM LISBOA; o Campo Grande. — Com 12 <i>illustrações</i>	303
O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — ROMANCE. — Com 2 <i>illustrações</i>	309
VARIEDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIAS. — CONHECIMENTOS UTEIS. — POBLEMAS. — XADREZ.....	29

43 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I e ao II volumes da Revista. Por cada encadernação, de que também se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	{	3 numeros	600
		6 numeros	1\$200
		12 numeros	2\$200

Para os paizes da **União Postal**, por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3\$000 réis**, moeda portugueza. Para e **Brazil** (moeda brazileira), **18\$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso **1\$500 réis** (moeda brazileira).

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo avultado de cobrança pelo correio; por isso se pede a *remessa directa* da importancia das assignaturas á **administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7.**

SELLAS

De todas as colonias, antigos e modernos, pagam-se por altos preços na antiga casa de Faustino A. Martins, Praça Luiz de Camões, 35, Lisboa.

N'esta mesma casa ha a collecção mais importante de bilhetes postaes illustrados, de Portugal, ao preço de 200 réis a duzia ou 1\$500 réis o cento.

Livraria do Telegrapho

Unica no districto da Horta

Recebe publicações á consignação. Faz propaganda de livros offerecidos, pois é editora do unico jornal diario do districto com larga circulação.

Dão-se referencias

MOBILIAS E ESTOFOS

MENDES & C.^a

221 a 227, RUA DA PRATA, loja e 1.º andar

LISBOA

Mobílias em diferentes generos.—Papeis pintados.—Estofos, cortinas, stores, galerias, espelhos, tapetes, oleados e todos os artigos para adornar casas.

Os **SERÕES** teem publicado as seguintes

MUSICAS PARA PIANO

Gavota, por AUGUSTO MACHADO. — **Numero 1.**

A Resurreição de Christo, Oratoria, por D. LORENZO PEROSI. — **Num. 2.**

Rachel, Valsa, por LAURA ESCRICH. — **Num. 3.**

Folha d'Album, por OSCAR DA SILVA. — **Num. 4.**

Feiticeira, Valsa, por EDUARDO BOEYÉ DE PASCAL. — **Num. 5.**

O que dizem as ondas, Valsa, por IZABEL DE CAMPOS PIDWELL. — **Num. 6.**

Meditação, Mazurka, por VISCONDESSA DE FARIA PINHO. — **Num. 7.**

Romanza, por A. BRINITA, (D. Maria Bravo). — **Num. 8.**

O Tição Negro, Serenada do 1.º acto, por AUGUSTO MACHADO. — **Num. 10.**

Dansons! Pas-de-quatre, por M. JULIA LOUREIRO DE MACEDO. — **Num. 11.**

Rapsodia d'Agueda, (Musica popular) — **Num. 12.**

Le Ballet du Roy, Gavota, por LULLY. — **Num. 13.**

Gipsy, Valsa, por C. L. — **Num. 14.**

Maria da Gloria, Valsa, por CARLOS PINTO COELHO. — **Num. 15.**

Colchoaria e moveis de ferro

10, Largo do Rato, 11
ESTEVÃO DA SILVA

LOPES DE SEQUEIRA

CASA DE MODAS
285, R. DO OURO, 293 — LISBOA

«A MODA»

João José Martins

MODAS E CONFECÇÕES

172, Rua do Ouro, 174

LISBOA



João Nunes de Carvalho

COLCHOARIA

E MOVEIS DE FERRO

62, Rua do Loreto, 64 — Lisboa
(Esquina da Rua da Atalaya)

SATURIO PAIVA Cirurgião dentista, pela Escola de Paris. Doenças da bocca. Collocação de dentes.

Rua de Santa Justa, 60, 2.º

(Esquina da rua Augusta)

NUNES & NUNES

CAMBIO E PAPEIS DE CREDITO

95, Rua do Ouro, 97

LOPES, LOURENÇO & C.^{TA}

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções
para
homem
e
senhoras



Sortimento
completo
de
tecidos
de
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.^o

ESPARTILHOS

NOVOS MODELOS

Exclusivo da CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA

ANTONIO JOSÉ CORREIA

Retratos em todos os tamanhos

PHOTOGRAPHIA UNIÃO

Toma-se conta de todos os trabalhos photographicos

Rua do Limoeiro, 10 e 10-A, LISBOA

Os **SERÕES** teem publicado os seguintes

MYSTERIOS DA HISTORIA

Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.

Tragedia em Napoles (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

O collar da Rainha (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

Tragicos destinos (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

Predicção historica (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

O cabaz de pecegos (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

Vingança de Rival (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

A torre de Londres (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

Tragica historia d'um csar (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

Romance d'um principe (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

Curiosa confissão d'um rei (Carlos IX e o assassinio de Coligny). — **Num. 11.**

Fatal entrevista (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

O serralheiro do rei (Luiz XVI e Gamain). — **Num. 14.**

MOBILIAS Vendem-se de salas, quartos e casas de jantar.

PREÇO BARATO

82, Rua Nova da Trindade, 82

LOJA

« **UTILIDADES** »

180, RUA DO OURO, 182

LISBOA

Convem a todos examinar o especial sortimento e a modicidade dos preços d'esta casa.

TYPOGRAPHIA ↗

EDUARDO ROZA

27, Rua da Magdalena, 31 (Em frente da Rua dos Bacalhoiros)

Impressos para o commercio, bancos, companhias e associações. Preços os mais resumidos de Lisboa. Execução rápida e nitida.

CENTRO MODERNO

ALFAIATERIA

FERREIRA BRITO & C.^a

Fazendas Nacionaes e Estrangeiras

Rua da Prata, 174-176

LISBOA



PASTILHAS PERFUMADAS

MARCA «SANO»

FABRÍCO APERFEIÇOADO

Réis 180, cada caixa de seis pastilhas

À VENDA SÓ NA

ANTIGA DROGARIA BARREIRA

105, RUA DE S. ROQUE, 107

LISBOA

E. E. DE SOUSA

SUCCESSOR DE FIGUEIREDO

GRAVADOR DA CASA REAL



CASA FUNDADA EM 1819

Gravura em todos os generos e carimbos de borracha os mais aperfeiçoados.—Variedade em prensas, sinetes, timbres, tintas de côres para carimbos e para marcar roupa.—Especialidade em bilhetes de visita impressos, lithographados e de chapa.

157, Rua Aurea, 159—98, Rua da victoria, 100, Lisboa

Carlos Corrêa da Silva

RUA SERPA PINTO, 24 = LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

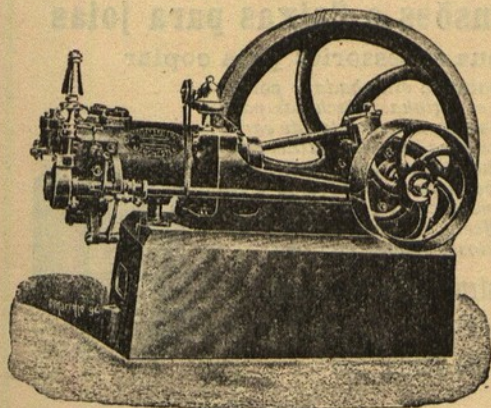
MOTORES A GAZ

CROSSLEY

TINTAS DE IMPRENSA

DE

CH. LORILLEUX & C.^a



Materiaes para typographia e lithographia



O Gato

Unica casa creada em Lisboa para a venda de Louça das Caldas.

Premiada nas principaes exposições da Europa e da America. Rua da Victoria LISBOA

Preto

ASPHALTO NACIONAL

DE **MARQUES & DOMINGUES**

Encarrega-se de trabalhos em Lisboa e provincias

TRABALHOS GARANTIDOS

33, POÇO DO BORRATEM, LISBOA

M. A. BRANCO & C.^a

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: Rua do Crucifixo, 60 a 66

Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borra-cha — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita.

Medalha de ouro, Paris, 1900.
Diploma de honra, Exposição de pomologia, Lisboa, 1900

CASA FUNDADA EM 1792

JERONIMO MARTINS & FILHO

FORNECEDORES DA CASA REAL

LOJA DE CHÁ

CHIADO, 17 E 19

ARMAZEM DE VIVERES

CHIADO, 13 E 15

Fornecedores de mantimentos para navios

Deposito de latas, caixas com fructas para exportação

Numero telephonic 221

Endereço telegraphico Viveres LISBOA



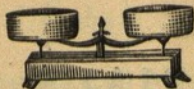
DAVID FONSECA & FONSECA

SUCCESSORES DE

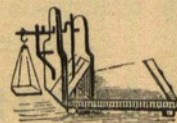
A. C. ENCARNAÇÃO & C.^a

Premiados em diversas exposições

25. 27. Rua da Victoria, 29, 31 — Rua dos Correeiros (Vulgo T. da Palha), 74 a 96



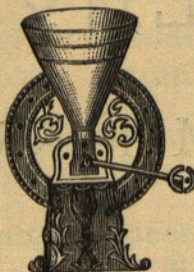
Enorme sortimento de balanças de todos os systemas, pesos de ferro e de latão, medidas de capacidade para seccos e para liquidos, craveiras para medir recrutas e todos os outros artigos de pesar e medir. Moinhos para café, pimenta, trigo, linhaça, cochoilha, alvaiade, etc. Torradores francezes a vapor para café, ditos nacionaes de diferentes tamanhos. Fogões para sala, ditos fogo circular e central paracozinha e accessorios para os mesmos.



Cofres fortes de diferentes dimensões e Caixas para joias

Grande quantidade de prensas e seus accessorios para copiar

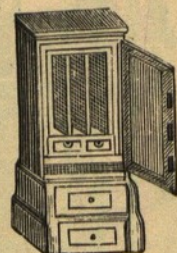
Abundante sortimento de louças esmaltada, estanhada e polida de ferro forjado e fundido para mesa e cozinha. Machinas para picar carne e para encher chouricos, ditas para extracto de carne e vegetaes. Talheres. Machinas francezas para assados, ditas para lavar, encher, rolar e capsular garrafas. Lavatorios, tinas e seus accessorios. Variado sortimento de objectos para escriptorio e para todo o genero de estabelecimentos commerciaes e repartições do estado. Ponsões e mais artigos para afferições municipaes. Prensas de socco e de alavanca, timbres rapidos e sinetes, etc., etc.



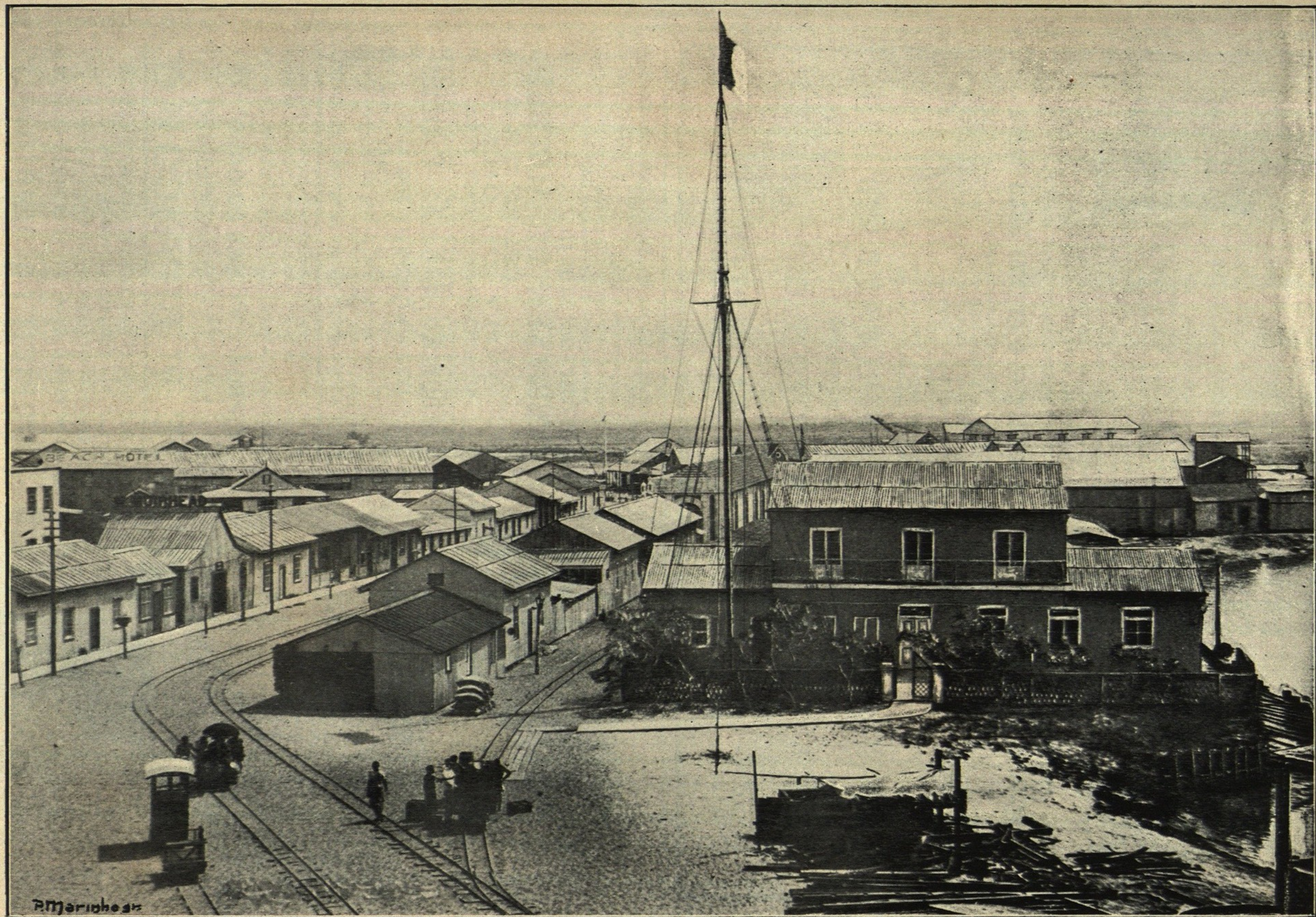
Officina de serralheria para construcções e reparações

74, Rua dos Correeiros, 96 (Vulgo T. da Palha)

CASA FILIAL — Rua 24 de Julho, 538



N. B. — Não se responsabilisam pelos concertos depositados mais de 30 dias



BEIRA -- INTENDENCIA DO GOVERNO (ACTUALIDADE)

Uma visita á Beira

POR ANTONIO ENNES

N'ESTA época (1891) ainda a Beira estava guardada pelo grosso das forças do *Corpo expedicionario a Moçambique*, que da metropole acudira a evitar que os agentes de Cecil Rhodes e da *South Africa* continuassem a invadir territorios que a diplomacia britannica já havia reconhecido pertencerem ao senhorio de Portugal, e se assenhoureassem dos caminhos do litoral para Manica, como tinham occupado as terras do regulo Mutassa, para depois impôrem as suas usurpações ao governo portuguez e ao proprio *Foreign Office* com a força de *factos consummados*, applaudidos pela ambição nacional.

Os terrenos enxutos da foz do Pungue são tão acanhados e tão desprovidos de condições de habitabilidade, que fôra difficil encontrar n'elles área apropriada para um acampamento provisório e uma base de operações militares. Os funcionarios incumbidos de escolherem local onde a expedição estacionasse depois de desembarcar, e onde se postassem as suas fracções, destinadas a defender a entrada do rio, tinham a principio desprezado o areal da Beira, provavelmente por estar exposto a ser varrido pela artilharia dos navios de guerra que se approximassem do porto, preferindo-lhe um sitio, denominado Dondo, situado a cêrca de 8 kilometros da margem direita do Chiveve, no rumo approximado de noroeste. N'esse sitio o chão forma uma lombada, a que não trepam aguas de cheias, e que as humidades do sub-solo e da atmospheria forraram de arvoredo alteroso e de mattas de bambú; a sua relativa altitude fêl-a suppôr saudavel, e em attenção a esse merecimento foi-lhe perdoado o defeito, bem visivel, de ficar distante do porto, onde teria de desembarcar o copioso material que acompanhava as tropas, e distante do rio que ellas precisavam vigiar. Ali se emprehenderam, mezes antes de chegar a expedição, vastos preparativos para a receber. Armaram-se os madeiramentos de grandes barracas destinadas a aloja-

mento e armazenagem, fizeram-se desaterros e terraplanagens, principiou-se uma estrada, em que se gastou muito dinheiro e ainda mais tempo; quando, porém, os trabalhos já iam adiantados e já se disséra para Lisboa *que tudo estava prompto*, engrossaram as chuvas, affluiram as levadas do interior, transbordaram o Pungue e o Chiveve, e percebeuse então, só então, que o Dondo era cercado por pantanos, que não só o envolviam em miasmas, senão que o isolavam e lhe interceptavam todas as communicações.

Fui lá em agosto. Apesar de decorridos quatro mezes de estiagem ainda passei por cima de atoleiros em que os negros se cravam até as virilhas, precisando suspender a machila acima das cabeças, a braço retezado, para a não atascarem. Da lama revolvida pelas pernas dos machileiros exhalava-se um cheiro que fazia febre. O proprio chão já enxuto e firme ainda denunciava uma submersão recente. Tinha aspecto d'um leito de rio, sedimentar, rugoso, ondulado. Rompiam d'elle vergontas de accacias, crescidas da altura d'homem, que davam a medida do tempo decorrido desde que o sol lhe podêra fecundar as sementes na vasa da inundação.

Abandonado o projecto do acampamento no Dondo, não se pôde preparar outro antes da expedição chegar, embora já chegasse tarde por não quererem os grandes vapores da Mala Real transportal-a á Beira, como podiam e como lhes fôra ordenado, e quando as tropas afinal entraram no porto poderam crêr que nem esperadas eram. Tiveram de provêr ás necessidades da situação com os recursos felizmente abundantes e variados que a metropole lhes fornecera e installaram-se na propria praia em que desembarcaram, na ponta do Chiveve, no areal alto e nú, prolongado entre os barracões da alfandega e a nova povoação, que então ainda estava vaga de edificações.

Isto foi em março; em agosto encontrei-as ainda no mesmo local, na mesma installação.

Eram duas companhias de infantaria 1, a brigada de artilharia de montanha, a companhia de engenharia, a administração e o commando. Outras duas companhias de infantaria tinham-se espalhado em destacamento por Neves Ferreira, Mapanda e Sarmento; a artilharia de posição ficara em Lourenço Marques, d'onde mandára algumas fracções para a foz do Limpopo, e depois para o Cossine.

Quando a bordo, avistei o acampamento, senti vergonha e tristeza. Pareceu-me uma feira dos arredores de Lisboa, vista pelas costas.

Sobre a areia amarella tinham-se amontoado, sem ordem, sem alinhamentos, barracas de lona, sujas, remendadas, atamancadas com encerados negros, chapas de metal sem pintura, taboados. Havia-as de muitas dimensões e fórmãs, mas todas mais do typo da tasca improvisada em arraial saloio do que da tenda de campanha. Entremeiavam-n'as palhoças. O quartel do commando construiu-se de caniço e palha, tão tosco e vil que o desprezaria para morada um regulo de tanga. Casas armadas de madeira e zinco apontavam-se meia duzia; um refeitorio de officiaes, um atelier de photographia, arrecadações, a habitação dos medicos. Na praia do mar, sobre as ribas do Chiveve, aqui e acolá, jaziam montões de barricas, e caixas, rumas de tijolo e taboas, embarcações e machinismos, medas de ferro comprimido e reparos de artilharia, uma enormidade de material a trochemoche, como nos caes d'uma alfandega mal arrumada.

Pelos vãos do abarracamento e da tralhoadã, passavam homens vestidos de linhagem, grandes chapéus de feltro amachuçados, com o corpo enervado, puxando pensosamente pelos pés que se lhes cravavam na areia; pequenos grupos de negros arrastavam wagons carregados sobre a linha negra d'uma via Decauville.

Para se acreditar que estava ali tropa, tropa europeã e civilizada, era preciso attentar na bandeira portugueza, que ondeava no topo d'um grande mastro, á beira do Pungue, e na cruz vermelha que, lá ao fundo, se estampava no céu, por cima d'uma barra verdeneira do mangal.

Visto por dentro, visto de perto, tão pouco o acampamento alegrava a alma, mórmente de quem sabia que a expedição fôra provida de quantos recursos podiam assegurar o bem-estar do soldado, e fazer luzir aos olhos de indigenas e estrangeiros a galhardia do exercito do reino, que pela primeira vez ia mostrar as armas em terras africanas. Que mal aproveitados recursos!

As barracas de lona, sordidas e deprimentes, eram impróprias para o clima. Não sendo impermeaveis, coavam os aguaceiros e enso-pavam-se no *sereno* copioso da noite; depois, quando a soalheira abrazava o areal, vedavam as brizas frescas do mar, e guardavam lá dentro um ambiente insoffrivel de humidade quente, enfrascado em emanações de gente mal lavada. E porque estariam officiaes e praças empilhadas debaixo de lonas, tendo ali á mão, na praia, casas e casas de madeira e zinco, que o governo da provincia encomendára para alojamentos, a apodrecerem ao abandono?

O corpo levára comsigo material e operarios para crear meios regulares e faceis, onde os não encontrasse, de embarque e desembarque, mas tinha deixado em Moçambique quasi todo esse material, incluindo os guindastes, e, escasseando na Beira os carregadores, tinham os soldados de baldear e carregar os volumes de aprovisionamentos, sendo animados n'essa faina pelo proprio commandante, de quem se dizia que fôra visto mais d'uma vez, no extremo do seu zelo de dona de casa, rolar barricas de farinha. E os negros motejavam acorados na areia, com os joelhos estreitados nos braços.

De Lisboa enviavam-se mensalmente fornecimentos abundantes e variados de vive-res; parte d'elles, porém, encalhavam na capital da provincia, e succedia escassearem na Beira e comprarem-se a peso d'ouro em Lourenço Marques. generos de que se estavam engordando os ratos e as baratas do pavimento terreo do palacio de S. Paulo. N'esse limbo e nos armazens da alfandega cahira tambem boa parte dos apetrechos de toda a sorte, desde as locomoveis até as agulhas e alfinetes, com que a sollicitude da metropole atulhára os porões do *Loanda* e do *Malange*; seis mezes depois da chegada da expedição, lá estavam ainda filtros, bombas e baldes de incendios, sementes de hortaliças e mobílias, velocipedes e alidades, mochilas de ambulancias, caixas de tabaco, e até os objectos todos do culto religioso, e o proprio vinho das missas, ou antes, as garrafas que o tinham contido. O capellão do corpo — bom portuguez e sacerdote digno, — não podia officiar nem quasi administrar sacramentos.

O commando e o grosso da expedição estavam quasi isolados dos destacamentos enviados para o interior; entretanto, na Beira estavam armazenados aparelhos e fios isoladores com que se poderiam ter montado umas poucas de estações telegraphicas. Posteriormente, quando se quiz aproveitar este material, já a ferrugem o tinha estragado.



BEIRA — CAES DA ALFANDEGA

Inutilizados assim tantos meios de satisfazer necessidades ou de obter commodidades, todos os serviços do corpo eram deficientes ou irregulares, a não ser o da saúde, organizado e dotado com generoso disvelo pela Sociedade da Cruz Vermelha, e desempenhado e dirigido com tanto saber quanta philantropia pelos medicos da armada. A' margem do Chiveve tinham armado barracas Talbot, fornecidas pelo ministerio da guerra para servirem de hospitaes, e formavam grupo com ellas a pharmacia e mais annexos d'uma installação hospitalar. As barracas eram excellentes; impermeaveis, ventiladas, sem desabrigo, protegidas contra as intemperies pelas camaras d'ar abertas entre os seus dois revestimentos, preservadas das exhalações do solo por encerados, mobiladas com aceio e conforto, proporcionavam aos enfermos condições de hygiene e de bem-estar quasi imprevisas em areas de Africa, e de que não gosam talvez os hospitaes monumentaes de Moçambique e de Lourenço Marques. Nas dietas não havia só abundancia, havia até delicadeza e mimo. Nunca faltaram medicamentos na pharmacia.

Mais do que estes beneficios valiosos, valiam, porém, o saber experimentado e a dedicação patriótica de Rollão Preto, de Rodrigues Braga, de Leopoldino Gonçalves. Os heroes da expedição foram elles; heroes até no esforço perseverante com que venceram más vontades, resistencias, intrigas, calumnias, e até conspirações desalmadas, que até pareciam desejar que a mortalidade das tropas obrigasse os poderes publicos a repatriar-as. Essa mortalidade, felizmente, foi minima; foi pouco superior, descontada a percentagem dos desastres mortaes, á que se regista nos quartéis de Lisboa. Provou-se que o soldado europeu póde militar em Africa, ao menos durante curtos periodos, sem sofrer mais com o sol dos tropicos do que com o sol do Alemtejo, e resistindo á infecção dos pantanos do Pungue e do Zambeze talvez melhor do que á dos paúes de Alcacer do Sal. Mas para essa demonstração contribuiu o serviço medico, que os proprios estrangeiros admiraram e aproveitaram.

Os responsaveis pela organização do corpo expedicionario a Moçambique teem essa suave consolação de delorosos desenganos e pungentes desgostos: nada faltou, nem carinho fraterno, nem esmeros de sciencia, nem sequer regalos de opulencia, aos soldados que padeceram e morreram na missão de guardarem os brazões da sua patria!

E o viver dos são, apesar de todos os erros, de todas as faltas, de todas as impotencias da administração e da direcção d'esse

corpo, tambem não foi atribulado nem por privações nem por trabalhos. Quem imaginou que em Africa, fóra das grandes povoações do litoral, e até no matto, se podia passar tão regaladamente como n'uma côrte da Europa, gemeu e carpiu-se porque alguma vez lhe faltaram batatas de roda do assado e temperos para acepiparem a olha, porque faltava na mobilia do acampamento tinas e inodoras, zumbiam mosquitos em roda das camas de campanha e o governo não tinha mandado galgas aplanarem os trilhos do sertão; mas a verdade é que as condições da vida dos expedicionarios foram, em todas as situações incomparavelmente mais benignas do que são de ordinario as de quaesquer viajantes, altas personagens que sejam, que em Africa se distanciam dos grandes centros populosos. Por descostume, por ignorancia, por sybaritismo e malicia os mais d'elles, murmuraram, queixaram-se, mal tinham desembarcado já não pensavam senão em embarcar outra vez a caminho de casa; mas o que diriam elles se os condemnassem ás agruras, ás verdadeiras miserias que n'esse mesmo momento soffriam voluntariamente os inglezes no interior? Nos aquartelamentos da *South-Africa* nos fortes Salisbury e Victoria, nos estabelecimentos do Mutave, nos postos espalhados pelos territorios dos Metabelles e dos Machonas, officiaes superiores do exercito britannico, lords e filhos de lords, verdadeiros *gentlemen* emparelhados com os mais rudes mineiros e desprovidos aventureiros, dormiam no chão com a cabeça encostada nos sellins dos cavallos que a tze-tze já teria morto, comiam o que a espingarda matava ou o que encontravam nos celleiros dos negros miseraveis, e se umas vezes se embriagavam com *Champagne*, outras vezes bebiam de bruços no fundo dos enxurros. Para se curarem das febres tinham, quando muito *whisky*: a bagagem da maioria d'elles compunha-se d'uma manta, um frasco e uma escova de dentes. Os alojamentos que a sua administração lhes preparava para as jornadas eram, em regra, as arvores das florestas. Se podiam servir-se de carretas, umas carretas aterradoras que duzias de juntas de bois içavam ás montanhas e despenhavam aos precipicios, fazendo-as rodar por cima de penhascos e de troncos d'arvores, acabavam as jornadas mas ficavam com os ossos n'um feixe. Tinha cavallos emquanto a mosca lh'o consentia; mas nem sabiam o que era a mochila, tão usada pelos officiaes portugueses. Aquillo sim, que era vida dura, vida do sertão, vida da Africa selvagem sempre no cairel do perigo, sempre no amargo do sacrificio; tem-n'a supportado muitos viajantes e

exploradores portugueses, mas o pessoal do corpo expedicionario, e o proprio destacamento que foi a Massikessi e a Sena, não chegaram a fazer idéa das suas asperezas.

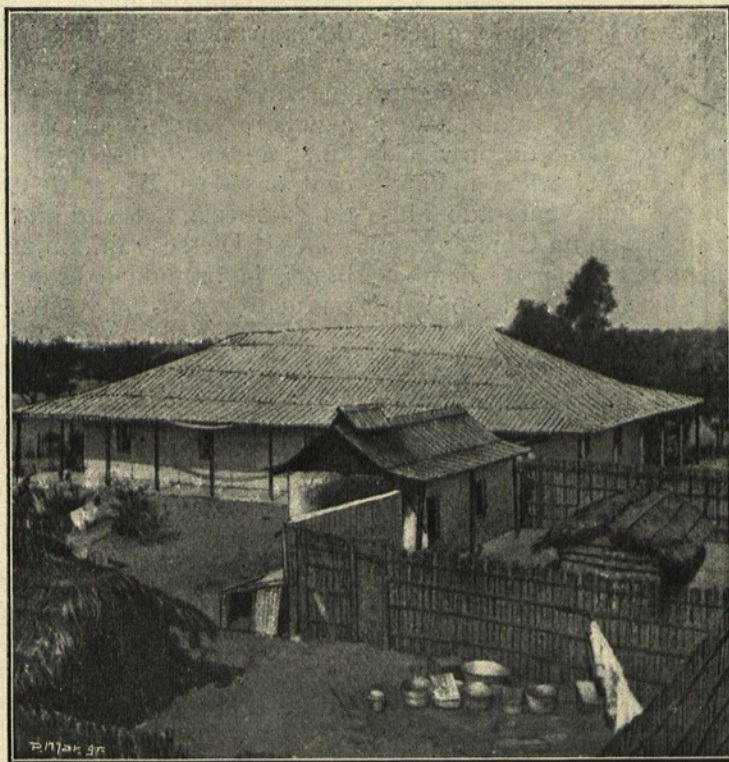
No acampamento da Beira, o maior mal eram o alojamento, as barracas de lona, e ainda esse era só um mal relativo. Bebia-se agua, scientificamente filtrada e purificada, fornecida por um poço aberto no areal ou pelo Busi. Comia-se pão de trigo cosido cada dia n'um excellente forno portatil. Rações abundantes de vinho e café molhavam nos estomagos os fartos ranchos, egual, nos dias magros ao que fornecem os caldeiros dos

quarteis de Lisboa, apenas com menos hortaliça e augmentado duas ou tres vezes por semana com bellos nacos de carne de bois de Sofala. Os officiaes tinham ao seu dispôr nas dispensas da administração, querendo pagal-as, até luxuosas iguarias, até o *foie-gras* e os *espargos*, que attrahiram sobre a expedição o appellido epigrammatico de *pic-nic* patriótico.

E se este regimen alimentar não era ainda mais succulento e appetitoso, a culpa tinham-n'a só os expedicionarios que não aproveitavam os recursos do paiz. Estavam á beira d'um mar piscoso, e não pescavam; na orla d'um immenso parque de caça grossa, e não caçavam. Tinham levado da Europa caixões de sementes de hortaliças e nunca tiveram a curiosidade de fazerem uma horta, que o Busi se encarregasse de regar. Muito exigentes, muito mimosos, não eram nada industriaes. A tripulação do cruzador inglez *Magicimen*, que estacionou mezes seguidos no porto, tinha todos os dias carne fresca de garça, carne tenra e saborosa de antilopes, que um troço de marinheiros ia matar

nas margens do Pungue; nem este exemplo dissuadiu a nossa gente de mandar buscar longe, por preços enormes, esse magro e hectico gado *vaccum*, que se avistava ruminando capim secco nas bordas chatas do Chiveve. A's tardes, carregadores ou soldados pretos sentavam-se na praia do oceano, atiravam á agua com ajuda d'uma pedra algumas braças de cordel com anzoës iscados, e retiravam-n'os momentos depois trazendo suspensos pequenos peixes prateados; os soldados brancos agrupavam-se para os vêrem, e invejavam as caldeiradas com que elles se regalariam á ceia, mas não pensavam

em imital-os. No canto da ponta Géa armavam-se camboas em que a miude cahiam *chareus* que úariam de comer a uma companhia, garopas do tamanho de um homem; todavia a primeira vez que se viram espinhas nas marmitas dos expedicionarios, foi quando eu offerecia rancheiro uma garopa com que tinha sido presenteado, tão collossal que á minha meza só em



CHILOANE — RESIDENCIA DE CHINGUNE

quinze dias poderia ser comida.

A prova real de que as tropas não eram mal alimentadas, fornecia-a a estatistica nosologica. Quando cheguei á Beira havia trez ou quatro camas occupadas no hospital, e só um doente inspirava cuidado aos medicos. De abril a junho, no periodo do enxugamento do solo, tinham sido frequentes as febres palustres, de character benigno; accentuando-se a estiagem, melhorára o estado sanitario.

Peor era o estado moral, d'aquella agglomeração de gente, parada, immobilizada, inutilizada n'um estreito areal havia já muitos mezes. Porque não seguira, em parte ao menos, para o interior? Por falta de carregadores para as bagagens, para os mantimentos,

para as munições. Foi essa falta que esterilizou a expedição, ou que serviu de pretexto á sua esterilização. O unico inconveniente serio do emprego de forças europeas no interior da Africa é a necessidade de pôr ao serviço d'ellas negros de carga mais numerosos ainda do que os soldados. Onde não ha nem vehiculos de transporte, são os hombros dos indigenas que teem de prestar ás tropas em marchas esses indispensaveis e pesados serviços de que na Europa se encarregam o trem circulante das administrações militares; para esses indigenas é preciso, porem, levar mantimentos, que obrigam a recorrer a mais carregadores, e assim se desenvolve o mais pequeno destacamento n'uma immensa columna. Em Lisboa havia-se pensado, e pensado a tempo, n'este inconveniente, e ordenára-se a concentração na foz do Pungue, d'alguns milhares de negros, contractados onde fosse possivel, e o governo da provincia recorreu para cumprir essa ordem ao capitão-mór de Manica, o malaventurado Manoel Antonio de Souza, que na Gorongosa e no Barué, dois prazos marginaes do Zambeze, podia levantar, suppunha-se, legiões de mercenarios. Enviaram-lhe instrucções, n'esse sentido, e acreditou-se que bastava telas dado para ellas serem cumpridas; annunciou-se para Lisboa que de tantos a tantos kilometros, desde a Beira até Massikessi estariam escalonados grupos de 2.000 carregadores para acompanharem a expedição revestando-se por turnos, e até que esses grupos abrissem caminhos para facilidade do transitto. Manoel Antonio, porem, não mandou um só homem nem sequer preveniu que os não poderia mandar, julga-se que por se achar a braços com a revolta do Macombe, que afinal lhe arrancou a vida; e, por sua parte, o governo geral não atinou com providencias efficazes e rapidas, que remediassem este transtorno, que podia inutilizar de todo os esforços e os dispendios que a expedição representava. Quando ella chegou á Beira não encontrou lá negros para a descarga, quanto mais para a marcha ao interior!

Posteriormente fizeram-se algumas tentativas para os reunir, mas todas mal pensadas ou mal executadas. Na Maxixa, defronte de Inhanbane, chegaram a estar juntos, para embarcarem, alguns milhares de *feros* landins das terras da corôa; succedeu, porem, que quando elles se tinham apinhado na praia para verem um *paquete* que entrava no porto, esse vapor, da Mala Real, disparou um tiro ao largar o ferro, e os pimpões que já andavam sobresaltados com os rumores de guerra que corriam na provincia, tomaram-se de tal pavor que debandaram e não houve

mais vêl-os. Das margens do Zambeze chegaram a ir para a Beira alguns centos de negros; mas fugiram quasi todos, e sabe Deus porque fugiram! A' espera d'outros desperdiçou a expedição semanas e mezes, inactiva, reduzida a guardar as boccas do Pungue e do Busi, deixando desprotegido o corpo de voluntarios do major Caldas Xavier, que lhe devia servir de vanguarda. Singular contrariedade: da vasta provincia de Portugal d'onde os proprios estrangeiros teem sempre tirado gente para as necessidades da sua colonização, onde pouco antes os allemães tinham contractado soldados para as guerras do continente de Zanzibar, onde pouco depois Wissemann havia de encontrar carregadores para a aventurosa viagem ao Tanganyka, não souberam as auctoridades portuguezas n'uma hora de crise nacional reunir alguns milhares de indigenas para uma curta faina, apesar de disporem, nomeadamente de centenas de milhares de colonos dos prazos da Zambezia, todos administrados então pelo Estado! D'esses sahiram, afinal, tarde e a más horas, já entrada a estiagem, uns trezentos ou quatrocentos negros e chegaram á Beira; tão poucos eram, porem, que só permittiram mandar destacamentos ás primeiras estações do caminho de Manica. O grosso das tropas permaneceu no acampamento do Chiveve, e lá estava em agosto.

A fazerem o que? Terminada a faina de installação, a força foi votada á mais inerente ociosidade, á mais desmoralizadora inutilização. Da sollicitude, bem legitima, pela saude e vida do pessoal deduziram-se absurdamente e contra o pensar dos medicos esclarecidos e de bôa fé, um regimen contra producente de innação physica, e uma prophylaxia terrorista contra os influxos do clima e os perigos do sertão. Os soldados não foram mettidos dentro de rodomas de vidros, por que não havia esses apetrechos bellicos; mas consentiu-se que passassem mezes estatelados nas enxergas dentro das barracas de lona, a tocarem *harmonium* e a suspirarem pelo regresso á patria. Este *far niente* só era interrompido pelo cumprimento dos deveres derivados das necessidades mais impreteriveis do viver do acampamento, descontados na relação d'esses deveres, os especiaes das armas. Não havia exercicios, porque o terreno arenoso cançava as pernas. Quasi não se postavam sentinellas, porque o sol crestava-as. Porque se não manteriam escolas de tiro, porque se não ordenariam passeios militares, porque se não procuraria acostumar a força a marchar, a acantonar, a manobrar, a viver no matto? Não, que tudo era fatigoso, e, depois no matto havia cobras e mosquitos.



BEIRA — RUA CONSELHEIRO ENNES — 1) STANDART BANK — 2) PAULING & C.^o, BANK OF AFRICA — 3) CONSULADO INGLEZ

Prohibiu-se caçar, não fosse caso que algum caçador imprudente dêsse uma chumbada n'outro ou em si. Na situação creada, cumpria occupar e entreter por todos os modos a expedição, inventando-lhe ali trabalho e distracções, para seu beneficio material e moral. Houvera tempo para observar que os sapadores, que mais lidavam, eram os que melhor saude gosavam. Podiam-se ter feito reconhecimentos no paiz circumvizinho da Beira e nos seus rios ainda tão ignorados, obras de fortificação passageira ainda que desnecessarias, melhoramentos no campo, lançamentos de linhas telegraphicas; alguns centos d'homens reunidos n'uma terra virgem têm sempre aproveitamento. Nada d'isso se fez, porém. A vida do acampamento durante mezes e mezes, foi comer, dormir, e murmurar. Até a banda da musica, que acompanhara o batalhão de infantaria a pedido da officialidade, deixou por muito tempo os cornetins e o figles dentro dos saccos, para não entrar com elles o microbio palustre!

Os militares podem calcular o estado moral a que se reduziria um corpo sujeito a este regimen dissolvente! Muito bons, muito disciplinados, muito doceis eram os soldados; se o não fossem a Beira teria visto scenas de ignominia. Mas a apathia debilitou-lhe os corpos, e os animos entibiaram-se-lhes com a presumpção de que estavam condemnados a um doloroso sacrificio inutil. Tinham visões de morte se lhes doia a cabeça ou sentiam um calefrio correr-lhes a espinha dorsal. Postos em movimento, e mettidos em brio, logo se retemperavam é certo; mais deixados á ociosidade contemplativa dos tectos das barracas, apiegavam-se. Os officiaes esses, na sua maioria, tinham só uma aspiração, um estimulo, um voto, o de voltarem quanto antes a Portugal, e emquanto esperavam entretinham-se a cabalar e a maldizer, desunidos, indoceis, moralmente indisciplinados, insoffridos á minima privação, esmorecidos com o mais ligeiro incommodo, exportando para a Europa noticias e correspondencias terroristas... E, no meio d'elles, um espirito maligno percorria as barracas convencendo os soldados sãoes de que estavam doentes e deixando os enfermos sem tratamento, espalhando a sentença de que Africa só era habitavel *para os negros e officiaes da marinha!* protestando que só elle, havia de inutilizar a expedição. Um quadro desolador!

Felizmente, o corpo, mesmo paralysado, tinha desempenhado só com a sua presença e a noticia de sua presença nas margens do Pungue em Lourenço Marques e na foz do Limpopo, uma parte da sua patriotica missão

defensiva. Cecil Rhodes e a *South-Africa* tinham desistido da idea de se apoderarem de surpresa da Beira ou pelo menos d'uma estação sobre o Pungue ou o Busi, por não poderem já cohonestar a empresa com a allegação de que os terrenos, sobre que a dirigissem não estavam occupados. As diplomacias estrangeiras, já não tinham pretexto para se desinteressarem do nosso pleito com a Gran-Bretanha, observando que não nos ajudavam, pois nada faziamos para defender o dominio nacional, nem mesmo contra simples bandos de filibusteiros. Os regulos abalados na sua fidelidade pelo exemplo do Mutassa, ou tentados na sua cobiça pela fama dos beneficios que Lobengula ganhára com a submissão, ou receosos de assaltos dos vassallos e aliados dos inglezes, haviam-se impressionado com a visinhança de tropas europeas providas d'um armamento como nunca se vira n'aquelles portos, e o sertão da provincia aquietara-se. Se apesar d'estes resultados e de ter sido negociado e ratificado um novo convenio com o governo de Londres, ainda era prudente conservar á mão essas tropas, não fosse caso que os inspiradores, e agentes de *South-Africa* tentassem outra vez oppôr actos de violencia ás estipulações diplomaticas que os não tinham contentado, já não havia que exigir d'ellas penosos sacrificios nem arriscados feitos. Era apenas necessario aproveitar a engenharia para fazer os estudos do caminho de ferro de Manica, que deviam estar promptos em seis mezes, e convinha que antes de se retirar a expedição tão dispendiosa e em cujo exito lisongeiro tanto estava empenhado o brio do exercito portuguez, ella provasse d'algun modo que tinha estimulos e forças para mais do que saltar em terras d' Africa, e desfizesse a alheia persuasão, perniciosa para o prestigio do dominio portuguez, que se ia arraigando no animo dos indigenas de que o soldado branco não se atrevia a perder de vista o mar que lhe assegurava a retirada.

E tudo isto se conseguiu ainda, sem violencias, não obstante e depressão moral e quebramento physico. Se o corpo nada fizera nem tentara em seis mezes, na região do Pungue, por fim em cêrca d'um mez, lançou uma das suas fracções na campanha, a um tempo militar e technica, dos estudos dos terrenos onde se poderiam abrir communicações a vapor entre o litoral e Manica, e destacou de si, para guarnecer Chimoio e Massikessi e, principalmente para mostrar armas portuguezas aos povos que desde muito só viam os portuguezes recuarem e debandarem deante da audacia britannica, uma columna d'infantaria e artilharia que ef-

fectuou, sem perder um homem, sem padecer um revez, apesar de soffrer muitas contrariedades, a mais extensa marcha que uma força militar europea ainda emprehendeu no continente africano. Essa columna organizada e capitaneada pelo capitão de infantaria 5, Manuel de Souza Machado, auxiliado pelos serviços do facultativo naval Antonio Rodrigues Braga, levou a bandeira nacional pelo sertão dentro, desde a Beira até Senna por Massikessi e pela Gorongosa, e levou-a sempre honrada pelos que a seguiam e respeitada pelos que a viam passar. Não travou combates, porque se lhe não depararam inimigos, não

fez conquistas, porque só a diplomacia disputava já dos territorios, mas restabeleceu o prestigio da auctoridade portugueza aos olhos dos indigenas, que, espectadores ou sabedores da traição do Mutassa, do abandono de Massikessi, da retirada da Companhia de Moçambique, do de-

sastre do Chire, iam já crendo que ella abandonara o paiz a esses estrangeiros louros de uniformes côr de grêda, esses *ingrezes* temidos e odiados apesar do seu ouro, que por parte a parte fervilhavam, surdindo á beira dos rios e no recesso das florestas como se rebentassem da terra e da agua. Além d'isso, fez a experiencia da aptidão do soldado europeu para o serviço em Africa, e demonstrou que Portugal não tem o seu dominio ultramarino fiado só de obediencia e sujeição dos indigenas, demonstração esta de que o governo da metropole podia, se quizesse, tirar deducções praticas tão beneficas para ella propria como para os paizes africanos que tutela.

Ao cabo d'um grande estacionamento

doentio, indisciplinador; deprimente, ainda os bravos de Souza Machado se arrostaram com as fadigas d'um percurso de milhares de kilometros pelas bravezas do matto, sempre firmes, pacientes, corajosos, e, descendo o Zambeze, desembocaram em Quelimane ufanos da sua lealdade ao dever, contentes por *terem feito alguma cousa*: o que se não poderia, pois, ter emprehendido e realizado com o corpo expedicionario todo ainda animado pelos estimulos da partida?!

Não teria, certamente descravado a bandeira ingleza do planalto de Manica, que nem esse ruidoso feito lhe havia sido incumbido;

mas saberia manter em respeito o indomavel leopardo, poderia ter, — como se projectara — firmado a nossa bandeira em regiões onde a desacata-vam os proprios potentados indigenas.

Perdeu-mais uma oportunidade, que talvez nunca volte de metter em uma jaula, para o exhibir na Europa, o

perverso, o refalsado, o calamitoso Gungunhana, e de conquistar, realmente, o paiz de Gaza, para compensação da perda das margens do Sair!

•••

Ao tempo da minha primeira visita á Beira o corpo expedicionario tinha destacamentos estacionados em Neves Ferreira e em Mapanda; visitar tambem essas estações dava-me ensejo para conhecer o Pungue, em toda a parte do seu curso navegavel durante a estiação.

O que me custou a obter meios materiaes para realizar essa viagem com a rapidez, que a multiplicidade das minhas commissões me impunha!



GOVURO — RESIDENCIA DE BARTHOLOMEU DIAS

O serviço das communicações, officiaes e militares, do porto com as testas da via terrestre para Manica tinha sido feito durante algum tempo, pelo *Bufalo*, um vapor de rodas, comprado pelo governo na provincia do Natal, a que os marinheiros pozeram a alcunha de o *Paradas*, embarcação velha, alquebrada, pesada, que devorava carvão como se tivesse rombos no fundo por baixo das fornalhas, e que n'aquelles tempos, não podia expôr-se á ventania sem perigo de lhe desabar sobre o convés a chaminé da machina, adelgada, já esfuracada como se fosse de gase. Tinha tanta quilha que só podia subir até Neves Ferreira com aguas de cheia e se encalhava quando as marés decresciam ficava quinze dias atascado, como já lhe succedêra; comtudo lá ia em casos de urgencia, sonda aqui, sonda acolá, pegando-se agora, pondo-se logo a nado. Ultimamente, porém, parára por falta de carvão, por falta de gente de fogo, por todas as faltas possiveis, e era substituido nas carreiras por catraios á vela, mais experimentados nas travessias do Caes do Sodrê para Cacilhas do que na navegação africana, e por lanchas tripuladas por indiginas que ao pôr do sol se atracavam á margem esperando correntes a favor para nadarem, estavam á mercê dos caprichos dos ventos e das bebedeiras dos arraes, e levavam ás vezes semanas inteiras para transporem cincoenta ou sessenta milhas de rio. Não me convindo estes meios de transporte, demasiadamente aventureiros, e querendo poupar-me ás delongas de trez ou quatro dias de jornada por terra, vasculejado n'uma *machila*, recorri aos bons serviços do *Almirante*, um escaler a vapor que fôra d'um paquete da Mala Real, solido, veloz, esbelto, obtendo-lhe carvão, fogueiro e chegador emprestados pelo commandante do *Euxène* — um bom marinheiro e um francez primoroso, que, desgraçadamente enlouqueceu depois, no vigor d'uma existencia prestimosa!

Relato estas particularidades para dar idéa do estado dos serviços publicos na Beira; narrarei as peripecias da viagem para descrever as condições de navegabilidade do Pungue e da habitabilidade das suas margens.

Larguei do portaló do *Euxène* pelas 9 horas da manhã com o coronel Azevedo Coutinho, um tenente de engenharia, os meus secretarios Raul Machado e Leotte do Rego o commandante francez, o pobre Pierre Marchand, que se tentara com as seducções d'uma caçada aos bufalos e antilopes. Acompanhado por dois marinheiros, não cuidara de metter a bordo um pratico do rio; elles acertariam com os canaes guiados pela carta hydrographica, levantada poucos an-

nos antes pelo tenente Fontaura. Aquillo não era viagem, era um passeio fluvial, que, diziam, nos devia levar seis horas, empurrada a machina do *Almirante* pela enchente impetuosa, que não tardaria a engolphar-se por entre o mangal das ribas; no dia seguinte á noite estaríamos de volta, tendo-n'os sobrado tempo para uma dilatada excursão terrestre.

N'esta confiança partimos, mas, porque a maré vasava ainda, cuidámos nunca acabar de sair do porto! Por mais que a helice volteasse atarefada não perdíamos de vista pela pôpa a mancha cinzenta do acampamento alastrada no areal do Chiveve, os mastros da *Magiconcea* riscados no azul sujo do mar, o fumo branco da chaminé do *Agnes*, acceso para a mesma navegação que nós emprenderamos; d'um e d'outro lado julgavamos distinguir sempre as mesmas arvores, nas duas interminaveis fitas de mangal, de altura tão uniforme como se as tivesse aparado thesoura de jardineiro, que guarneciam um estuario enorme, liso e estanhado ás margens, e acarneirado ao centro, com pequenos flocos brancos a rebentarem furtivos das velas enlameadas. Só quando se quebrou o impeto da corrente, começámos a passear ao largo d'uma enfiada d'ilhas, que mais parecia grandes tufos de vegetação crescida do leito do rio; depois veio improvisamente a enchente, ferrou as espaduas á pôpa do *Almirante*, e n'um relance desapareceram Beira, porto, navios, primeiras ilhas, e descobriu-se, na margem direita, um areal amarello em que se moviam uns vultos brancos de neve. Uns vultos assim já haviam causado um alarme no acampamento; os soldados tomaram-n'os por inglezes vestidos de branco, e já corriam ás armas, quando um dos suppostos inimigos levantou-se da praia, abriu azas e tomou vôo. Eram pelicanos absolutamente mistraes.

Navegavamos cautelosamente, apesar de parecer grande o volume d'aguas que sulcavamos; o tenente Leotte ia ao leme, e ao pé d'elle Marchand não desitava os olhos da costa. Todavia, subitamente, n'uma grande largueza, uma largueza de mar, sentiu-se o escaler raspar com a quilha uma superficie aspera que o estremecia todo e fazia quasi estacar na carreira: tinhamos encalhado, precisamente onde o tenente Fontaura marcára um fundão de algumas braças. Andá a ré, allivia de prôa, pega nos croques, finca os remos, manobra d'aqui e d'ali, só pudemos safar-nos com a ajuda da maré, mas ficámos desnorteados. Se o leito do rio já não era como o pintava a carta, como havíamos de achar o caminho? Examinando os tons da agua, calculando os prolongamentos das co-

rôas d'areia que ainda estavam descobertas, attendendo na carta das margens, lá fômos avante, descrevendo curvas e zigue-zagues, atravessando d'uma praia para a outra, avançando para depois recuar, tocando a miude apesar das precauções e da experiencia dos mareantes. O rio continuava a ser largo de ribas chatas, vestidas de mangue e despoçadas, tortuoso, lodoso, descobrindo a espaços banquetas atapetadas d'uma relva inteiramente verde. Tinhamos enxergado cabeças de hyppopotamos, boiando no meio de grandes ondulações circulares, que não tinham dado mostras de perceberem que Raul Machado lhes enviava inoffensivas balas explosivas, da sua *Winchester* inexperience.

N'isto despontou pela nossa esteira o *Agnes*, o pequeno vapor de rodas que fazia carreiras para Neves Ferreira, por conta dos inglezes, com a bandeira ingleza arvorada. Vinha aos bordos, bordos d'um a outro lado do rio, como um ebrio a tomar a rua toda, mas não encalhava. Sentimo-nos vexados. Passou perto de nós, sem dar signal de ter visto as côres portuguezas, que o *Almirante* levava arvoradas, e do alto da ponte fômos mirados com desdenhosa curiosidade por tres ou quatro japeiros britannicos, de botas d'agua e pescoços desgravatados. Guiámo-nos um instante pelo seu rumo, mas não tardou a esconder-se n'uma volta do rio, que já antes começára a approximar as margens e a torcer-se e retorcer-se, no meio de planicies cobertas de estiva secca, por cima das quaes se descortinava, muito ao longe, uma lombada encinzeirada. N'essas mesmas terras nem viva alma. De milhas a milhas davam signal de existencia humana espessas columnas de fumo, que vinham de incalculaveis distancias, em torvelinhos trazidos pelo vento toldando o azul fechado do céu e a derramar sobre nós poeiras de palha carbonizada. Lavradores indigenas faziam *queimadas* para limpar e adubar as terras.

Em tentamens e encalhes passámos as horas todas que devia durar a viagem, e outras e outras, arrastados, monotonizados pela monotonia do rio, que só variava em largura e direcção, e das margens apenas mudadas para nos offerecerem á vista, em vez do fatigante mangue, que nos acompanhára muitas milhas, arvoredos de mais caprichosas fórmas, mas igualmente desgracioso e feio. Virou a maré e mais nos atrazou o andamento. Estoques d'agua, apontados d'uma e outra riba recortadas, que aqui amontoavam detritos, além desgastavam taludes, desviavam o *Almirante* das linhas sinuosas do canal.

Vcio a tarde, esbateu-se a luz, começaram as aguas a tomar tons de chumbo derretido, alizado e polido na sombra da vegetação marginal. A solidão repassou-se da tristeza do crepusculo. Enormes bandos de aves, que todo o dia tinhamos visto espanear-se na luz doirada, vieram pousar nas arvores descrevendo circulos, chamando-se com gritos agudos, com grasnidos roucos, com pipilos suaves, e ramarias collossaes cobriram-se litteralmente de plumagens matisadas. Garças esbeltas, corvos empennachados, gigantes pelicanos tocando castanholas com os bicos disformes, cegonhas de compassado adejar, nuvens de passaros gorgeantes vogavam nas ramadas, agitando as folhagens n'um rumor de ventanias em busca de conchego, e fitavam no nosso escaler olhos redondos curiosos, mas sem susto, porque o descostume de vêr homens desacautelava-os da maldade humana. E nós não lhes quisemos dár má idéa da nossa raça. Deixámos quietas as espingardas, respeitando a innocente confiança da natureza.

A' bocca da noite, tornámos a vêr o arrogante *Agnes*. Tinha fundeado não se atrevendo a procurar o caminho sem auxilio do archote do sol. Navegava sempre assim cautelosamente, mas nem essa cautela nem a experiencia do seu capitão o salvaram de se cravar de tal modo n'um banco do rio de formação recente, que não houve safal-o. Lá ficou, lá está; passeiam-lhe na ponte os jacarés e dão-lhe trombadas os cavallos-marinhos. E embora não lhe advinhassemos este destino, passamos por elle triumphantes, bandeira ao vento, ufanos de caminhar sem carta, sem pratico, sem sequer saber onde era Neves Ferreira, através da noite e do desconhecido.

Logo adeante, um incidente de navegação aguou-nos a prosapia. Felizmente que nenhum inglez nos via!

Tivemos de parar, de apagar o fogo, porque tinham caído grelhas da fornalha. Gastámos horas a remediar o desarranjo, depois a fazer vapor. O fogueiro francez tinha as mãos tremulas, porque todo o dia se esmerára, talvez por cortezia em provar-nos que não é verdade que os estrangeiros desgostem das nossas zurrapas nacionaes. Fechára-se a noite, escura, escura como o fundo d'um pégo. Não distinguimos as margens, senão porque os recortes dos arvoredos tapavam as estrellas. Não tinhamos luz. Apenas se percebiam, no negrume do espaço clarões longinquos de queimadas vermelhas. Ainda parados ouvimos um chape-chape d'agua cadenciado, como de remador; depois julgamos perceber um susurro de vozes nas trevas.

— Quem vem lá? quem vem lá? bradámos. Tivemos um sobresalto de alegria ouvindo uma voz potente, que fez écco, uma voz de corpo invisível responder de longe:

— Gente portugueza! Precisam d'alguma cousa?

Era um catraio com soldados do corpo expedicionario, que descia para a Beira.

— Ainda estamos muito longe de Neves Ferreira? indagamos.

— E' ahi adeante, passadas tres voltas do rio.

— Bôa noite!

Não intrevimos sequer os nossos interlocutores. Renovou-se o chape-chape, foi-se emmudecendo, perdendo na distancia. Pouco depois, tendo já pressão, quizemos andar. Na prôa do escaler fundeado havia-se atravessado um montão de ramos de arvores, molhos de palha, fachinas, lixo arrastado pela corrente; custou a remover o obstaculo; desembaraçada a corrente, tentou-se alar o ferro, mas não houve forças que o demovessem do fundo. Puxava tudo, puxamos uns pelos outros, experimentaram-se todos os meios de o soltar, e nada! Resolveu-se deixal-o com a sua corrente, e mettemos-nos a caminho. Tinha-se-nos esgotado a paciencia. Eram mais de 10 horas da noite. Estavamos famintos e arrefecidos; caia uma cacimba fina, penetrante, que varava as roupas. Sentimos um phrenesi imprudente de chegar. Com as fornalhas atafalhadas de combustivel, a pressão no maximo, largámos por ali aëima a todo o vapor, apesar de se não vêr um palmo adeante do beque, e o rio ser estreito, tortuoso, atravancado. O commandante do *Euxène* estendido de bruços á prôa, com os olhos arregalados, sondava as trevas, procurando advinhar o caminho pela escuridão mais fechada das margens e por alguma reverberação de estrellas na agua, e ia gritando de lá ao tenente Leotte como havia de manejar os gal-dropes do leme. Resfolgava a machina, a chaminé coroava-se de clarões avermelhados, as pancadas rapidas do helice eccoavam sur-

damente nas ribas, e a voz de Marchand repetia incessantemente, no silencio da natureza: *babord tribord! encore! babord! Assez!* O Almirante descrevia curvas sobre curvas, obediente como um cavallo fino, rapido, esbaforido, levantando cachões. N'aquella correria cega podiamos d'improviso galgar por cima d'um banco, esmagar a prôa n'uma ponta da margem, e lá estavam os corcodilos a espreitar-nos debaixo d'agua; á flôr d'agua, porem, repassava-nos a cacimba, e as fricções de ar deslocado já nos davam calefrios.

Mas onde era Neves Ferreira? Sabiamos que apenas uma grande arvore a assinalava sobre o rio, e nem uma montanha eramos capazes de distinguir na opacidade da noite. Se já a tivéssemos deixado pela pôpa fóra? Pozemos a machina a apitar, estridente, incessante na esperança de acordar os habitantes do lugar e attrahir alguém á margem, e continuámos a correr, *babord, tribord, tribord, babord*, esfregando os olhos até verem chispas. Finalmente pareceu-nos vêr bruxolear um ponto luminoso á esquerda, muito acima do nivel do rio, apparecendo, sumindo-se, tornando a apparecer: seria uma estrella, luz d'alguma choupana de negros, lanterna de boa alma que nos acudia? Estrella não teria aquelle clarão amarelento e fixo, nem cresceria assim! Um som de voz humana, distante parecendo inarticulado, acabou de nos tirar das duvidas; repetimos os apitos, gritámos, e pareceu-nos ouvir um *quem vem lá?* sumido. Instantes depois, paravamos junto d'uma margem alta, cortada em rampa, sobre a qual a claridade d'um lampeão nos mostrava um homem de pé, debaixo d'uma arvore colossal. Em baixo estavam atracados uma lancha de carga e algumas almadias sem tripulantes.

— E' aqui Neves Ferreira? gritámos.

Era.

Marinhámos ás apalpadellas, aos tropeções por uma rampa escabrosa. Passava já da meia noite.

(*Continúa*).



A Architectura

da Renascença

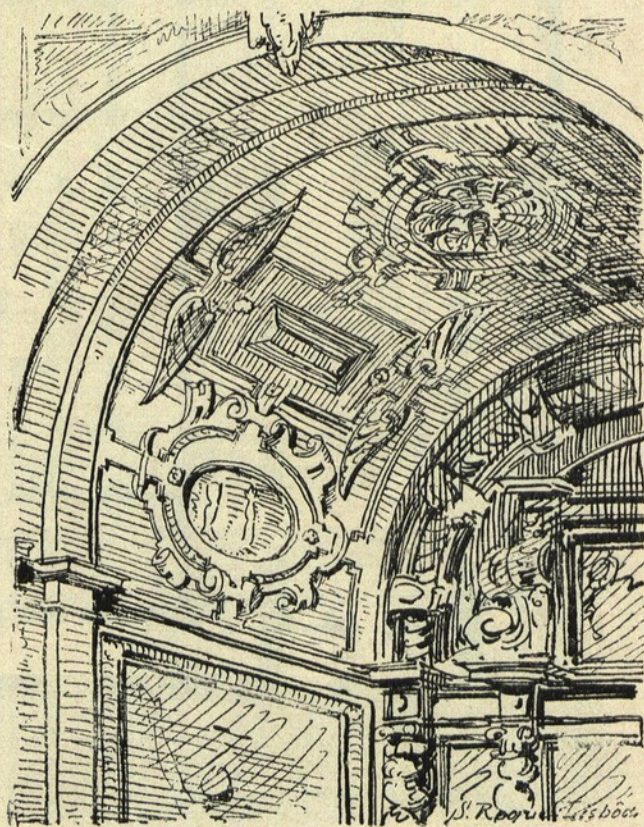
em Portugal POR ALBRECHT HAUPT

Egreja de S. Vicente de Fóra. Egreja de S. Roque. Egreja de Nossa Senhora do Loreto. Egreja dos Anjos. Convento de S. Bento. Egreja de Santa Engracia. Capella de Santo Amaro em Alcantara.

DAS egrejas d'aquelle tempo e d'aquelle estylo, que deixamos apontadas, é S. Vicente de Fóra a terceira, levantada no lugar d'um dos mais antigos templos de Lisboa e construida com muita rapidez no reinado de Filippe II, sendo tambem a mais bem conservada. Existe, na real bibliotheca nacional de Lisboa, a planta original com a assignatura autographa de Filippe II, em 1590, na qual tambem se acha designada a egreja velha que devia ser demolida, e cuja planta está traçada ao lado da novamente a construir. Essa planta é desenhada por um tal João Nunes Tinouco,¹ em quem, como já dissemos, se deve vêr um collaborador de Terzi.² A mesma folha tem ainda uma variante da planta.

S. Vicente, é como Santo Antão, uma imponente edificação com cupula na nave transversal e com duas torres no lado occidental. O terremoto abateu a abobada da primeira, a qual posteriormente foi substituida por uma cupula plana de madeira, conservando-se ainda a parte inferior do tambor. No resto esta egreja apresenta, em seu interior, a imagem do que foram as outras duas, posto que não atinja a grandeza de Santo Antão. E' formada de tres compridas naves com duas filas de capellas, um magnifico cruzeiro e um côro profundo e rectangular, tendo atrás do altar-mór o côro de psalmodiar. A grandiosa abobada de berço, em caixotões de marmore branco e preto, repousa sobre uma ordem imponente de pilastras da maneira já descripta na de Santo Antão. O effeito do interior é dos mais nobres em

territorio portugûes, talvez mesmo na Europa. A fachada tem, como em Santa Maria do Desterro, duas ordens de pilastras sobrepostas com um atrio no pavimento infe-



Decoração em estuque da abobada de uma capella de S. Roque

rior entre duas torres pouco salientes. Para cima da cornija principal, estas passam á fôrma d'octogono e terminam em graciosas cupulas e arremates. A fachada que se ergue

sobre uma majestosa escada, produz pela sua nobreza e pela sua nitida formação um bello effeito impressivo, o que mais profunda-

e severas de fórmulas, que mostrem principalmente tão harmonioso effeito entre o interior e o exterior e nas quaes o problema de construcção de architectura religiosa em estylo da renascença obtenha resolução tão completa.

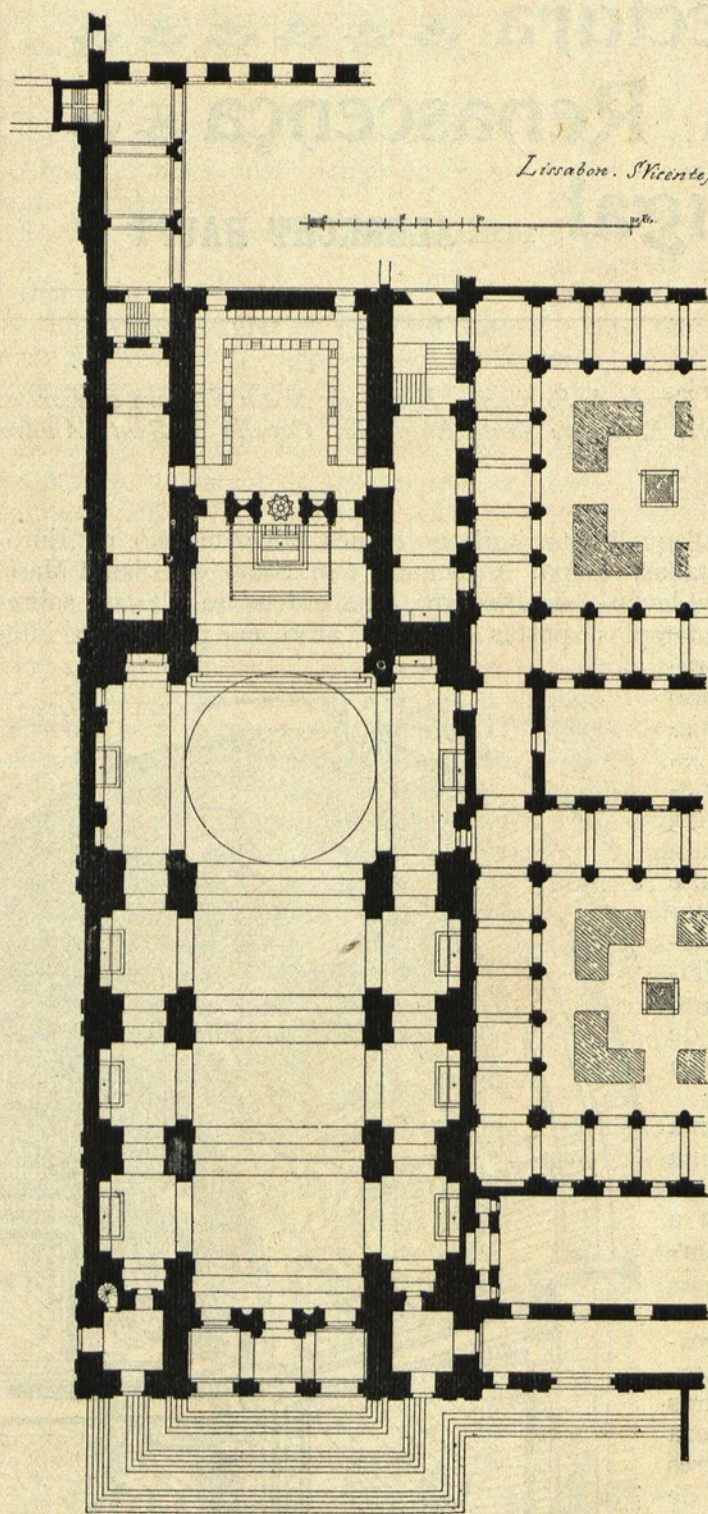
Constitue a fabrica do mosteiro, junto á igreja de S. Vicente, uma serie de edificios que fazem parte da planta original; são notaveis as galerias dos patios interiores divididos por pilastras e columnas. E' muito interessante a sacristia terminada mais tarde com o seu trabalhado mosaico de marmore; decoraçáo muito habitual aos seculos XVII e XVIII como já dissemos a respeito de Santo Antão. Tem ella uma simples architectura de pilastras e de arcos, cujas superficies são cobertas por ornamentações em marmore da mais variada e da mais rica incrustação. O effeito é ao mesmo tempo gracioso e magnifico. Além d'isto, todo o mosteiro encerra assombrosa riqueza em azulejos, que rebrilham nos corredores e nas escadas. São, na sua maior parte, do meiado e fins do seculo XVII.

E' S. Roque, a igreja dos jesuitas, a qual em 1566, no reinado de D. Sebastião, foi fundada com grande pompa, um outro templo importante do mesmo estylo e provalmente do mesmo architecto. Durante a sua construcção foi deliberado levantar o todo em uma só nave e fazer-lhe o tecto de madeira. Este ultimo trabalho era com effeito considerado muito difficil; e talvez, porque as madeiras de construcção eram já ao tempo na peninsula iberica material de elevado custo e, no comprimento tão longo quanto era necessario, parecêra como irrealizavel. Diz a tradição que para vencer esta difficuldade fôra mandado por Philippe II um architecto. Vieram d'Allemanha as madeiras para aquella cobertura. Em 1575 a igreja estava construida até a cornija principal. Como se sabe

mente faz sentir a ruina das duas outras igrejas.

Em nenhuma parte se encontram igrejas da renascença da ultima época tão perfeitas

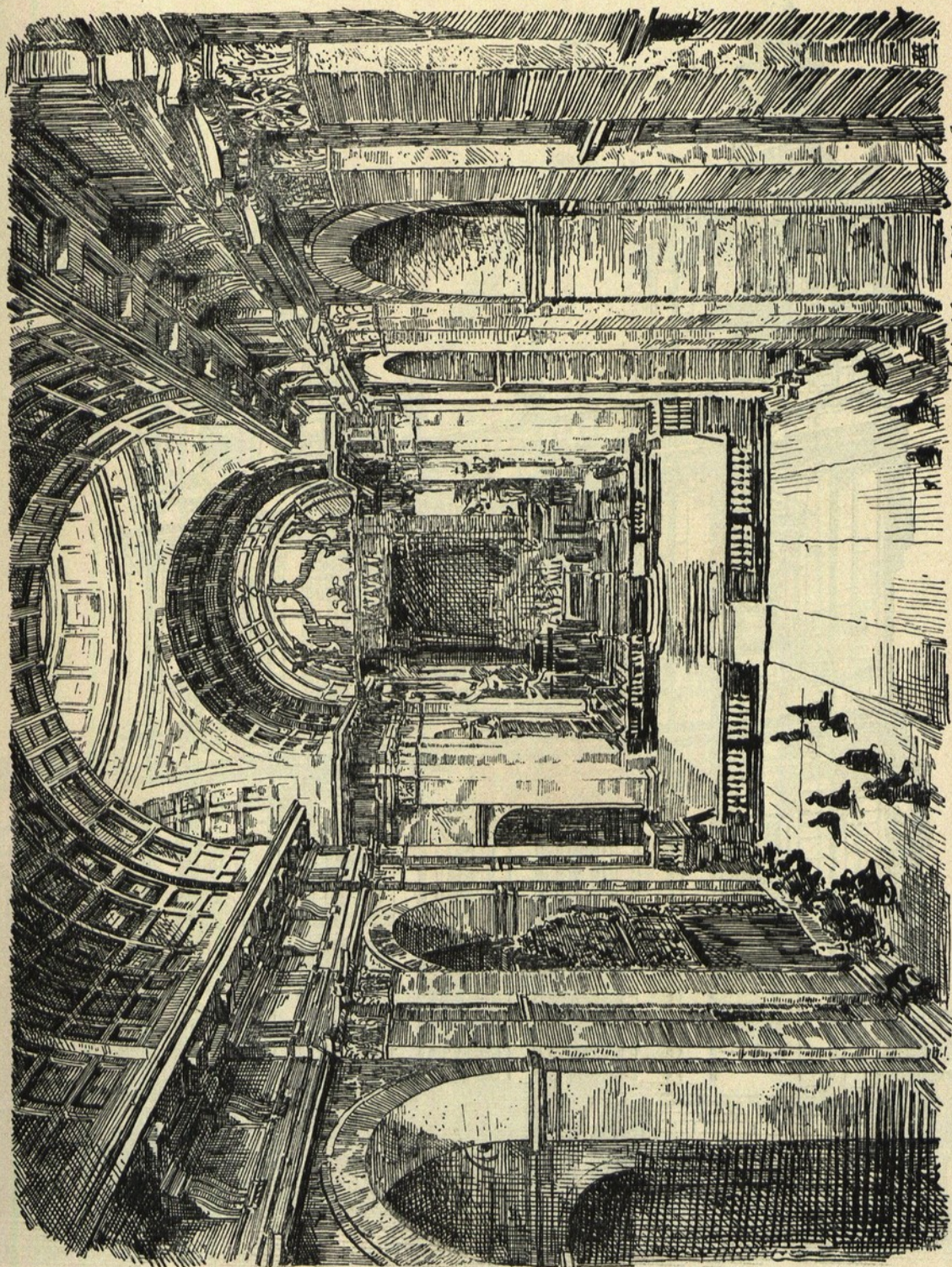
que Terzi se associou a este trabalho, e que elle veio para cá proximo de 1570, pôde considerar-se que elle foi o architecto de especial competencia d'este templo, talvez



Planta de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, segundo desenho original de Tinouco

mesmo aquelle que foi enviado por Philippe II, sobretudo recordando-se que houve também um tal Terzi ao serviço do tio d'aquelle

doricas, sobrepostas em dois pavimentos, corôada d'um frontão deprimido, compõe a sobria fachada com os seus tres portaes italianos



Lisboa. S. Vicente fóra

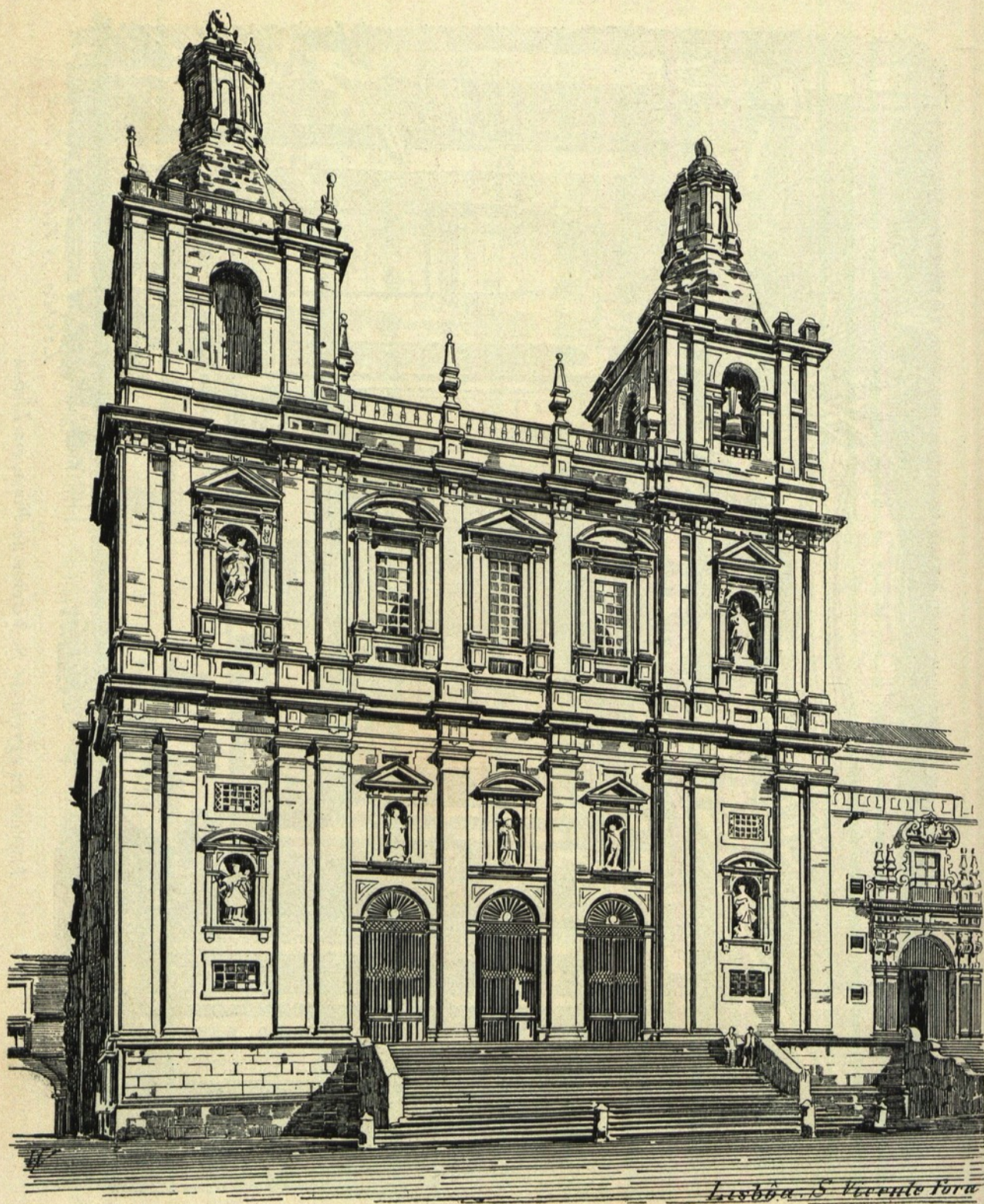
Interior da egreja de S. Vicente de Fóra, em Lisboa

monarcha, o archiduque Fernando, como atrás se deixou dito.

A egreja de S. Roque, é formada por uma nave imponentemente larga de cobertura plana com cinco capellas rectangulares de cada lado. Uma simples architectura de pilastras

e com janellas simples por cima d'estes; o frontão parece ter sido restaurado depois do tremor de terra. O interior é dividido por pilasstras toscanas, que supportam as arcadas das capellas. Por cima das aberturas d'estas ha de cada lado cinco janellas, com paineis nos

intervallos. O tecto de esteira em madeira é adornado com uma grandiosa pintura de perspectiva architectonica, ao centro da qual ria para o orgão, repousando sobre duas columnas doricas. O tecto plano do vestibulo por baixo d'essa galeria é de madeira e or-



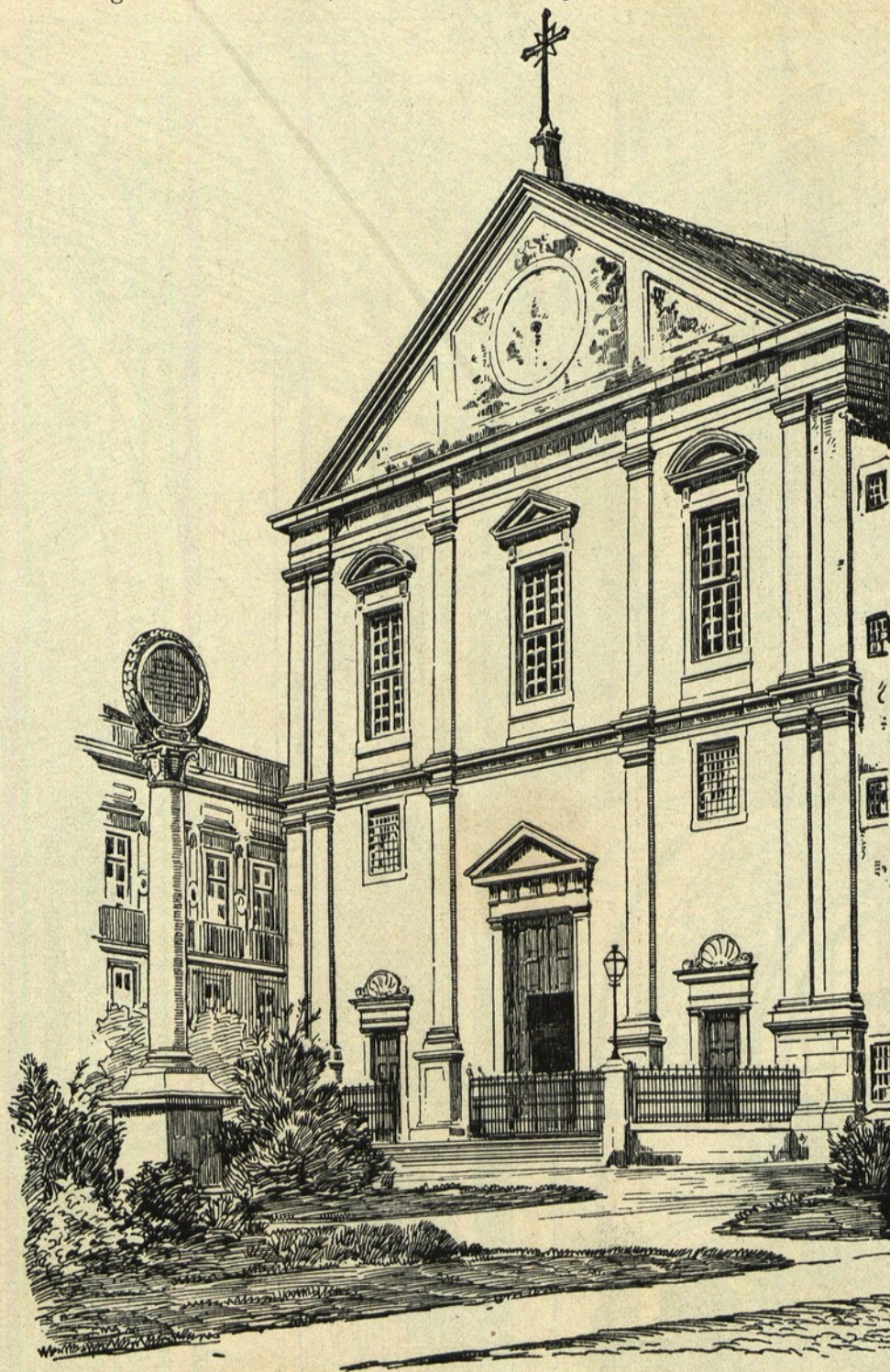
Fachada da igreja de S. Vicente de Fóra, em Lisboa

se vê a glorificação da cruz; póde ser original, porém não denuncia um artista extremamente habil e seu estylo é pouco interessante. No lado occidental está uma gale-

riente para o orgão, repousando sobre duas columnas doricas. O tecto plano do vestibulo por baixo d'essa galeria é de madeira e ornamentado com uma rica pintura: um apainelado pintado de ouro e branco com encantadores ornatos em grotesco. As paredes inferiores d'este são recobertas de azulejos de

azul e amarello sobre fundo branco (em caixas facetadas e quadrados ornamentaes); em geral a architectura e a decoração d'este portico é de uma grande delicadeza; os azu-

ser citada em especial. Aqui salienta-se a esplendida decoração do roda-pé em azulejos, a mais fina no seu genero em Portugal. Ricos e elegantes ornatos da Renascença em



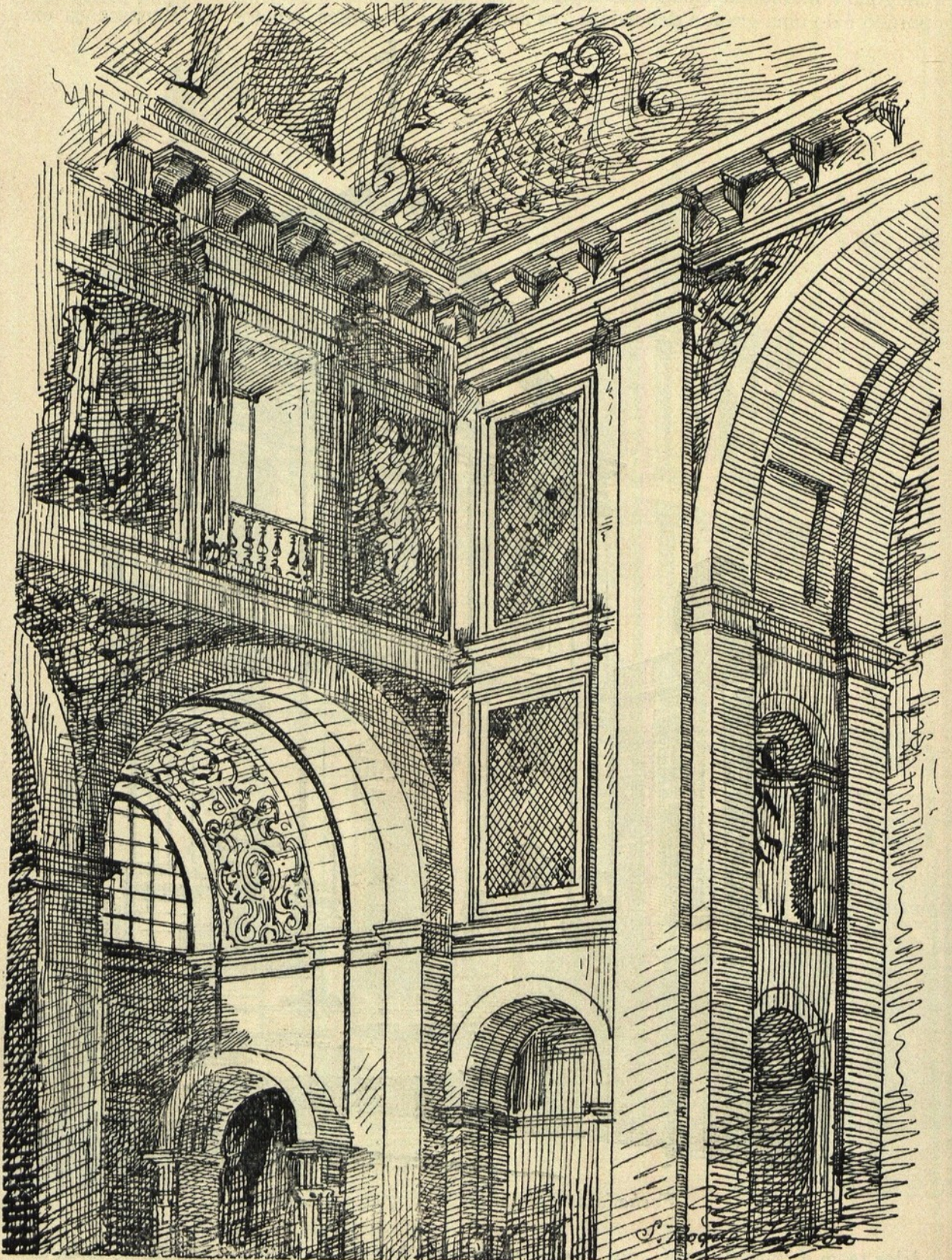
Fachada da igreja de S. Roque, em Lisboa

lejos teem a data de 1596, por conseguinte provavelmente a do acabamento da igreja.

O restante adorno do interior restringe-se á decoração das capellas, das quaes a terceira da direita, dedicada a S. Roque, póde

grande escala e d'uma execução perfeita, desenhados a azul sobre fundo amarello. São marcados com o nome de Frco. de Mattos 1584. As outras capellas mostram em identico lugar mais recente uma luxuosa deco-

ração em mosaico de mármore, principalmente a primeira e a quarta capella á direita parte inferior do altar executadas com extraordinaria delicadeza. São do seculo XVII;

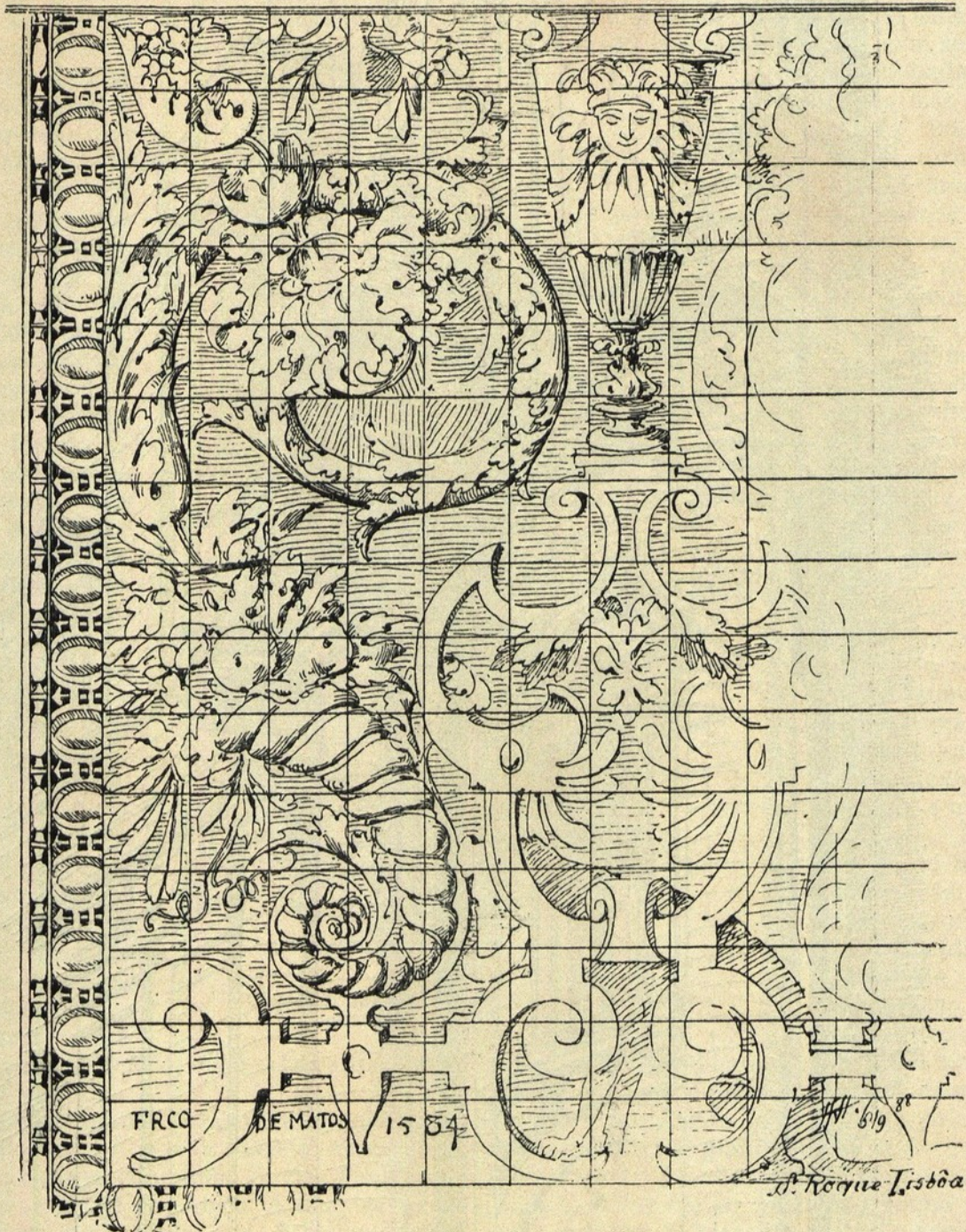


Trecho de mosteiro da igreja de S. Roque

e a terceira á esquerda. Tem estas ornamentações de pedestaes, da balaustrada e da primeira capella da direita tem a data de 1634-35; a segunda de 1635; a primeira da

esquerda 1634, e a terceira d'este mesmo lado 1613. Os altares d'estas capellas são feitos em parte de talha dourada, no estylo da Renascença, apresentando uma grandiosa ar-

estructura em diveisas ordens sobrepostas, e deve ser do principio do seculo xvii. Mesmo as abobadas das capellas são em parte ornadas com talha dourada. A da capella á direita e

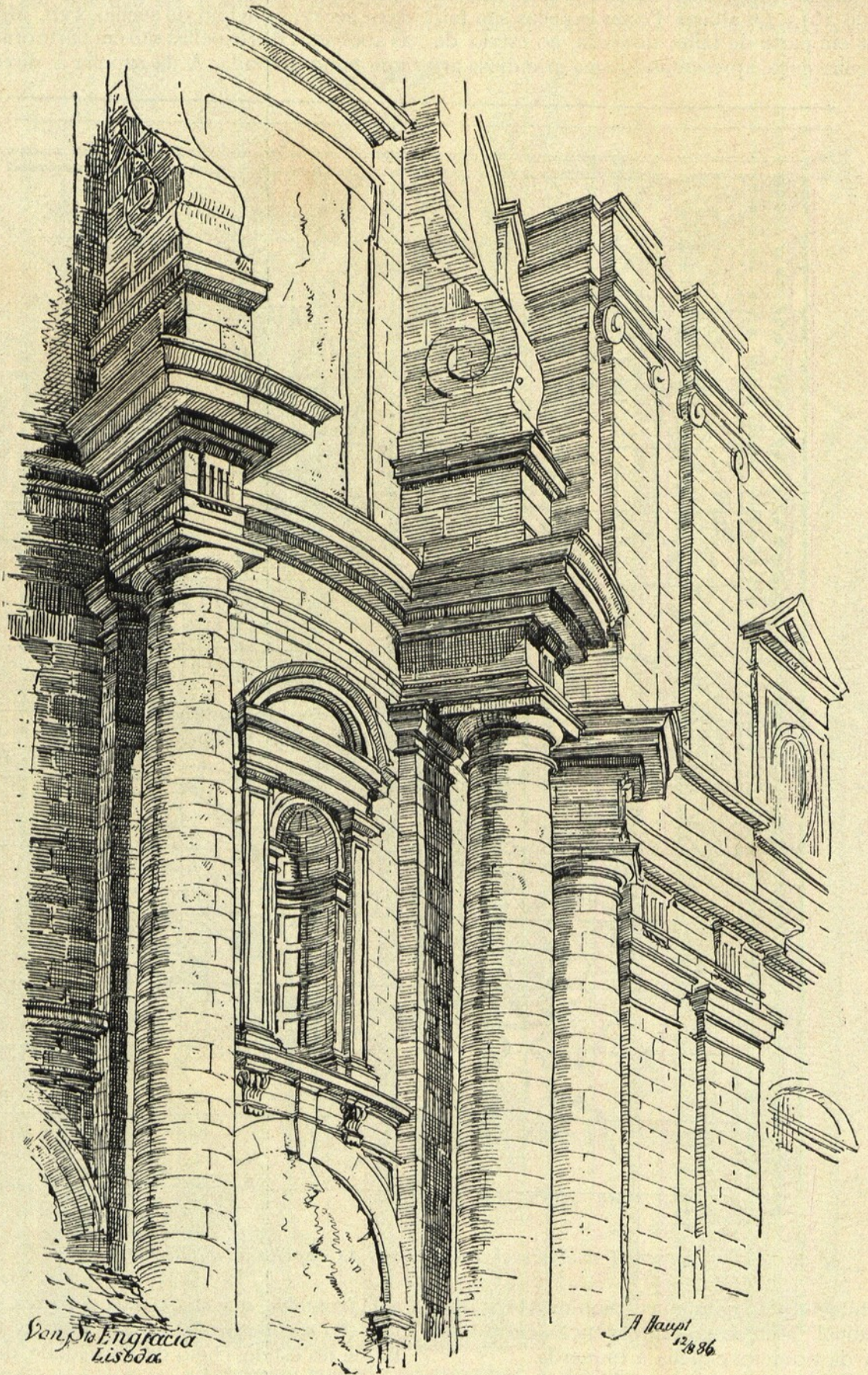


Desenho ornamental dos azulejos da capella de S. Roque

chitectura de columnas como moldura d'um painel. Merece especial menção entre todos o da primeira capella á esquerda.

O altar-mór, n'um nicho encerrado entre grandes pilastras, vem juntar-se a estes outros mais pequenos com a sua mais luxuosa

a da fronteira, que dá passagem para a sacristia, são recobertas de ornamentações de estylo, cheio de vivacidade, da Renascença italiana. São um pouco pintadas e douradas decerto desde a primitiva. A apparencia da igreja é nobre e solida, embora



Parte exterior, lado da entrada, da igreja de Santa Engracia

hoje um pouco mesquinha por causa do seu tecto plano e insignificante. A parte mais brilhante da sua decoração, que é a esplendida capella de S. João Baptista, deve-a a el-rei D. João V, por conseguinte só ao principio do seculo passado (XVIII).

Um outro edificio do mesmo tempo, talvez tambem de Terzi, é o de Nossa Senhora do Loreto, a igreja dos italianos, cujos dois esplendidos portaes e cuja architectura notavel em pilastras doricas pertencem á construcção que foi acabada em 1577. Parece que os italianos teriam dado a execução da igreja ao seu compatriota que tão rapidamente se fizera celebre. Como S. Roque, este templo tinha tecto plano e capellas dos dois lados, que são aqui muito pouco fundas. A igreja foi fundada em 1517; diversas vezes destruida pelo fogo, e em 1577 acabada com todo o esplendor. Sofreu porém o maior damno em 1755 quando o incendio, subsequente ao terremoto, a destruiu quasi inteiramente, e tambem arruinou a sua magnifica, e até celebre, decoração de estatuas.

Existem ainda outras diversas igrejas do mesmo estylo, porém menos importantes, das quaes vou citar, além da dos Paulistas, a pequena igreja dos Anjos. A simples fachada d'esta faz recordar a de S. Roque; os tres portaes abrem-se dentro de uma fina moldura de pilastras de marmore e com frontão plano. No interior este edificio de uma só nave é coberto com abobada de madeira dividida por sete vezes sete paineis, com ricas molduras. A decoração é executada toda em talha dourada do seculo XVII. O altar com a sua rica architectura de columnas deve ainda

ser do seculo XVI. Devemos citar aqui o edificio das Côrtes, o velho convento de S. Bento, construido em 1598 por Balthasar Alvaros, o mais notavel successor de Terzi. A fachada apresenta resaltos nos angulos e uma imponente construcção central, com elegantes pilastras e luxuosos motivos nas janellas, que no estylo se parecem com os trabalhos de Terzi, mas no detalhe são muito mais fracos. A igreja tinha uma só nave, com soberba abobada de berço, mas está quasi inteiramente arruinada. As arcadas dos pateos são grandiosas, mas austeras e tristes por falta de architectura mais animada. Porém todo o edificio situado n'uma elevação faz um effeito imponente.

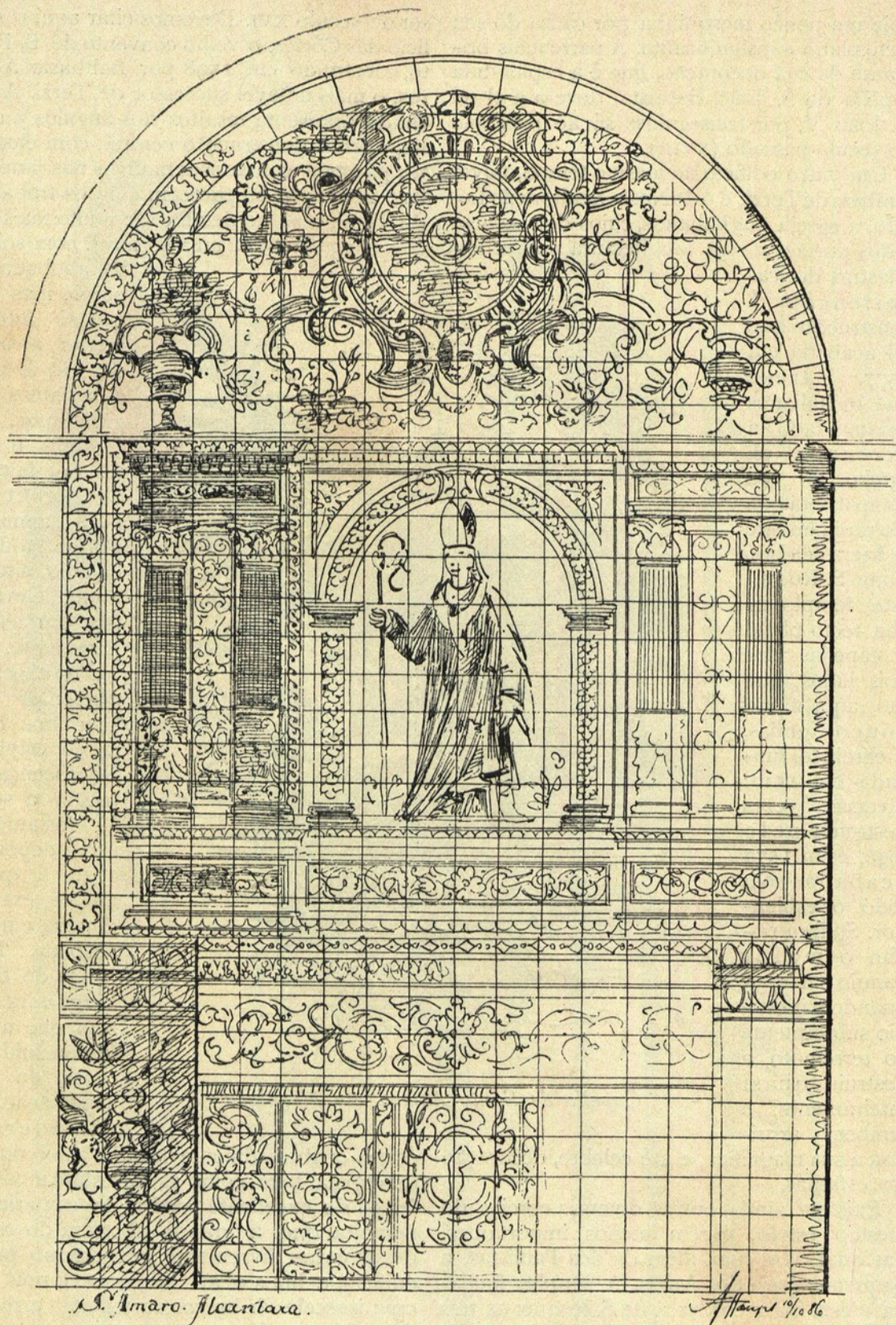
Por excepção queremos lembrar uma igreja no estylo da Renascença do tempo a seguir á restauração, isto é depois de 1640, a qual é muito extraordinaria e nunca acabada. E' a igreja de Santa Engracia. Dizem que nunca foi concluida por causa de uma superstição. Um

consideravel

corpo central sómente levado até o tambor da cupula, bem como as torres até a cornija, feitas de excellente pedra de cantaria, de maneira que, a grande abertura do centro deixa entrar livremente, sem damno para o edificio, a luz e o ar. A planta fórma uma cruz isosceles de braços curtos cujo arredondamento se vê entre as torres que preenchem os quatro angulos. Do lado occidental o braço é rodeado por um portico que na planta tem a fórma de um segmento; em frente d'elle uma columnata doricá, tambem curva e saliente, designa a entrada. O effeito do espaço no interior é um dos mais lindos n'este genero, e faz lembrar o do Pantheon; a



Capella de Santo Amaro, em Alcantara



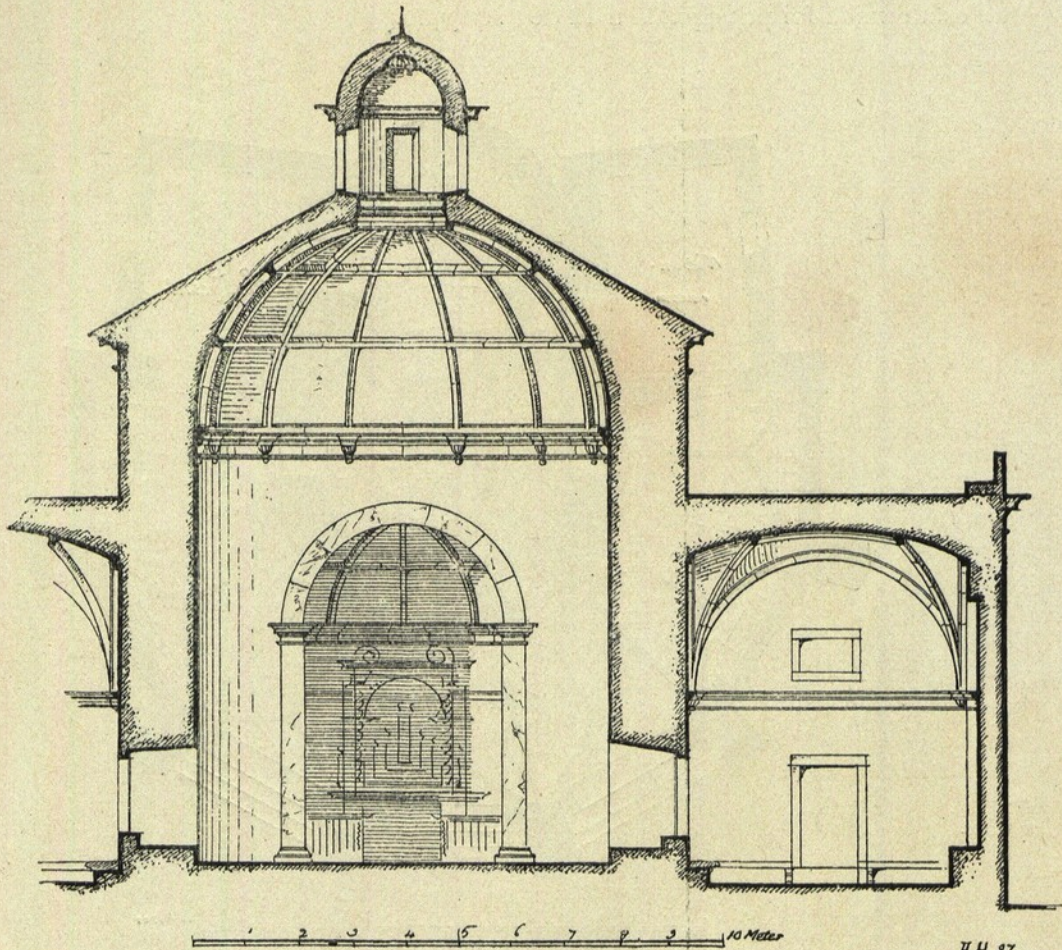
Decoração de azulejos no adro de Santo Amaro

decoração em mosaico de marmore está quasi concluída. Como já dissemos, o exterior vae até a cornija principal, de maneira que este bellissimo edificio português careceria

de poucos meios para ser concluído. Mas ainda assim affronta a injustiça do tempo e dos homens desde já dois seculos.

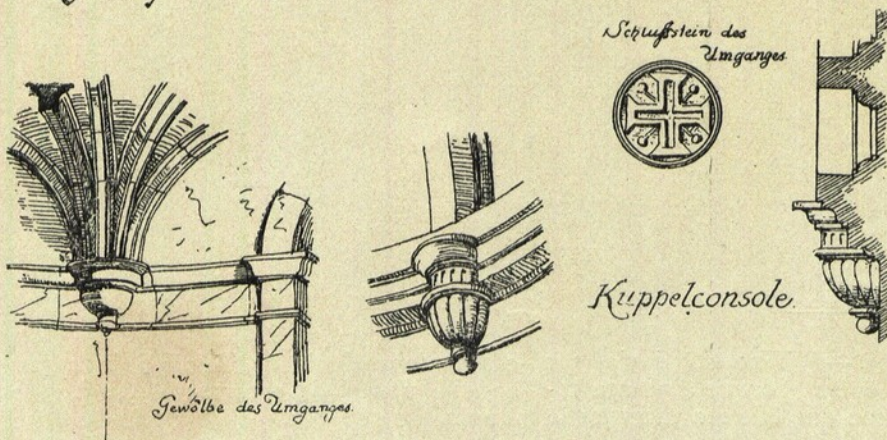
Rio abaixo, a estrada para Belem atravessa

o suburbio de Alcantara. N'este, por sobre muitas escadas e terraços, n'um alto domina a capella de romaria de Santo Amaro, uma pequena egreja redonda do anno de 1549, bertas de azulejos (talvez do anno de 1580). O maior trabalho d'este genero do tempo da Renascença. Ella contem nas paredes recurvadas do interior uma rica composi-



S. Amaro, Alcantara.

A. H. 87



Corte transverso da capella de Santo Amaro e detalhes ornamentaes

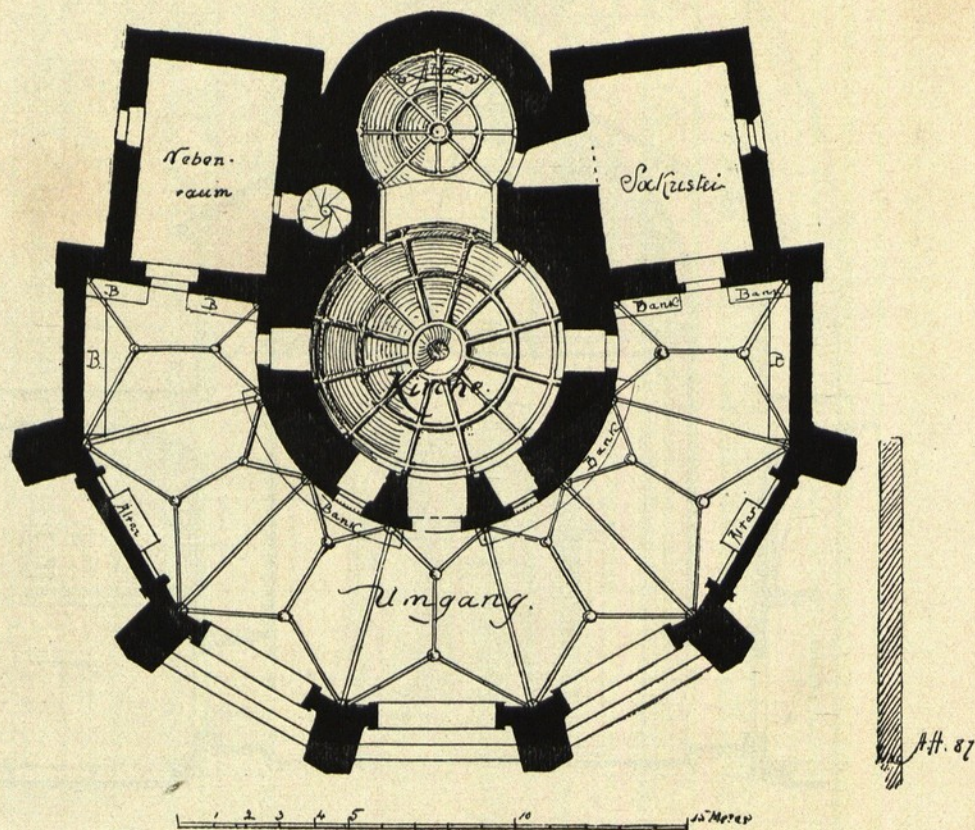
com cupula e lanterna muito simples mas notavel pela disposição curiosa. A fabrica da cupula é rodeada exteriormente e á frente por uma galeria que contorna metade do corpo central, cujas paredes são inteiramente co-

ção ornamental encerrada entre hermetas nas paredes exteriores figuras de santos em molduras architectonicas, e os altares cobertos de azulejos. A galeria abre em largos arcos sobre os terraços. A capella propria-

mente dita restringe-se ao espaço circular da cupula e lanterna para a qual abre também em arco a abside do altar que também tem sua cupula. A architectura é delicada e modesta. Como explica a inscripção por cima da porta, esta ermida foi principiada a 12 de

fevereiro de 1549. Na entrada, e por cima d'aquella, vê-se o braço da irmandade de S. João de Latrão, á qual pertenciam quatorze constructores, isto é, aquelles por cuja ordem se construiu a igreja, mencionados na inscripção.

(Continua).



Planta da capella de Santo Amaro

S. Amaro
Mcantaxa

Notas do auctor. —¹ Tinouco devia ser muito novo n'essa época, porque a planta topographica de Lisboa que elle fez mais tarde tem a data de 1650.

² Eu não quero aqui occultar que tenho especialmente n'este caso, alguma duvida quanto á qualidade de auctor fundador attribuida tradicionalmente a Terzi, e que deixo a questão indecisa, se acaso se não deva acceitar como verdadeiros creadores d'essas igrejas singulares os portuguezes, talvez o mencionado Tinouco e Balthasar Alvares, apesar da coopera-

ção testemunhada de Terzi. Seja como fôr, aquelle grupo de architectos com seu chefe é unico no seu genero, e proprio de Portugal, pois apresenta-se duma maneira independente de qualquer outra tendencia coeva no resto da Europa, tendo por isso de se considerar como inteiramente portuguezes. A assignatura de Phillippe II na planta é a seguinte: «Planta segunda do pavimento E ofecinas do mosteiro e igreja de S. Sebastião E. S. Vicente pola qual mando q̄ se faça a obra no Prado XVI de Novembro MDXC. Rey.»



MAPPA DO MEDITERRANEO

As Estradas do Mundo

O MEDITERRANEO

Summario. — Centro da civilização mundial. Problemas politicos do Mediterraneo. Marrocos, Tripolitana, Egypto, Palestina, Australia. Ambição da França, da Hespanha e da Italia. Pangermanismo e dissolução da monarchia austro hungara. Confederação dos estados slavos da provincia balkan. Projectos da Russia. Hegemonia actual inglesa.

Centro principal das civilizações mais brilhantes do Universo, o Mediterraneo, pelas suas qualidades estrategicas, mereceu, sempre, a ambição da potencia mais politicamente dominadora. A historia da França e da Gran-Bretanha é rica de factos que traduzem o intento d'estas duas grandes nações de adquirirem a hegemonia no caminho do oriente, transformando esse mar em um lago, ora francês, ora inglês. Dominado pela França, guardado em outras épocas pela Inglaterra, o Mediterraneo, economica e politicamente, tem representado um papel consideravel nos destinos da Europa culta. Sem fazermos menção das phases porque elle passou desde os periodos mais notaveis das civilizações do oriente; não nos referindo aos phenicios, gregos, carthagineses e romanos; não nos demorando no estudo da politica veneziana, da dominação hespanhola, da invasão turca, — innumerous documentos

que confirmam a verdade reconhecida da hegemonia, em cada época, de uma potencia, depois de vencidas as resistencias das outras nações, — é licito perguntar se o Mediterraneo continuará a ser, no futuro, a propriedade quasi exclusiva de uma só potencia com prejuizo dos outros estados da Europa.

Desde a batalha de Trafalgar e a queda do imperio napoleonico, ha um seculo, o Mediterraneo é quasi um mar inglês. E durante todo este tempo, sem a França a impedir-lhe o caminho, a Gran-Bretanha marcou na estrada do oriente os pontos em que lhe convinha estabelecer as suas sentinellas. Nenhuma outra nação europêa, depois de vencidas as esquadras da França, poderia defrontar-se com o poder naval inglês. Foi assim que, pela primeira vez na historia do Mediterraneo e caso unico na historia do mundo, uma nação sem ligações, sem dependencias ethnicas e geographicas com esse

O artigo que em seguida se publica, e cuja actualidade os recentes acontecimentos tornaram duplamente interessante, é o segundo d'uma serie, subordinada ao mesmo titulo geral, e tratando cada um dos aspectos geographicos e politicos das regiões e dos povos que preponderam nos caminhos da civilização. No precedente, publicado no n.º 16, o autor occupou-se da significação geographica do Mediterraneo, da descripção das suas tres bacias: mar Levantino, mar Jonico e mar Latino, das raças e povos antigos, e migração dos que marginaram aquelle mar ou se abeiraram d'aquella estrada do mundo.

mar, veiu occupar, como poder exotico, o lugar que de direito lhe não pertencia. Dos tempos primitivos até ao seculo XVIII, sempre um Estado mediterraneo influuiu hegemonicamente desde os confins orientaes até o estreito de Gibraltar. E' só com Nelson que a Inglaterra, derrubando o poder maritime da França, ganha a supremacia completa no Mediterraneo, supremacia que sustenta ha mais de um seculo.

Mas do fim do seculo XVIII até hoje, as condições da politica europêa tem-se modificado consideravelmente. Eram só duas, depois da destruição do antigo imperio germanico, as grandes nações rivaes; defrontaram-se sempre a França e a Inglaterra e os combates feridos visavam unicamente a supremacia politica, que ora uma, ora outra, conseguiu estabelecer pela força.

A Russia, a Allemanha, a Italia e a propria Austria pesaram na balança politica menos do que qualquer das duas nações tradicionalmente inimigas. Mas as circumstancias, em um seculo, variaram de um modo notavel. Grandes ambições vieram á superficie e d'este estado d'alma colectivo surgiram para a Gran-Bretanha encargos muito mais avultados e responsabilidades muito mais tremendas. A formação do imperio germanico em 1870 e a sua actual expansão colonial; a unificação da Italia feita com Cavour; o vigor com que a Russia se apresentou na politica europêa depois da guerra da Criméa; a decomposição do imperio turco e a predominação do elemento slavo; o resurgimento da França e a sua acção na Mauritania, factos dos mais notaveis na politica da Europa que arrastaram outros não menos importantes, obrigaram a Gran-Bretanha a firmar-se melhor no Mediterraneo. A tomada de Alexandria, a dominação no Egypto e a posse de Chypre foram os actos com que ella respondeu aos acontecimentos que contra a sua hegemonia se iam acastellando gradualmente.

Mas a Allemanha tornou-se, no ponto de vista economico, a grande rival da Inglaterra; a França embaraça em toda a parte os planos coloniaes da ambição inglêsa; a Italia alimenta justas pretensões em relação á Tripolitana; a Russia ameaça a todo o instante derrubar os ultimos restos do imperio turco; a Hespanha, vencida de poucos dias, phantasia reaver os seus dias de gloria nos rochedos de Marrocos. Todos estes acontecimentos, relacionados, naturalmente, entre si, tornam delicada e perigosa a posição futura da Inglaterra no Mediterraneo.

Este mar, com os paizes que o cercam cheios de ambições rivaes, encontra-se actualmente n'um periodo de vida politica como

nenhum outro, egual, mais grave existiu. E' porque n'este momento, respondendo á soberania inglêsa, as potencias que procuram ganhar forças no Mediterraneo e romper o circulo de ferro estabelecido pela Gran-Bretanha, abriram uma época de interesses politicos que a diplomacia tem de discriminar. Em toda a grande bacia do Mediterraneo surgem problemas de character internacional, uns a ser debatidos, outros dentro em pouco examinados, que hão de crear, quando resolvidos, uma situação politica de cuja grandeza e significação não se pode actualmente avaliar. Mas é de suppôr que a decadencia economica, que, desde 1885, se tem accentuado na Inglaterra, em proveito da Allemanha e dos Estados-Unidos, não pouco contribuirá para o Mediterraneo deixar de ser o dominio quasi exclusivo da marinha inglêsa. A supremacia militar soffrerá, provavelmente, com o surgir das ambições conjugadas das outras potencias.



Como estrada principal do mundo, o Mediterraneo interessa ao desenvolvimento economico de todos os Estados da Europa e principalmente d'aquelles que tem a seu favor fortes elementos de resistencia militar. França, Italia, Russia, Austria e a Hespanha, pelo seu contacto com o mar, e a Allemanha, pelas tendencias pangermanistas que se vão accentuando notavelmente, pelos interesses que representam, são, naturalmente, dentro de certos limites, as competidoras com que a politica inglêsa tem de contar, quando os problemas politicos da bacia do Mediterraneo fôrem entrando em discussão effectiva. No periodo de instabilidade politica que vamos atravessando, quando os Estados da Europa procuram alargar as zonas da sua influencia, os seus limites hão de se encontrar, o choque deve produzir-se, se uma diplomacia sagaz e certa não souber desviar os perigos que se vão accumulando em volta do Mediterraneo.

Abre-se na Africa septentrional a questão de Marrocos. Duas nações se encontram, frente a frente, na primeira linha, a França e a Inglaterra. A Hespanha approximar-se-ha de quem melhor lhe garantir as suas ambições limitadas; a Italia, de quem lhe favorecer a sua politica no Mar Jonico e na grande Cyrta, na Albania e Tripolitana. Parecem n'este momento harmonicos os interesses das tres nações neo-latinas, abdicando porém a Hespanha as suas velhas pretensões de fazer de Marrocos um simples prolongamento da Andaluzia, e contentando-se a Italia a vêr satisfeitos os seus intuitos *irredentistas* de fechar as portas do Adriatico e deixar vasar na parte

habitavel da Tripolitana a sua emigração que hoje se dilue na Argelia e na Tunisia. A França, com mais direitos do que qualquer das nações que entram no litigio, pretende firmar a sua supremacia em toda a Mauritania. Preparando-se para futuras eventualidades, vae transformando Bizerta, na Tunisia, em um dos primeiros portos militares do mundo, d'onde lhe será facil dominar o estreito de Sicilia. Tendo um vasto *hinterland*, que vae entroncar-se com as regiões niloticas e segue até o Gabão; cercado Marrocos ao sul do Atlas com linhas estrategicas que tornarão rapido e efficaz um assalto a Fez e Mequinez, as duas capitacs do imperio, a França, mediante pequenas concessões territoriaes á Hespanha, procura transformar Marrocos em um prolongamento da sua provincia argelina. Ficar-lhe-ia pertencendo então um terço da Africa e as chaves do Mediterraneo não estariam, exclusivamente, nas mãos da Inglaterra.

N'esta trilogia de interesses não se sente se não vagamente a vontade da Allemanha. Convem-lhe que a França e a Inglaterra se digladiem; deseja que o problema marroquino permita á expansão allemã ser auxiliada pelas duas partes inimigas, animando ora uma, ora outra; e, declarando que a intervenção allemã seria exotica onde a Allemanha não está, pede que se conserve o *statu quo*, até que o pangermanismo rompa caminho para Trieste, envolva na sua rêde financeira a Romania e venha a pretexto de salvar os crenes da velha Judéa, crear na Syria e na Anatolia, entre a Russia e a Inglaterra, um lugar de honra no Mediterraneo oriental. E d'este plano ainda nebuloso resulta a antipathia allemã pelo irredentismo italiano na Albania. A realizar-se a pretensão da Italia, o Adriatico estaria á mercê d'esta nação e Trieste não significaria um porto politico da nova Germania.

Mas a Gran-Bretanha, não auxiliada pela Allemanha, contando com a hostilidade russa aguentada pelos tratados que lhe não permitem transpôr Constantinopla, conserva por emquanto a supremacia politica no Mar Latino e o problema de Marrocos não se resolverá sem que ella empregue todos os seus recursos militares e toda a persistente astucia da sua diplomacia. Não parece provavel que se liquide a questão marroquina por uma simples boa *entente* entre os Estados competidores, como pedem alguns idealistas em politica internacional; nem a França se aventurará a uma empresa, na qual, se fôr vencida, perderá para sempre a sua influencia no Mediterraneo e com ella o melhor da sua obra na Tunisia e em todo o oriente asiati-

co. E' do Bosphoro, á voz da Russia, que sairá a ordem da liquidiação do imperio marroquino. Conjugam-se os dois problemas, o de Gibraltar e o de Constantinopla, e a resolução, desfavoravel para a Inglaterra, por ser quasi impossivel, por mais um seculo, a situação hegemonica d'esta potencia no Mediterraneo, dará lugar á reconstituição politica dos estados que cercam este mar. A esse tempo estará livre a estrada da Anatolia, ficará ao alcance da Europa a bahia de Koweit e abrir-se-ha o problema da India. Sabe-o bem a Inglaterra e d'ahi os recursos que semêa em todo esse caminho do oriente, sua estrada triumphal, onde, durante mais de cem annos, não teve competidores que lhe sombreassem a passagem. Gibraltar, Egypto, India e o Extremo-Oriente são marcos da sua hegemonia. Ameaçada pela Russia e pelos Estados-Unidos no *Far East* asiatico; perigando a supremacia na India com o transcaspiano e a linha ferrea da Anatolia, —que quebrará a monotonia de se vêrse sempre no golfo persico a bandeira inglêsa,—compreheende que as portas da entrada e da saída do Mediterraneo devem continuar nas suas mãos para lhe garantirem a supremacia da sua politica. Eis o que representa para a Gran-Bretanha o problema de Marrocos: será a liquidiação definitiva do seu poder maritimo ou o triumpho por mais seculos da bandeira mais gloriosa dos ultimos tempos. Questão de vida ou de morte, ella não cederá se não quando lhe faltarem os ultimos recursos, se não quando a sua politica, sempre habil e previdente, não conseguir levantar em qualquer canto da terra uma luta de interesses que desvie de Marrocos as atenções das grandes potencias.



Quaesquer que sejam os direitos historicos que pertençam ás nações neo-latinas; quaesquer que sejam as razões ethnicas e geographicas que ellas apresentem; por mais anormal que se declare o poderio exotico da Gran-Bretanha em um mar onde ella só construiu baluartes e não possui direitos naturaes, a sua posição é clara e as suas resoluções precisas e definidas. Não sairá das portas do Mediterraneo nem permittirá que ninguem a substitua no seu posto, se não quando a estrella gloriosa que illuminou a sua estrada durante seculos se apagar como a de Roma.

E a Tripolitana? Resume-se a pouco. E' n'esta parte quasi autonoma do imperio turco muito consideravel a população italiana. Sicilianos e maltêses são os intermediarios entre o commercio da Europa e do Sahará tri-

politano. As pretensões da Italia envolviam, antes de 1878, a regencia de Tunis, porém a Allemanha, querendo chamar o governo de Roma á triplice alliança, animou a republica francêsa na sua politica de expansão colonial e mostrou-se indifferente á tomada de Tunis. O protectorado francês levou a Italia a juntar-se aos imperios da Allemanha e da Austria, e formou-se d'este modo, depois da triplice alliança com a Russia, a segunda triplice alliança, com o reino italiano. Continuou a emigração para a regencia de Tunis e para a Tripolitana, e a Italia, ora animada pela Inglaterra, sem esta lhe auxiliar nenhuma das suas ambições africanas, ora contrariada pela Austria, sua natural inimiga, esqueceu o desastre politico de Tunis e voltou as suas atensões para a Tripolitana, que os mais phantasistas queriam vêr a mãos juntas com a Abyssinia e a Eritheia. Sabe-se o que foi o sonho italiano no Mar Vermelho. Mas a Tripolitana continúa merecendo todos os seus cuidados. A moderna amizade politica entre a França e a Italia, apesar da renovação da triplice alliança, é a promessa de mutuo auxilio quando se abrir o problema de Marrocos, do qual será um dos capitulos a questão tripolitana.

Conhecida a situação politica e economica da Italia que, até hoje, em nada influiu na dominação inglêsa no Mediterraneo, a entrada da Tripolitana na area da influencia de Roma não seria assumpto que preoccupasse consideravelmente a Inglaterra. Mas esta considera o problema n'uma mais larga extensão. A saída da Tripolitana das mãos turcas é um golpe rude na existencia d'este imperio e pode ser o principio da sua liquidação completa. Prevê-se com facilidade a que extremos não irão as ambições ainda comprimidas não só das grandes potencias como dos estados slavos da peninsula balkan. Essa liquidação, a que presidirá a Russia, não pode ser favoravel á Inglaterra. O Egypto continúa sendo, aparentemente, uma dependencia de Constantinopla, mas é ainda uma ameaça para a Inglaterra no dia em que a liquidação do imperio da Turquia fôr, na Europa, um facto consumado. Ora, n'essa partilha, a Italia escolheu já o seu quinhão. Qual será o da Russia? E qual o da Allemanha? A dominação italiana na Tripolitana, principalmente hoje que morreram com Crispi os projectos de expansão colonial até a Abyssinia, não seria um estorvo á politica britannica. Quer no ponto de vista militar quer pelas suas possibilidades commerciaes, a Tripolitana, em mãos italianas, seria um beneficio para o Egypto; mas essa posse, dependente ou não por interesse italiano dos problemas de Marrocos

e do Bosphoro, acarretará, provavelmente, alterações profundas na marcha politica do Mediterraneo, o que a Inglaterra deseja afastar. Mas não será impossivel que a Italia, por um accordo mutuo de todas as potencias, se aposse dos pontos que mais convenha policiar e tenha a promessa de poder subir até os primeiros relevos montanhosos, para alem dos quaes só ha planicies mortas.

Não é necessario insistir no problema egypcio. E' bem conhecida a guerra feita por Lord Palmerston ao projecto de Lesseps. O Egypto entregue nas mãos da França seria um perigo imminente á dominação inglêsa no Oriente. Mais tarde a politica inglêsa lutou constantemente de modo a ganhar preponderancia no canal, o que conseguiu, mercê da errada politica seguida pelos governos sempre instaveis da republica francêsa. Em 1882, depois da questão de Tunis e sob pretextos conhecidos, teve lugar a intervenção inglêsa no Egypto e o bombardeamento de Alexandria. O governo da Gran-Bretanha conseguiu afastar a cooperação da França por meio de ciladas diplomaticas, que esta nação, sempre receosa da Allemanha e desprotegida de allianças, quiz evitar. De 1882 até hoje a dominação, com formulas politicas mais ou menos arteiras tem-se fortalecido nas margens do Nilo. A posse d'este rio era, para a Inglaterra, não só um auxiliar da questão indiana mas um dos principaes capitulos do seu vasto plano de ligar o Delta ao cabo de Boa Esperança por estações e terras exclusivamente inglêsas. Sabe-se como a Allemanha, em 1885, contrariou esses intentos facilitando a formação do Estado Independente do Congo e encostando aos limites orientaes d'este as fronteiras da Africa oriental allemã. Mas a Inglaterra, sempre persistente, não desistiu e em vinte annos absorveu completamente o Alto e o Baixo Egypto, ganhou a região dos lagos e abriu, do lago Victoria para o Indico, a mais extraordinaria via ferrea africana, a que liga Port-Florence a Mombaça. Etribando-se no Egypto para sustentar a sua politica no Mediterraneo, conservar a supremacia na India e no golfo persico e auxiliar as suas immensas ambições em relação á Africa, a Inglaterra espreita a Russia e os passos que esta pretenda dar no caminho do Mediterraneo, annulla a politica francêsa no Sudan impedindo-a de se fazer sentir na direcção da Abyssinia, bloqueia esta Suissa africana preparando-lhe futuros golpes de mão e colloca-se, em Alexandria e em Chypre, de modo a poder verificar se são ou não felizes os intuitos da Allemanha crente na Palestina e da Allemanha commercial na estrada de Koweit.

A Gran-Bretanha não sairá do Egypto,

principalmente tendo a defrontar-se com ella dois dos mais ambiciosos colossos da Europa. E certo que a politica internacional franco-russa lhe faz recordar a promessa de que abandonaria o Egypto logo que este se encontrasse pacificado e as suas finanças restauradas. Responde então a Inglaterra que é esse o seu pensamento, e justamente n'essa altura ha um Mahdi, mais ou menos authenticico, que se presta a revoltar-se em qualquer canto do Sudan egypcio. E a Inglaterra que prometteu não sair em quanto a paz não fôsse completa, fica. E continuará ficando, como em Malta e em Gibraltar, porque assim o exige a politica britannica e é condição indispensavel da segurança do seu imperio.



No Levante teve sempre a igreja francêsa uma influencia preponderante, que a politica de Napoleão III não poudes desprestigiar, graças ao auxilio efficaz dispensado pela curia romana, principalmente depois da entrada de Victor Manuel em Roma e a absorpção dos Estados do papa na unidade italiana. Com a preponderancia do clero francês encontrava-se o christianismo syriaco dependente da influencia politica da França. A primeira triplice alliança facilitada por Crispi marcou, no seu programma de conducta, annullar a supremacia francêsa e para esse fim a Italia, cujo clero não parecia organizado no sentido de se contrapôr ao da França, trabalhou consideravelmente e conseguiu suggerir ao imperador da Allemanha uma allucinação de mando, de character religioso, que o fez julgar-se um predestinado, aquelle a quem estava reservada a missão de garantir a posteridade á terra onde nascêra o christianismo. Era, com a visão metaphysica da crença, a visão positiva do interesse politico. Firmar-se na Palestina seria ganhar o respeito do universo christão, novo papa sustentando a christandade com exercitos e couraçados. E foi assim que a Allemanha iniciou a sua politica na Palestina, vigiada, espreitada, como seria natural, pelas mais proximas interessadas, a França e a Inglaterra. E por emquanto, pelo menos aparentemente, uma função religiosa a que a Allemanha pretende na Palestina; mas, quem conhece os mysterios da politica, e não ignora como a Allemanha philosopha prepara a conducta da Allemanha *politica* e *militar*, deve comprehender que as pretensões do imperio germanico na Palestina são um aspecto da influencia que pretende ter um dia no Mediterraneo e uma sentinella que procura collocar quando estiver prompto o caminho para o Golfo Persico e as ricas pla-

nicias do Chattel-Arab estiverem economicamente nas mãos dos capitaes allemães.

N'este momento a intervenção allemã nos negocios do Mediterraneo, por serem vagos os seus intentos na Palestina, não pôde ser franca e precisa. O caminho de ferro da Anatolia, em construcção com capitaes allemães e francêses, não lhe permite uma soberania territorial; a Palestina é ainda uma provincia ottomana e a liberdade de culto permittido á igreja christã não dá direito ás nações, que gozam de privilegios religiosos, a uma intervenção politica. Mas a Turquia, mais do que a China, vae em caminho de desaggregação rapida; o antigo imperio romano do oriente volta, fragmentado, a pertencer aos povos do occidente, e, n'essa partilha proxima, á parte o que lhe possa caber na Asia Menor, a Allemanha, vae preparando os acontecimentos na Syria. É natural que se entenda com a França e na divisão que se procederá da Turquia asiatica possam as duas nações compôr-se com a Russia.

Os interesses das grandes potencias europeas tornam perigosa a situação da Inglaterra no Mediterraneo. Os problemas de Marrocos, da Tripolitana e da Syria, a questão diplomatica relativa á occupação e posse definitiva do Egypto pela Gran-Bretanha tornam melindrosa qualquer solução que se pretenda tomar sobre qualquer d'estes assumptos.

A habilidade tradicional da diplomacia britannica complica, quando lhe convem, as questões internacionaes e evita d'esse modo qualquer accordo entre os estados seus competidores. Mas comprehende-se que essa instabilidade politica existe porque não são ainda sufficientemente fortes no Mediterraneo os interesses da Russia e da Allemanha e a nenhuma d'estas duas grandes potencias convem actualmente abrir um conflicto com a Inglaterra. A Russia precisa completar a sua rêde estrategica até os confins do oriente; a Allemanha, apesar do seu antagonismo economico com a Gran-Bretanha, necessita do seu auxilio para a sua expansão colonial. Ha no Oriente, na China, questões de politica internacional, onde os esforços da Allemanha não devem ser contrariados por aquella nação.

Vê-se bem como os problemas politicos do Mediterraneo estão intimamente dependentes dos do Extremo-Oriente, e a Inglaterra reconhece-o bem. A sua politica representa como uma synthese. No dia em que, no seu caminho do oriente, alguma potencia lhe quebre um dos élos da grande cadeia britannica, a declinação da sua hegemonia maritima será infallivel.

Não são só os problemas que indicámos que trazem a bacia do Mediterraneo em intensa fermentação politica. Outros ha de que dependerá certamente, e em desproveito da Inglaterra, a solução da crise mediterranea, se n'essa época novas questões não impellirem os Estados marginaes a novos conflictos.

O *problema austriaco* e a *ambição pan-germanica* da Allemanha são assumptos politicos que se conjugam e estão intimamente dependentes.

Discute-se muito no mundo scientifico e politico o estado actual do imperio austro-hungaro. Raças diversas, fallando linguas tambem diversas, constituem o imperio dos Hapsbourg. Religiões, crenças, costumes, tradições, tendencias, tudo diverge, do norte ao sul, de leste a oeste. A Hungria, com uma raça de proveniencia oriental, chegou a um estado de civilização egual ao da Austria. O seu elemento intellectual preponderante em Buda-Pesth garante aos allemães de Vienna uma competição em todos os ramos das sciencias e letras. A sua industria foi aclamada ha dois annos na exposição de Paris.

Com perto de duas dezenas de milhões de habitantes, é reconhecido no imperio a sua influencia, de sorte que Buda-Pesth é, quasi, em categoria, egual á capital da Confederação.

Na Bohemia, onde a raça é slava, a luta entre este elemento e o allemão chega aos limites da ferocidade. Nenhuma violencia offcial é poupada para germanizar os povos da Bohemia e a resistencia que estes offerecem é de tal fórma tenaz que a germanização dos slavos, como na Polonia allemã, tem sido impossivel até hoje. Encravada entre as tres grandes potencias, é ethnicamente mais proxima da Russia, mas não lhe convem a autocracia do Czar pelos exemplos que observa na Polonia russa. Conserva-se reunida a Austria e á Hungria porque prefere lutar a ser subjugada pelo absolutismo medieval da Russia. Alem da Austria, da Hungria e da Bohemia, onde se encontram populações de caracteres ethnicos bem definidos e diversos, na federação austro-hungara entram fragmentos de outras nações, retalhos de outras raças, e d'essa confusão anthropo-social, d'essa babel de linguas, crenças e costumes, sáe uma legislação naturalmente polymorpha e uma politica necessariamente instavel. Italianos no Tyrol, na Istria e na Carnioliá; slavos na Croacia, na Esclavonia; albanêses nas margens do Adriatico; allemães na Estyria; turcos na Bosnia e Herzegovina, o imperio sustenta-se

em equilibrio pela fraqueza mutua dos povos de que elle se compõe.

Mas pergunta-se se não será possivel um dia, *a Europa sem a Austria*. A Hungria, vasta e rica, poderia sustentar-se independente, mas, nem a sua população é bastante numerosa para supportar o choque da massa allemã e a vizinhança slava do imperio russo, nem possui uma porta para o mar e, sem ella, é impossivel a sua expansão pelos caminhos do mundo.

A Bohemia, a Bosnia, a Herzegovina, a Croacia e todos os restantes fragmentos da confederação, emquanto se não crystalizam em torno de outros centros politicos ou entre si proclamam o fragmento que ha-de mandar, encontram-se como cellulas lassoas de um organismo, como entidades que mutuamente se protegem sem relações de forte parentesco que as unam.

Não ha no imperio austriaco nem unidade ethnica, nem unidade linguistica, nem elemento algum social ou ethnico que torne homogeneo o sentir collectivo da confederação. A sua dissociação é possivel e talvez fatal n'um futuro remoto. Simplesmente, n'este momento da politica europêa, essa dissociação não convem aos proprios interessados.

Estudam-se varias soluções politicas no caso de se suppôr extincta a nacionalidade austro-hungara, e como o problema interessa aos grandes estados da Europa e em especial á Russia, Italia, França e á Allemanha, pergunta-se como os interesses d'estas nações, naturalmente hostis entre si, poderão facilitar a liquidação final da monarchia austro-hungara. A questão dynastica, com o aniquilamento dos Hapsbourg, será talvez laboriosamente resolvida, mas a questão nacional que provem da heterogeneidade dos sentimentos que qualificam os differentes agrupamentos ethnicos que formam o imperio, ficará de pé á espera que chegue o momento opportuno, a crise social e politica, que lhe dê solução.

E' guiada pelo problema austro-hungaro, que se manifesta a pretensão, ainda vaga, da Allemanha em relação ao Mediterraneo. Em todo o imperio dos Hohenzollern corre a crença no pangermanismo que se espalha pela Austria e vae arteirar-se infiltradamente nos pequenos agrupamentos allemães que se encontram a leste e ao sul dos Alpes. E' na Allemanha que mais se sente e mais se estima a dissolução da monarchia austro-hungara, e a juventude allemã, como a juventude educada nas idéas de Rank e de Mommsenn, vae já cantando o hymno do triumpho, o hymno da passagem da onda germanica para alem dos Alpes até se firmar

em Trieste. Bem sabe a Allemanha que dos despojos da Austria lhe pertencerá a parte que maiores affinidades ethnicas com ella tiver. Não ignora tambem que a Carinthia, o Tyrol e a Carniolia, que lhe será preciso atravessar para chegar a Trieste, compõem-se de italianos e de slavos, aquelles em maior numero. Mas tambem a Lorraine não é germanica e o imperio, á voz de Moltke e do seu estado maior, mandou que a bandeira da confederação fôsse içada em Metz! Se a dissociação politica da monarchia austro-hungara se realizar um dia, as ambições da Allemanha hão-de confluír para Trieste e haverá então, entre as nações do Mediterraneo a mais temida das potencias militares.

Mas não depende de um Estado, por mais poderoso que seja, marcar e seguir um caminho na estrada da politica mundial. A civilização é uma entidade complexa e as suas manifestações, quer moraes, intellectuaes ou politicas, engrenam-se entre os diversos agrupamentos em que a humanidade se divide e a resultante nem sempre é o ideal sonhado pela nação mais forte. Assim foi em tempos antigos, com Roma e na Edade Media; assim nos ensina a historia da França e da Hespanha, e a própria Inglaterra, tão soberana nos mares, mais de uma vez soffreu revezes politicos nas suas ambições e foi desviada do caminho que marcara.

Estarão as pretensões do pangermanismo n'este caso? A visão da Allemanha de descer até o Mediterraneo, continuando na historia moderna a invasão dos povos do Norte, realizar-se-ha?

Emquanto ella propria não sabe responder a estas interrogações, a sua expansão economica vae abrindo caminho para o Mediterraneo. Com uma persistencia admiravel, com uma clara comprehensão dos seus futuros interesses politicos, ao mesmo tempo que contraria as pretensões russas em Constantinopla, toma, economicamente, inteira posse da Romania e espalha, em emprezas numerosas, os seus capitaes na Turquia. Ambiciosa e previdente, reconhecendo o impulso vigoroso das suas industrias e consciente de que a estrada do Mediterraneo é o caminho que lhe é indispensavel percorrer, procura chamar á sua dominação economica toda a Anatólia, intenta povoar com agricultores allemães os fertilissimos valles do Tigre e do Euphrates, abrindo brecha na hegemonia inglêsa no dia em que as esquadras commerciaes das duas nações se equivalerem, quando Hamburgo vencer Londres e o poder economico do imperio allemão abaixar a supremacia britannica nos mares da India e na

China. Será então a vez de se chegar a um accordo sobre a estrada do Mediterraneo.



Ha, porém, de se contar com a Russia. Por emquanto não lhe convém mecher no *doente* de Constantinopla. A colonização da Siberia com elementos europeus é o seu grande pensamento, a dependencia economica e politica da China é a sua politica mysteriosa no oriente. Não tem ainda o transiberiano e o transcaspiano em estado de percorrer os caminhos para a China e para a India. D'esta separam-na o Pamir e o Hindu-Kusch; mas a Russia pretende atravessar a Persia e por uma dupla rêde ferro-viaria chegar defronte de Ormuz, á porta do golfo Persico. Emquanto não prepara as suas ramificações estrategicas e não torce a politica imperialista do Japão na Corêa, não lhe parece propicio o momento de liquidar a questão turca na Europa e não se deixa arrastar pela politica impulsiva da França. Não é ainda o Mediterraneo a estrada predilecta da Russia. Outras vae ella abrindo para o oriente, e colloca-se ameaçadora, ao lado de Constantinopla, porque não renega nenhuma das suas ambições e lhe cumpre fiscalizar a ebullicão politica que se está preparando nos Estados balkans.

Com elementos turcos politicamente preponderantes na Bosnia e na Herzegovina, provincias turcas sob a suzerania actual da Austria-Hungria, os slavos constituem a camada mais revolucionaria e inquieta de todos os estados balkans. A Bulgaria, a Servia, a Bosnia, a Herzegovina e a provincia turca da Macedonia, com os croato-dalmatas do imperio austriaco, teem affinidades ethnicas e sociaes que tendem, apesar de interesses contrarios, a approximal-os. Em algumas d'essas antigas dependencias do sultão, o extracto superior,—os que mandam,—é ainda de origem turca. Os slavos, porém, pela diversidade dos seus ritos, pela intransigencia tradicional das suas prerogativas ecclesiasticas que quasi tornam antagonicas entre si as egrejas christãs, não se harmonisam, nem o seu genio irrequiêto e impulsivo, accentuadamente aspero, creado nas montanhas e longe dos centros mais civilizados da Europa culta, se encontra preparado para uma reconstituição politica que dê realidade ao ideal dos croatas de espirito superior, d'aquelles que n'uma *grande Croacia* desejariam reunir todos os slavos dos Balkans já libertos da dominação turca.

Além dos obstaculos os mais diversos que o espirito retrogrado e a rotina dos turcos apresentam á realização d'esse ideal; apesar

dos conflictos que surgiriam na Austria, se os slavos do sul se juntassem em um estado politico; suppondo que o irredentismo italiano fôsse satisfeito com a posse da Albania e de outros fragmentos do litoral oriental do Adriatico; mesmo que a Russia, que foi quem deu a carta da alforria aos slavos que se encontravam sob o jugo do sultão, facilitasse a formação d'esse estado neo-slavo, é de crêr que tal obra politica não seria persistente pela falta de homogeneidade social, entre os differentes participantes.

Áparte os rumanos, latinos pela lingua e pela cultura, os slavos dos Balkans teem ainda a rudez nativa dos povos que em tempos primitivos habitaram as planicies do norte do Mar Negro. Teem vestigios de selvageria nos seus habitos, pouca educação moral, e o seu nivel intellectual, com exclusão de algumas escolas croatas e servias, é igual ao dos seus dominadores. São turcos pelos costumes. A montanha fêl-os ferozes e a ferocidade manifesta-se nos seus habitos politicos e no banditismo que os caracteriza socialmente.

Mas são, incontestavelmente, de rija tempera. Audazes, persistentes, soffredores, esperam, sem a precisarem, sem a definirem, a realização de uma esperança collectiva de alguma cousa ethnicamente logica, de um pensamento commum que lhes é transmittido por herança, passada de geração em geração, apesar das suas dissensões, dos seus antagonismos religiosos e dos conflictos permanentes em que se gastam e se annullam. Mas á sua audacia falta uma direcção superior; ás suas aspirações uma energia mandante e, de tantos agrupamentos, um que siga na dianteira, centro politico e intellectual de todos os restantes, mandando e fazendo-se obedecer como a Prussia de Bismarck e de Guilherme I.

A politica do Mediterraneo deve contar com mais esse elemento em via de formação. Está bem longe o apparecimento d'esse Estado, mas é de crêr que nem a Italia estime o ingresso d'um povo slavo nos destinos do Mediterraneo nem a Allemanha, que visa o porto de Trieste, possa favorecer os intentos dos povos aguerridos e semi-barbaros da peninsula balkan.



N'este jogo de interesses, que se manifesta, mais ou menos intenso, nos differentes paizes que cercam o Mediterraneo, poderiamos ainda encontrar as características que separam ostres segmentos em que este mar é dividido. Porém o que está dito traduz sufficientemente o nosso pensamento. Embora

cada bacia do Mediterraneo, desde os tempos primitivos e ante-historicos, tenha representado um papel especial, a logica dos factos e a successão das civilizações ensinam-nos que no seu conjuncto, em cada estadio da historia, todos os interesses politicos se confluíram em volta do mar, procurando todos a supremacia economica e militar. No passado como no presente, então como hoje, o Mediterraneo foi um centro de lutas, vasto campo aberto a todas as iniciativas, ás maiores empresas, ao choque de todas as raças superiores.

D'esses conflictos, que datam de milhares de seculos, resultaram as mais brilhantes civilizações. Egypto, Grecia, Roma, Carthago, a civilização *mediterraneana* primitiva e outras phases do progresso humano surgiram em volta do Mediterraneo. E ainda hoje que o Atlantico, depois das descobertas do periodo da Renascença, cujo primeiro capitulo foi escripto pelos portuguezes, abre de par em par as portas do mundo inteiro e marca um novo periodo ao desenvolvimento humano, o Mediterraneo ainda é a estrada principal, e assim a considera, e assim a domina o maior poder politico que até hoje teem creado as edades da humanidade.

Gibraltar guarda a entrada do mar Latino; Malta, a meio caminho do Oriente, vigia o Jonio, e no fundo da grande bacia euro-africana, com Alexandria em um dos seus flancos, a ilha de Chypre, ainda não artilhada porque no continente fronteiro não descobrem ainda os inglêses os capacetes prussianos. O plano estrategico da Gran-Bretanha, realizado com uma persistencia admiravel, é a obra politica mais sagaz e mais altamente providente que se conhece. Transformou o Mediterraneo em um mar inglêz, e não será facil n'este momento expulsal-a, embora exoticamente ali se encontre, porque durante um seculo, sem rivaes, conseguiu dispor de forças que nenhuma outra nação pôde apresentar.

A' dominação grega, á hegemonia romana é necessario, nos tempos modernos, accrescentar a supremacia inglêsa. Dir-se-ha que as duas primeiras civilizações, no dominio da arte, da sciencia, da philosophia e da sciencia do governo, crearam raizes tão fundas que do Mediterraneo surgiu o corpo de doutrinas e de idéas que preparou o advento e o progresso dos povos do norte; dir-se-ha ainda que a influencia civilizadora da Gran-Bretanha entre Gibraltar e Chypre é nulla porque os povos que cercam o Mediterraneo são antagonicos com o espirito britannico e na historia da evolução europêa teem lugar distincto. Mas o Mediterraneo é a primeira estrada da terra, é a passagem historica das idéas do occidente para o extremo-orient.

Quaesquer que sejam os defeitos e os vícios da hegemonia britannica, deve-se a ella, em primeiro lugar, a união entre os interesses sociaes da Europa e os das centenas de milhares de habitantes que se encontram de um oceano ao outro. Para sustentar tão alta supremacia economica, era-lhe indispensavel firmar-se com segurança onde são mais apertadas as curvas da estrada e onde mais perigosos são os contactos com os estados competidores. E por isso a politica britannica foi cautelosamente marcando pelo caminho os padrões do seu dominio e fortificou-os para que nações inimigas lhe não partissem os élos da grande cadeia com que liga o Atlantico ao Pacifico.



No decorrer das edades geologicas, que a physica do globo indica como provaveis. o sulco transversal da terra onde se encontra o Mediterraneo tem já uma significação morphologica. Na historia do planeta, do periodo terciario mais remoto até aos primeiros vestigios da especie humana, definem-se as deformações da bacia euro-africana e os seus contornos ganham detalhes precisos. E' sempre a mesma, apesar da instabilidade constante da zona do globo onde se encontra; persiste no tempo e esta persistencia physica, apesar de todas as revoluções geologicas soffridas, de todas as crises porque o seu sub-solo tem passado, as suas aguas, apertadas de um lado, rompendo caminho de outro, sustadas aqui, desviadas acolá, ligam eternamente,—desde que o mundo humano surgiu á superficie da terra,—crenças as mais diversas, religiões as mais extremas, linguas as mais variadas, povos os mais antagonicos. E d'estes elementos tão desencontrados, pondo-os em conflicto e estabelecendo a sua transição gradual entre o oriente mais afastado e o occidente mais longinquo, grandes correntes de idéas, de sentimentos, de vontades, prendem eternamente a civilização dos povos europeus ás formas exoticas da cultura oriental. Arte, religião, moral, politica, philosophia,—a revelação do espirito humano em collectividade,—não teem limites marcados, não escolhem povos nem preferem crenças.

Na civilização pelagica, durante a hypercultura grega, emquanto vingou o czarismo romano, sempre o Mediterraneo foi o encontro das tradições e das vontades de todos os povos mais preparados para a luta das idéas, foi o centro em volta do qual gravitaram as maiores ambições, os maiores crimes, as mais brilhantes constellações do espirito humano. Turbilhão de homens, de sentimentos, refle-

xos humanos das convulsões geologicas, echo das torturas da terra, conservou-se estrada do mundo, feira illuminada, a primeira entre todas. E n'ella caíram imperios e d'ella surgiram, n'este vae-vem rythmico que faz, em longuissimos periodos de tempo, a vida inteira da humanidade, os mais heroicos conductores de homens, os exemplares mais sublimes, quasi divinos, da especie humana.

A sua policia é hoje feita pelas esquadras inglêsas. São estas quem preside á troca dos interesses materiaes entre a Europa e o Extremo-Oriente. Os que enviam as materias primas e os que as devolvem manufacturadas teem fortes obrigações sociaes que os caprichos de qualquer nação não devem perturbar. Immensas arterias euro-asiaticas e euro-africanas dão passagem aos productos remotos que a Europa absorve como um polvo. Confluem todas no Mediterraneo e por isso a missão politica d'este mar foi sempre tão grande como grandes teem sido os interesses economicos de todos os Estados.

Não convém a nenhum d'estes que o equilibrio, favoravel n'este momento á Gran-Bretanha, se desfaça com fortes abalos. Acima da vontade das collectividades humanas ha um pensamento superior, inconsciente e indeterminado, abstracção que o nosso espirito não colhe, intangivel ás nossas idéas. Do conflicto dos estados, do encontro das raças, do choque das civilizações pelas suas linguas, pelas suas crenças, tradições; de todas as manifestações conjugadas, as mais diversas, da arte, da religião, da moral, da sciencia e da philosophia, surde logicamente,—logica que o espirito humano não attinge,—uma resultante final, que é a marcha triumphal dos povos. Seja qual fôr o que marchar na vanguarda, nenhum pode ainda, na curva rythmica da vida, conservar intangivel a sua supremacia.

E na historia das lutas que o Mediterraneo tem assistido que mais nitidamente se percebe esse reflexo constante de ambições, que ora traz uns, ora outros, á superficie. Foi Roma na antiguidade: é hoje o imperialismo inglê; mas no horizonte remoto, em todas as direcções, veem surgindo grandes ambições e nova ebullicão se fará e novas lutas se darão. Quem saberá prever os destinos do Mediterraneo? Mas a grande massa humana impõe os seus direitos, dirige os estados, manda em seus dirigentes e, por isso, quaesquer que sejam as oscillações politicas que esse mar venha a soffrer, seja qual fôr a hegemonia que tenha de supportar, o Mediterraneo será sempre a primeira estrada do mundo. Por elle se fará a passagem de todas as ambições e por elle seguirão esperanças, desalentos, he-

roismos, crimes, torturas da alma, triumphos, tudo, tudo quanto traduz a alma humana, intangível para nós, intangível para todos. E como no passado, e como no presente, continuarão correndo as suas aguas lentamente, serenamente, do Atlantico ao mar Levantino, e os grandes turbilhões de homens que o percorrem, desbastando idéas, transformando crenças, não deixarão, nem um só dia, a labuta eterna que faz civilizações.

SILVA TELLES.

SONETO

*Un autre plus heureux va unir son
sort à celui de mon amie. Mais,
quoiqu'elle trompe ainsi mes plus
chères esperances, dois-je la moins
aimer ?*

MACKENSIE.

Tua frieza augmenta o meu desejo :
Fecho os meus olhos para te esquecer,
Mas quanto mais procuro não te ver,
Quanto mais fecho os olhos, mais te vejo.

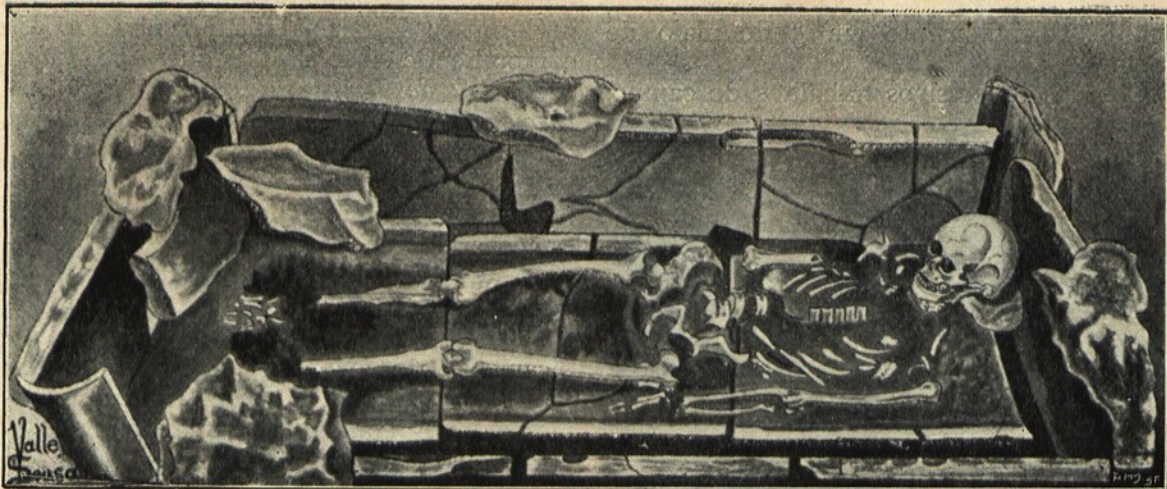
Humildemente, atrás de ti rastejo,
Humildemente, sem te convencer,
Emquanto sinto para mim crescer
Dos teus desdens o frigido cortejo.

Sei que jamais hei de possuir-te, sei
Que *outro*, feliz, ditoso como um rei,
Enlaçará teu virgem corpo em flôr.

Meu coração no entanto não se cança ;
Amam metade os que amam com esperança,
Amar sem esp'rança é o verdadeiro amor.

EUGENIO DE CASTRO.

(Das *Poesias escolhidas*)



SEPULTURA DE TELHA (NICROPOLE LUSO ROMANA EM FERRESTELLO, QUINTA DE FOJA, MAIORCA)

O MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ

Com a publicação do artigo que segue, devido á amavel collaboração do sr. Belchior da Cruz, dedicado conservador do museu, e illustrado com a reproducção de fidelissimas aquarellas do dr. Valle e Souza, que mais uma vez presta a esta revista o seu obsequioso concurso de amator de arte e de investigador archeologo, intenta-se dar conhecimento e prova de quanto consegue em prol da sciencia e do culto da arte a iniciativa individual, bem mal apreciada e quasi ignorada, que por esse paiz fóra devotadamente, nas mais variadas regiões ou localidades, congrega de elementos de estudo e affirmações de civilização, bem dignas de elogio caloroso e de applauso animador.

FOI em 1886 que o dr. Santos Rocha iniciou os seus trabalhos de exploração da vasta necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego, organisando uma interessantissima collecção que foi o nucleo do Museu da Figueira. Essa collecção acha-se descripta, conjunctamente com os monumentos funerarios e estações de habitação do homem na mesma epocha, no seu bello e substancioso trabalho:—*Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira*, cuja primeira parte viu a luz da publicidade em 1888, e a 4.^a e ultima em 1900. Este trabalho foi offerecido ao Instituto de Coimbra, a quem o seu auctor igualmente offereceu o mobiliario recolhido no megalitho das Carniçosas, o maior monumento da citada necropole, pertencente hoje á Sociedade Archeologica da Figueira, que o mandou vedar para o poupar á destruição do povo.

Essa collecção acha-se hoje na galeria d'anthropologia da Universidade de Coimbra.

Proseguindo as explorações, concebeu o dr. Rocha a idéa da criação d'um museu municipal, onde fossem recolhidos não só todo o material colligido por elle nas excavações da Serra e outras, como tambem reunidas todas as antiguidades dispersas pelo concelho e arredores.

Em 1893, d'accordo com a Camara Municipal, na presidencia da qual se encontrava o dr. Joaquim Jardim, fundou o Museu, concorrendo n'essa occasião muitas pessoas com donativos varios em dinheiro e em materiaes para auxiliar as despesas de installação. Ficou o Museu provisoriamente no magnifico edificio do Paço, onde occupava quatro amplas salas, precedidas d'uma galeria envidraçada, sendo inau-



BUSTO ROMANO
proveniente de Pedrulha, Athadas,
concelho da Figueira da Foz

gurado solemnemente em 5 de maio de 1894.

Com os successivos trabalhos de campo,



ESCUPTURA, PROVENIENTE DO CONVENTO DOS ANJOS, DE MONTEMÓR-O-VELHO

emprehendidos pelo seu benemerito fundador e director, se foi enriquecendo este estabelecimento, e as explorações do Algarve por elle realisadas em 1895 augmentaram consideravelmente as collecções romanas do Museu.

Em 1897 installou-se definitivamente no andar nobre do edificio dos Paços do Concelho, sendo reaberto ao publico em agosto de 1899.

Em 1898 fundou-se a Sociedade Archeologica da Figueira, com o fim especial de auxiliar o desenvolvimento do Museu.

Esta Sociedade tem executado muitos trabalhos de exploração, tanto no concelho da Figueira, como em varios pontos do paiz, indo as suas já numerosas collecções augmentar bastante as que o Museu encerrava anteriormente.

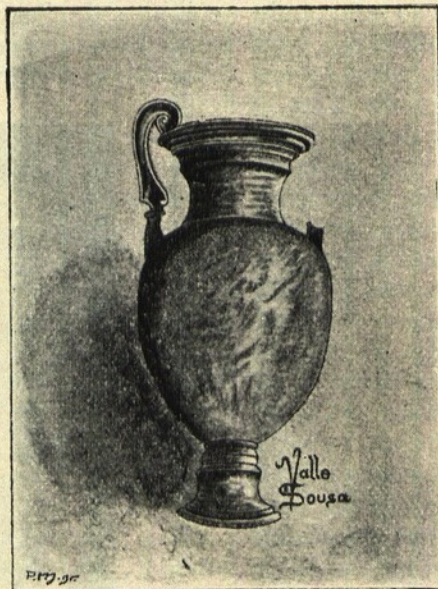
O museu Municipal da Figueira da Foz comprehende cinco secções que são: *Prehistoria*, *Sala de Comparação*, *Protohistoria*, *Archeologia luso-romana*, e *Archeologia historica* (Edade media e tempos modernos.)

A secção de *Prehistoria* comprehende o rico mobiliario proveniente dos dolmens e estações neolithicas da Serra do Cabo Mondego, de dolmens e cavernas da Beira Alta, do Algarve etc.

Todo este mobiliario está disposto methodicamente de maneira a qualquer pessoa poder rapidamente abranger, com um simples volver d'olhos, as differentes phases porque passaram os instrumentos do homem primitivo.

Primeiro os machados de pedra lascada, os nucleos de silex, de quartzite e de quartzo, as mós primitivas, os martellos ou percutores, os restos de cozinha; depois os reboalhos das officinas do rude habitante d'esta região na epocha da pedra polida; a seguir os instrumentos, quasi todos de silex, bem acabados, alguns d'uma perfeição extraordinaria: pontas de setta, pontas de lança, facas, serras, goivas, picões, gráes, etc; collares de contas de ribeirite e de azeviche; instrumentos d'osso, (alfinetes, agulhas, manilhas, etc.)

Vem depois a ceramica neolithica, muito bem representada por vasos completos e outros restaurados, alguns lindamente ornamentados; uma bella collecção de perto de 300 machados de pedra polida, de varias



AMPHORA, PROVENIENTE DE VALENCIA DEL CID (HESPAÑA)

dimensões, provenientes na sua grande maioria do concelho da Figueira, e de varios pontos do paiz.

Entre os objectos de pedra são dignos de particular menção uma clava de pedra, proveniente de Nellas, de 0,^m73 de comprimento e que pesa 4,4750; uma magnifica ponta de lança de silex, fracturada na ponta, e que méde até a essa fractura 0,^m32, e que é a maior lasca de silex não só da Peninsula como das existentes nas collecções do Museu de Saint-Germain (França); e um enorme machado, encontrado em Cortiçô (Celorico da Beira). Ha ainda os restos humanos encontrados nos dolmens e cavernas, entre elles, parte d'um craneo com principio de trepanação prehistorica e uma brécha ossifera, contendo as peças d'um esqueleto humano inhumado de cócoras, e provenientes, bem



SEPULTUAA DE LAGES
(NECROPOLE LUSO-ROMANA
DE FERRESTELLO,
QUINTA DA FOJA, MAIORCA)

como o material que lhe está junto, da caverna dos Alqueves (arredores de Coimbra), explorada pela Sociedade Archeologica da Figueira em julho de 1898, e posteriormente pelo sr. Antonio de Mesquita de Figueiredo, que alli recolheu um bello craneo neolithico que offereceu á referida Sociedade e se acha no Museu.

Passando á epocha dos metaes: a do *cobre* nitidamente representada por machados, punhaes, pontas de setta, vasos de barro, etc.; — a de *bronze* representada por machados, de talão e anel lateral, parte d'uma espada, etc. Os objectos de cobre são provenientes do concelho da Figueira, do de Soure, Espite e Algarve; os de bronze, do concelho d'Alvaiazere.

N'esta secção ha ainda de interessante, as moldagens feitas em França, dos celebres craneos de Cro-Magnon, Furfooz e Constadt e das maxillas de Furfooz, Cro-Magnon e Naulette; de varios objectos recolhidos em estações portuguezas; e uma bella *estella* funeraria de pedra, proveniente da Fonte Velha, Bensafrim (Algarve) e que tem gravada uma inscripção em caracteres ibericos muito nitidos.

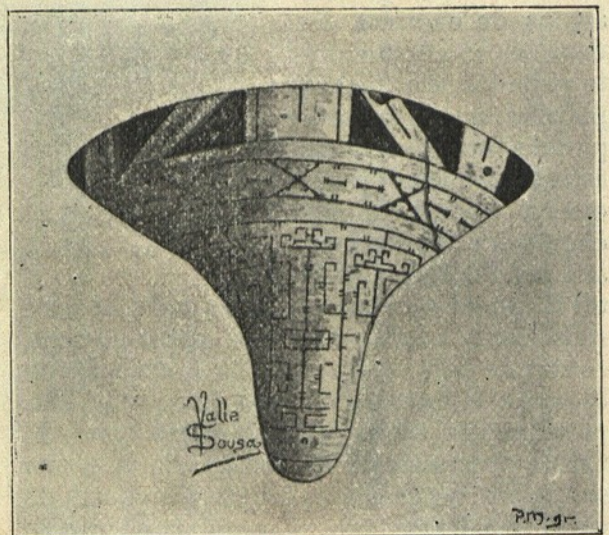
Seguindo para a *Sala de Comparação*, vêem-

se alli reunidas bellas collecções de armas, adornos, vestuarios, ceramica, artefactos de



FRAGMENTOS D'UM RETABULO
PROVENIENTE DA EGREJA DE S. PEDRO, DE BUARCOS

madeira e de palha, instrumentos musicos, tecidos, etc., dos povos indigenas da Africa, Asia, America e Oceania, além de muitos objectos modernos para estudo comparativo,



TANGA, OBJECTO DE BARRO,
USADA PELAS MULHERES DO SITIO DE PACOVAL,
LAGO ARARY, ILHA DE MARAJÓ (AMAZONAS)

amuletos, craneos humanos para estudos anthropologicos, etc.

Ha ainda n'esta sala uma collecção de molluscos terrestres e do littoral do concelho da Figueira, organizada para estudo das conchas encontradas nas diferentes estações archeologicas do concelho; uma bella amphora italo-grega, proveniente de Valencia del Cid (Hespanha); amostras da ceramica de grande numero de Castros minhotos e d'algumas outras estações archeologicas do paiz e do estrangeiro, etc.

São tambem dignos de attenção alguns exemplares da ceramica, e objectos de barro, bellamente pintados, provenientes da estação brasileira do Pacoval (ilha de Marajó); um collar formado de doze contas tubulares de barro cosido, encontrado n'uma sepultura romana em Ciudad Rodrigo (Hespanha); e um manequim, tamanho natural, representando um soldado japonéz, antigo guarda do mikado, armado de todas as peças.

Passando á *Secção de Protohistoria* admira-se alli, em primeiro logar uma avultada serie de vasos de barro da epocha luso-carthagineza, alguns de enormes dimensões, uns bellamente pintados em fachas polychromas outros sem pintura, provenientes da estação de Santa Olaya, que a Sociedade Archeologica da Figueira anda explorando; muitos fragmentos ceramicos tanto trabalhados á roda como á mão, fusaiolas, pesos de rede, contas de barro e de vidro azul, objectos de bronze e de ferro, mós, restos de cozinha, etc., provenientes tanto de Santa Olaya como do Crasto (freguezia de Tavarede). Ainda n'esta secção se nota uma collecção de contas de vidro esmaltadas, provenientes da necropole luso-phenicia da Fonte Velha em Bensafirim (Algarve).

Entrando na secção da *archeologia luso-romana*, ha em primeiro logar, dignas de particular attenção, duas sepulturas formadas, uma de lages, outra de telhas romanas, con-

tendo cada uma um esqueleto. São provenientes do cemiterio de Ferrestello, proximo da importante estação archeologica de Santa Olaya.

As collecções romanas do Museu comprehendem muitos e interessantes objectos taes como amphoras vinarias, provenientes de S. João da Venda (Faro); urnas cinerarias, contendo algumas ainda ossos humanos calcinados; muitos outros vasos de barro restaurados, alguns da celebre loiça aretina; pesos de tear, vasos de vidro; fibulas, pregos e outros objectos de bronze; varios objectos de ferro, taes como lanças, uma

espada ou adaga, facas; tijolhos, telhas, telhões, argamassas e outros materiaes de construcção romanos, de que o Museu possui uma importante collecção; parte d'um troço de columna

romana, formada de tijolos em fôrma de sector circular e proveniente das ruinas romanas de Condeixa-a-Velha; mós; exemplares de mosaicos romanos provenientes de Montemór-o-Velho, Figueira de Castello-Rodrigo, Ançã, Algarve, etc.; dois cippos funerarios romanos provenientes do Algarve; um busto romano de pedra e uma inscripção tambem romana achadas na Pedrulha, Alhadas (Concelho da Figueira), etc., etc.

Passando, finalmente, á *secção d'archeologia historica* (Edade media e tempos modernos) temos em primeiro logar a importante collecção numismatica, contendo grande numero de moedas e medalhas portuguezas, moedas romanas, suevas, wisigothicas

e arabes, e moedas e medalhas estrangeiras. Parte d'esta collecção foi offerecida por um benemerito filho da Figueira, já fallecido, o reverendo Fortunato Casimiro da Silveira e Gama, abbade de Quinchães.

Ha n'esta secção um grande tapete, imitação de *Gobelin*, feito na fabrica fundada em Tavira nos fins do seculo XVIII, além de varios pannos d'Arrayolos; muitas peças de vestuario do seculo XVIII e principios do XIX; adornos femininos, taes como leques, pentes do cabelo, etc.; joias; alguns quadros a oleo e em vidro; gravuras; esculpturas em madeira, em pedra e em barro, sendo digno de es-



ANTIGO GUARDA DO MIKADO (MANEQUIM ARMADO DE TODAS AS PEÇAS AUTHENTICAS)

pecial menção parte d'um retabulo, proveniente de Buarcos; uma estatua de Santa The-reza do convento dos Anjos de Montemór-o-Velho; dois retabulos em madeira, seculo XVII, restaurados e provenientes da capella de S. José da igreja de S. Miguel d'Aveiro¹ Ha mais: algumas obras de talha, do seculo XVI, provenientes do extincto convento de Seiça e do de Santo Antonio da Figueira; varios pergaminhos e foraes; armas, taes como arcabuzes de serpe e morrão, espingardas, pistolas, bacamatres, espadas, etc.; faianças das antigas fabricas portuguezas; faianças estrangeiras (Tallavera de la Reina, Saxe, Lille, Sévres, China India, Japão, etc); azulejos hollandezes (Delft); vidros portuguezes e estrangeiros; varias peças de mobiliario; uma collecção de grandes potes de barro, portuguezes, um dos quaes, de grandes dimensões, tem gravada a data de 1667, e muitos outros objectos, mais ou menos interessantes e curiosos, cuja enumeração não cabe nos estreitos limites d'uma simples noticia.

¹ Pertencem, bem como um interessante lenço pintado, contendo os nomes dos deputados das côrtes de 1822, e que tambem se encontra no Museu, ao distinto bibliophilo, sr. Annibal Fernandes Thomaz.

Possue ainda o Museu, da epoca arabe, além de grande numero de azulejos hispanomouriscos, um grande alguidar arabe, perfeitamente restaurado, encontrado, bem como outros fragmentos ceramicos e azulejos da mesma epocha, em Buarcos; varias peças de loiça arabe, do Algarve e de Hespanha, etc.

• • •

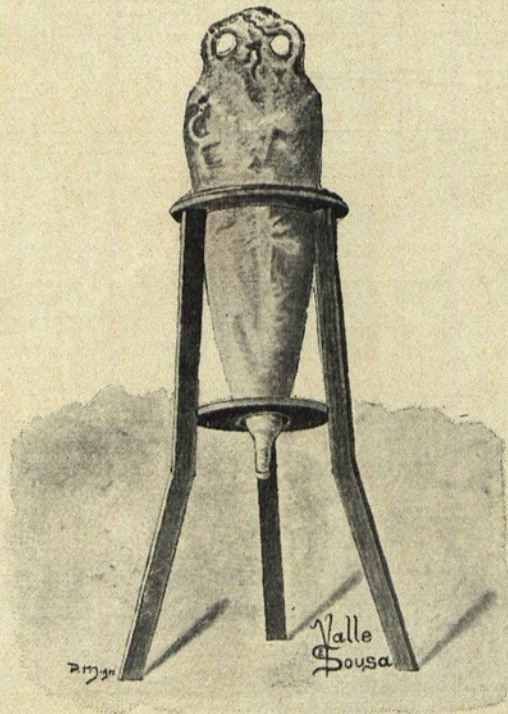
Sobre muitos objectos que o Museu encerra, se teem publicado interessantes memorias e noticias que o visitante do Museu poderá vêr e consultar, nas seguintes publicações:

Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira, por A. Santos Rocha, 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a partes; Coimbra, 1888, 1891, 1895 e 1900.

Memorias sobre a antiguidade, do mesmo auctor, Figueira, 1897, 1 vol. *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, Porto, 5 vol. *O archeologo Portuguez*, Lisboa. *Portugalia*, Porto, Fasc. I a III; *Branco e Negro*, n.º 29 do 1.º anno (Tomo II) artigo descriptivo do Dr. Valle e Sousa, acompanhado de gravuras, representando varios aspectos do museu e do retrato do seu fundador Dr. Santos Rocha, Lisboa, 1897.

Figueira da Fóz, outubro, 1902.

P. BELCHIOR DA CRUZ.



AMPHORA, PROVENIENTE DA ESTAÇÃO ROMANA DE S. JOÃO DA VENDA (FARO)

Louissette

VALSA

A MELLE LOUISETTE BRVNO.

por

G. F. de Borja Araujo.

PIANO

The first system of musical notation consists of a grand staff with a treble and bass clef. The key signature has two flats (B-flat and E-flat), and the time signature is 3/4. The music begins with a piano (*p*) dynamic. The right hand features a melodic line with eighth and sixteenth notes, while the left hand provides a harmonic accompaniment with chords and single notes.

The second system continues the piano accompaniment. It features a *rall.* (rallentando) marking at the end of the system. The right hand has a more active melodic line with slurs, and the left hand continues with a steady accompaniment.

The third system contains two endings. The first ending is marked with a '1.' and leads back to an earlier part of the piece. The second ending is marked with a '2.' and leads to a different section. The dynamic marking *mf* (mezzo-forte) is present in the second ending.

The fourth system continues the piano accompaniment with a dynamic marking of *f* (forte). The right hand has a melodic line with slurs, and the left hand provides a harmonic accompaniment.

The fifth system concludes the piano accompaniment. It features a dynamic marking of *f* (forte). The right hand has a melodic line with slurs, and the left hand provides a harmonic accompaniment.

1. 2.

ff *f*

This system contains two measures. The first measure is marked with a first ending bracket and a first ending sign. The second measure is marked with a second ending bracket and a second ending sign. Dynamics include fortissimo (*ff*) and forte (*f*).

p

This system contains two measures. The first measure is marked with piano (*p*). The second measure features a crescendo hairpin.

1.

This system contains two measures. The first measure is marked with a first ending bracket and a first ending sign. The second measure is marked with a first ending bracket and a first ending sign. Dynamics include piano (*p*).

p

This system contains two measures. The first measure is marked with piano (*p*). The second measure features a crescendo hairpin.

cresc.

This system contains two measures. The first measure is marked with piano (*p*). The second measure features a crescendo hairpin and the marking *cresc.*

rall.

2. Mar. 97.

This system contains two measures. The first measure is marked with piano (*p*). The second measure features a decrescendo hairpin and the marking *rall.* (rallentando). The page number 2. Mar. 97. is written in the bottom right corner.

First system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The music is in a key signature of two flats (B-flat and E-flat) and a common time signature. The first measure is marked with a forte dynamic (*ff*). The notation includes various chords and melodic lines with accents and slurs.

Second system of musical notation, continuing the piece. It features a grand staff with treble and bass clefs. The key signature remains two flats. The first measure of this system is marked with a forte dynamic (*ff*). The notation includes various chords and melodic lines with accents and slurs.

Third system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The key signature remains two flats. The system is divided into two parts, labeled '1.' and '2.'. The first part of the system is marked with a mezzo-forte dynamic (*mf*). The notation includes various chords and melodic lines with accents and slurs.

Fourth system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The key signature remains two flats. The notation includes various chords and melodic lines with accents and slurs.

Fifth system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The key signature remains two flats. The system is divided into two parts, labeled '1.' and '2.'. The notation includes various chords and melodic lines with accents and slurs.

Sixth system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The key signature remains two flats. The first measure is marked with a forte dynamic (*ff*) and a *rall.* (rallentando) instruction. The second measure is marked with a piano dynamic (*p*). The notation includes various chords and melodic lines with accents and slurs. The page number '84b.' is written at the bottom left of this system.

First system of musical notation, featuring a treble and bass clef. The music includes various notes, rests, and dynamic markings. A *rall.* marking is present at the end of the system.

Second system of musical notation, featuring a treble and bass clef. The music includes various notes, rests, and dynamic markings. A *p* marking is present.

Third system of musical notation, featuring a treble and bass clef. The music includes various notes, rests, and dynamic markings. A *f* marking is present.

Fourth system of musical notation, featuring a treble and bass clef. The music includes various notes, rests, and dynamic markings. A *p* marking is present.

Fifth system of musical notation, featuring a treble and bass clef. The music includes various notes, rests, and dynamic markings. A *f* marking is present.

Sixth system of musical notation, featuring a treble and bass clef. The music includes various notes, rests, and dynamic markings. A *f* marking is present, followed by an *accel.* marking and a *ff* marking. The system concludes with the marking *8.^o b.*



O Taciturno — ESCOLA FLORENTINA DO SÉCULO XVI (AUTOR DESCONHECIDO) MUSEU DO LOUVRE

De pé, vestido de preto, barrete também preto, encostado a um parapeito de pedra, longos cabelos pretos a emoldurar-lhe a face pallida, da pallidez natural da vida precoce, este celebre retrato d'um mancebo desconhecido fixa, prende, enreda a atenção de quem o observa, e embevecido se queda a contemplal-o, n'aquelle olhar profundo e mysterioso, n'aquelle ligeiro vincado de sobreolhos, n'aquelle comprimido ajustar de beiços expressivos. Chamam-lhe o taciturno bem justamente. Ha uma estranha luz no fundo das pupillas do moço florentino; uma expressão de amarga tristeza desilludida n'aquelle fronte voluntariosa. Lembra-se romances de complexa psychologia, de tragica emoção, quando se attenta n'aquelle pequeno quadro, que tem sido attribuido successivamente ao pincel de Raphael, de Giorgione, de Sebastiano del Piombo, de Francesco Francia e por ultimo de Franciabigio. Não se lhe conhece o nome, não se sabe que pincel de mestre o immortalizou, e todavia elle interessa vivamente no seu enigma de sinistra intenção ou de amargura apaixonada...



A LAGOA DO CAMPO

A VIDA EM LISBOA

O CAMPO GRANDE

DE PASSEIO ao Campo Grande, *camara* escura debaixo do braço, a surpreender aspectos de vida mundana lisboeta.

Foi n'um domingo, ha oito annos, antes do carnaval, n'uma bella manhã de inverno, radiante de luz e de vida, um céu azul profundo e vasto, d'aquelles céos onde o olhar se perde e não repousa, d'aquelles céos que por extranha acção reflexa suggerem no espirito a saudade do tempo que passou. Sentia-se n'alma a caricia do invisivel, penetrante como a *luz negra* de Lebon. Voltei agora lá em busca de novos aspectos; a anotar diferenças, tambem n'um domingo, sob a mesma luz radiante, e vivificadora.

Em baixo junto da terra, o ambiente docemente temperado, vibrante da fina poeira do macdam, tocada pelos raios do sol; em cima na região das nuvens, uma viração lenta impellindo tenuissimos vapores brancos como flocos de algodão. Parecera a mão caprichosa do acaso a espargir *veloutine* sobre a face do firmamento, segundo se dizia em velha rhetorica pretenciosa,

Pela alameda fóra de um lado e d'outro vinham chegando carruagens: então, annos atrás, vinham postar-se infleiradas no canto dos saltos de cavallo, n'uma espectativa fingidamente curiosa, forçadamente ele-

gante, de amadores de *sport*; agora, deslissam rapidas, quasi disfarçadas na subtil macieza dos rastos de borracha, menos numerosas, fugitivas; já não ha saltos de cavallo que as detenha.

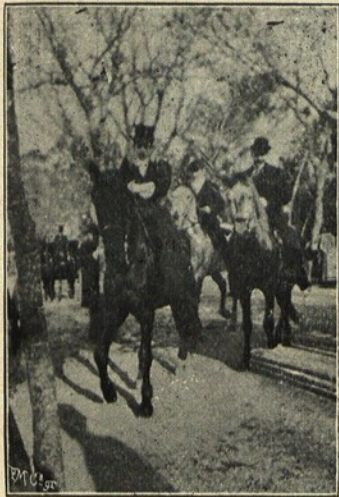
N'um trote compassado ou a passo cauteloso algumas amazonas, bem poucas, raras,



VINHAM CHEGANDO CARRUAGENS

ladeadas pelos *sportmen*, passavam n'uma indifferença affectada pelo movimento que as

rodeava, como quem fôra ali casualmente, n'um desvio irreflectido do caminho, anticipadamente planeado, ao subir a Avenida,



PASSAM AMAZONAS

para mais longe, em larga volta, n'outra direcção, que lhes não desse contacto com a vida aburguezada e frivola, aquella que se demora pelas alamedas ou passeia os *babies* em volta do lago.

Sobre um chão rugoso e pellado, onde deveria vicejar todavia a inevitavel *pelouse* de verde inglez, formavam-se

pequenos grupos de damas que passeavam dolentemente, n'um arrastado desconsolo aparente, sem a vivacidade de quem ao exercicio hygienico junta a alegria da vida, bebida a largas inspirações no ar embalsamado pelos pinheiros e pelos eucalyptos. Comtudo nota-se, no vestuario feminino, após estes nove annos volvidos, mais generalizado, um decidido apuro europeu.

Aspecto geral sempre morno, como a temperatura do meio ambiente, que favorece a vegetação exuberante das palmeiras, sempre acanhado ou contrafeito, como umas pequenas arvores enfezadas e torcidas pelo vento que orlam um canto do Campo.

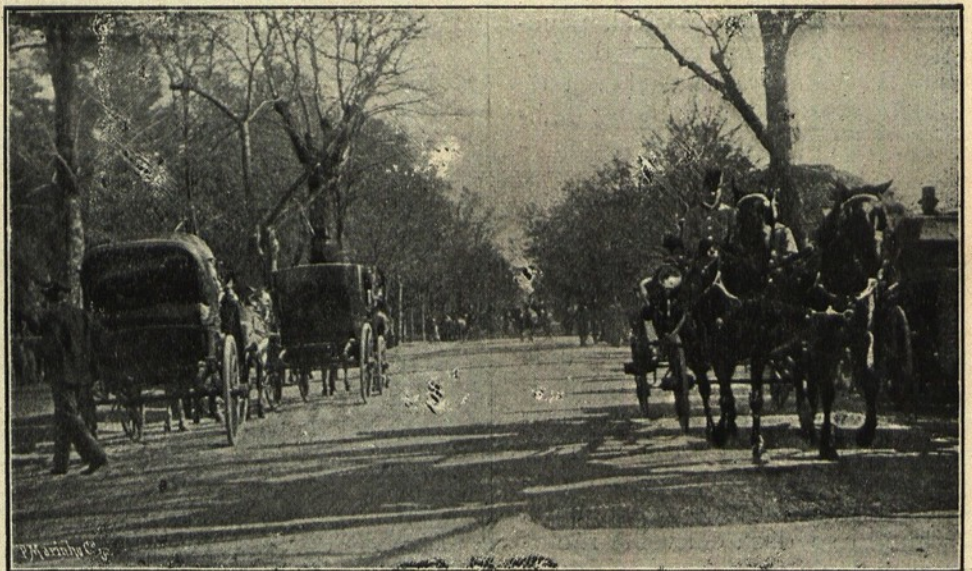
© © ©

As cidades, as multidões, teem como os individuos a

sua psychologia, o seu character, que se define e melhor se accentua pela observação dos costumes, dos habitos, das tendencias

ou dos impulsos collectivos. As cidades, como os individuos, teem modalidades de sentir, de pensar, de proceder que determinam estados d'alma, formas externas e transitorias de civilização propria, original ou imitada. A tendencia e o desejo, que presuppõem no individuo uma intenção complexa de elementos affectivos e intellectuaes, revelam igualmente, no viver das sociedades, o interior da consciencia collectiva d'estas. Lisboa tem portanto, naturalmente, a sua psychologia propria, como todas as capitães, complicada e complexa, como a do moderno mundo, manifestada nos mil aspectos da sua existencia, nas ruas e nos passeios, nos theatros e nos *ateliers*, nas officinas e nos divertimentos, nos salões ou nos cafés.

Todas as grandes capitães teem o seu bosque, como todas as pequenas terras possuem o seu passeio favorito, ou rocio ajardinado, onde em tardes de domingo se faz ouvir a musica regimental, ou a phylarmonica local. Lisboa mundana passeia na Avenida e no Campo Grande, como Madrid vae ao Prado e á Castellana n'um arremedo de vida luxuosa que não possui, nem mostra vontade de possuir. Depois que lhe destruíram o Passeio Publico, fechado como um *square* dentro das suas altas grades de ferro, Lisboa tem levado os seus bons vinte annos a ajardinar os longos *trottoirs* da Avenida, a escavar e encher de agua a lagôa do Campo Grande, onde na pequena ilhota classica de todos os lagos pretenciosos, a arte municipal permittiu a col-



NA GRANDE ALAMEDA

locação d'um caixote-botequim, que intercepta a graciosa perspectiva das margens sinuosas e consegue destruir todo a illusão de

grandeza indefinida, reduzindo-a assim ao aspecto de charco peçonhento.

Lisboa é assim vagarosa e lenta no seu caminhar de progressos effectivos, como a sua população, que também anda preguiçosa e dolentemente. Escasso lhe tem sido o tempo para levantar essa casaria inesthetica com que vaee definindo as ruas de varios *concelheiros* dos bairros excentricos, n'uma grande harmonia suggestiva entre a mercê burocratica e o predio de rendimento. Onde a nobreza fidalga quasi desapareceu, era natural que não se construísse o palacio de architectura nobre. Alguns que ainda existem são antigos; os modernos não chegam a consolidar o rebouco. Se a arte official se propõe reconstruir alguns por acaso, encontra após laboriosa concepção o modelo do Calhariz.



A frequencia recente das viagens trouxe, em verdade, para o meio elegante lisboeta o desejo de imitar, n'uma desculpavel obediencia ao cosmopolitismo moderno, habitos de vida exterior, como se adopta a forma d'um chapéu ou o corte d'um vestido. Mas certo é também que o uso transplantado, quer seja o simples exercicio sadio ou confortavel d'um passeio a pé ou de carruagem, n'um local concorrido e arejado, animando a paisagem pelo movimento, quer seja uma nova tentativa de sociabilidade, pela abertura d'um salão ou d'um club onde se converse, se façam



SUBINDO A AVENIDA

armas, se discuta, se representa, se ouça musica e se coma bem; logo encontra nas tendencias nativas uma forte resistencia passi-

va e constante que o deforma nos intuitos, o esmorece no exercicio e o define em breve tempo.

Como falta o impulso colectivo, o desejo



TRÊCHO DO CAMPO

bem firme, para realizar a tentativa iniciada ou para conservar o uso imitado, o Campo Grande, que é uma bella alameda, pobremamente cuidada e intermitentemente concorrida, não obriga Lisboa á plantação definitiva d'um parque, porque não lhe sente a falta. A Avenida ajardinou-se e orlou-se de *trottoirs*, e tanto bonda para ver a fileira de carruagens que de quando em quando a mede de alto a baixo, em rosario, movendo-se como se fôra correia sem fim sobre os tambores de transmissão, entre o obelisco da Restauração e o esboço de rotunda que esbarra em terrenos vagos. Lisboa podia ter já o seu parque ornamental e gracioso, n'um desenho paisagista como o do *bois de la Cambre*, sufficientemente extenso para a população, mas não se interessou pelo caso; que este, como tantos outros, era iniciativa incapaz de mover a sua caracteristica indifferença resignada.

Não lhe sentia, como ainda não lhe sente, a falta. Para verificar o conceito, basta sahir pelas manhãs ou pelas tardes, em domingos ou dias de semana, em

busca de aspectos, espirito deliberado para a observação.



Escasseiam as equipagens ricas, e aparentemente não parece que falleçam fortunas



O GUARDA-SOL DAS BICYCLETAS

para as sustentar; vêm-se mesmo raras que sejam cuidadosamente postas ao menos, n'um primor compatível com a modestia de dispendios, porque parece faltar o gosto para as alindar. De sorte que este unico aspecto das carruagens, do ajazeamento e das fardas, e da *tenue* dos criados, fornece á analyse do observador critico elementos preciosos para recompor e reconhecer uma parte da psychologia de Lisboa, muito simplista nos costumes, receiosa sempre do reparo mordente e invejoso, despreocupada da decoração artistica; em geral motejadora dos requintes de elegancia miuda que mal comprehende. Por isso a concorrência de carruagens ao passeio elegante, na Avenida ou no Campo Grande, é quasi sempre diminuta e o seu aspecto de aglomeração não offerece aquelle brilho, aquelle luxuoso movimento que imprime caracter aos passeios similares das outras capitães, ainda guardadas as devidas proporções.

Sem duvida, não se póde pretender que em Lisboa se realise o esplendor, por exemplo, do passeio de cavallo, de manhã, no Hyde-Park, em Londres, o mais bello e gracioso desfile de amazonas, de animaes perfectos, de luxo e bom gosto, que se póde con-

templar, como se diante dos olhos se desenrolasse em magico cyclorama a mais completa exposição de aguarellas, deliciosos rostos gentis, d'uma formosura ideal, magnificos exemplares da raça humana, prepassando numerosas e alegres por entre a multidão de cavalleiros, que as acompanham, as saudam na passagem, e por entre a escolta de estribeiros e de *grooms*, irreprehensíveis nas suas fardas agaloadas. Mas não seria ridicula pretensão suppôr que se encontrassem mais numerosas, se reunissem mais a miudo as raras damas portuguezas que passeiam a cavallo, como tambem os *sportmen*, que se dispersam e se isolam; não seria estranho que tivessem, como ponto obrigado de reunião, a alameda unica de Lisboa, e juntamente com as carruagens, os *phaetons*, os *tilburys*, os *ducs*, animassem a paisagem, estimulassem gosto pelo exercicio ao ar livre.



Mais democratico, menos dispendioso, generalisou-se notavelmente n'estes ultimos annos o *sport* cyclista; e este é sem duvida



CHEGAVAM BICYCLISTAS

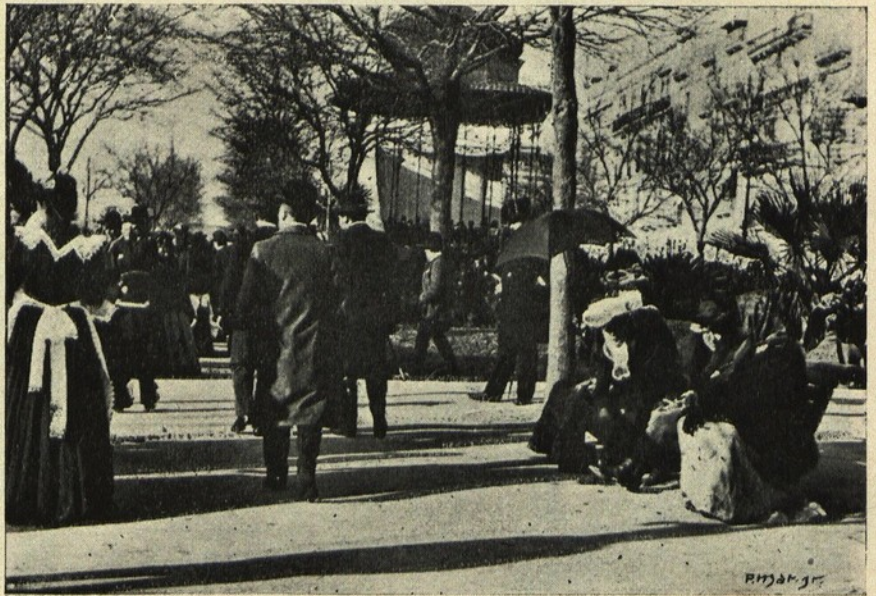
o aspecto mais animado que offerece o Campo Grande em dias de concorrência. Já foi

mais intenso, mais procurado o exercício, já foi mais moda do que actualmente; todavia ainda esquadrões de velocipedistas chegam apressados ao Campo, e na ancia de beber o espaço passam rapidos por entre as carruagens que lentamente descem a alameda occidental. Todavia são apenas rapazes; homens novos; nem uma d a m a. Do sexo fragil, segundo a phrase consagrada, apenas algumas creanças experimentam pequenos percursos, em volta do pavilhão de aluguel de machinas, como outras ensaiam os remos nos pequenos botes da lagôa.

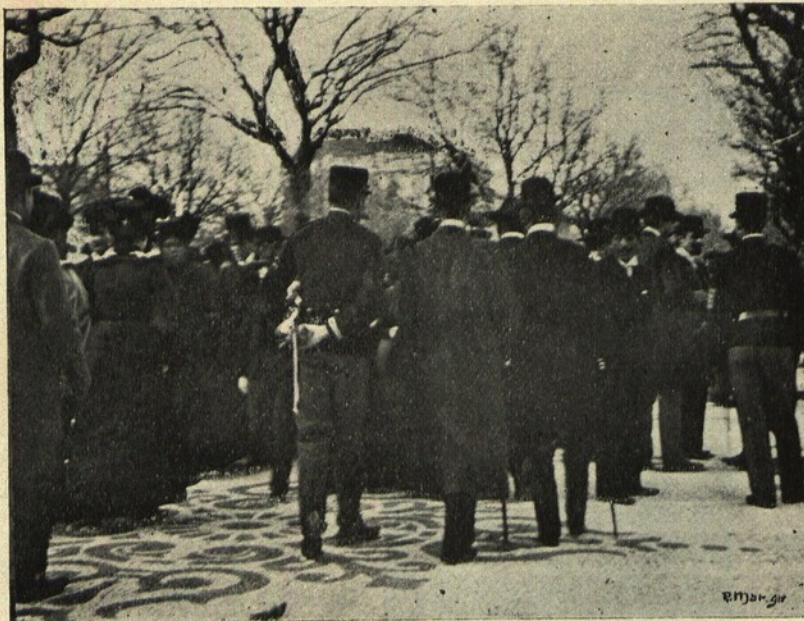
Recentemente, o automovel apparece na sua carreira

desgraciosa, de formas deselegantes e extravagantes, a caracterisar o seculo utili-

de locomoção, mesmo nos logares da moda; como desaparecem as preciosas cadeirinhas e por gradações successivas se chega ao automovel; como do movimento cadenciado, em-



FASENDO A AVENIDA



A HORA DA MUSICA

tario e brutal. Como é curioso seguir através dos tempos, no espaço d'um seculo, este transformar progressivo, em decadencia de graciosidade e de delicadezas, dos meios

balando entre cochins de seda perfumada a gentil fidalga do seculo XVIII, se passa á vertigem de expresso arrebatando a moderna mundana entre nuvens de pó, contra o corte cruel do ar deslocado que fere impiedioso o mimo da formosura.

Todavia, apesar d'estas innovações do cyclismo e do automobilismo, que denunciam progressos de adhesão aos habitos da vida moderna, a impressão que se recolhe d'uma excursão analysta ao meio luxuoso e ao passeio elegante de Lisbôa, é a de contrafacção de costumes mundanos, mesquinamente copiados, amostras de civilização exotica. Aqui a vida é ainda pouco intensa.

Terá compensações esta aresta de character colectivo? A vida será talvez mais plenamente humana, com vigor de paixões como exuberancia de sentimento ou de temperamento' que exaggera

tanto as más intenções na sua ruindade, primitivos, fundamentalmente organicos, como as boas na sua simplicidade. Mas nem mo tem arremedos de agglomerações humanas depauperadas pelo prazer e pelo goso.



A VER AS CARRUAGENS

por isso a vida elegante é menos artificiosa e convencional; somente não occulta os seus defeitos, nem os disfarça sequer na frivolidade banal. Tem aspectos naturalistas,

mundana, luxuosa, tem quasi sempre o habito externo do desconsolo indefinido, pleno do tédio sombrio, que produz a indiferença e o desleixo.

Ha n'esta vida mundana lisboeta um forte contraste de sombra e luz; uma inconstancia, uma instabilidade que desorienta a analyse.

Ingenualmente optimista, ás vezes, tem enthusiasmos de espirito juvenil; ridiculamente pessimista, outras vezes, tem indiferencias egoistas de velho organismo. Po-rem, envolta n'um mysticismo, doce e supersticioso, esta elegancia



O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ

Synopse dos seis capitulos publicados — Um velho fazendeiro australiano, Pedro Braz, cuja origem é desconhecida, e de quem se não conhece familia, morre depois d'uma viagem, tendo promettido a Helena Moss, cuja vida infeliz o commovera, e a João Millington, advogado intelligente em principio de carreira, deixar-lhes em testamento todos os seus bens que são avultados. Depois da morte, porém, não se encontra o testamento, e as propriedades, á falta de herdeiros conhecidos, entram em administração judicial. Faz-se leilão dos moveis; e alguns objectos da mobilia dispersam-se pelo mundo. Corre a lenda de que a alma de Pedro Braz anda penando e parece que a desventura acompanha sempre os possuidores diversos d'aquelles taes moveis que perteceram a Pedro Braz, o velho criador de gado. Um tal José Candler, vagabundo, chega por acaso a Malugalala; pede pousada, é recebido, e informa-se do caso do testamento de Pedro Braz. O creado d'este, Bob, rapaz gracejador, encontra na physionomia de José Candler parencas com o fallecido patrão. Em conversa, pergunta-lhe se elle vem recolher a herança, e acende-lhe assim o fogo da ambição. Faz o seu plano, procura o advogado Millington propõe-lhe dividirem a herança, fazendo-se elle passar por sobrinho de Pedro Braz. E' repellido severamente. Encontra um advogado desacreditado Geeves, e os dois associam-se n'uma demanda para obter a herança. Helena Moss parte para uma fazenda no interior, acompanhando, como governanta, Francisco Crapp, jornalista, o qual vae substituir o dono das pastagens, seu amigo, que se ausenta por alguns annos. A fazenda Narenita é proxima da Malugalala. Helena Moss volta a visitar a antiga fazenda de Pedro Braz. Descrevem-se varios incidentes da vida do matto. Retoma-se em seguida a viagem de Walter Reid e sua familia, a casa de quem tinham ido parar os moveis de Pedro Braz, e sobre elles pesa a má sina que parecia perseguir os diversos donos dos taes moveis. Walter Reid morre deixando ao desamparo seus tres filhos, pouco depois de ter desembarcado na colonia; os pequenos alcançam collocação, e separam-se, obtendo a mais velha, Catharina um lugar de governante em casa dos Green que são administradores da fazenda Narenita. Os moveis são mais uma vez vendidos em leilão e de novo se dispersam. O pretendente, Candler, á herança do tio Pedro Braz, visita acompanhado do seu advogado a fazenda de Malugalala. Bob vigia-lhe as intenções, e n'um dia, em que exercia esta vigilancia, descobre varios documentos que se referem á vida de Pedro Braz, embora nada elucidem sobre o testamento. Bob deu d'elles immediato conhecimento á senhora Moss que por seu turno os descreve em carta ao advogado Mellington.

CAPITULO SETIMO

De como a realidade é por vezes uais assombrosa do que a ficção e como Catharina encontra nova collocação e protecção.

A IMAGINAÇÃO mais vivaz e subtil não consegue entretecer historietas como aquellas que o acaso, mysterioso tecelão de surpresas, vae debuxando no tear da vida. Entre as fazendas que circumdavam Narenita, para o lado opposto a Malugalala, havia uma de magnificas pastagens, cuja dona ere uma senhora viuva, de avançada idade, e da geraes sympathias no districto pela sua bondade. Catharina visitava-a com frequencia,

nos seus passeios ás creanças que educava. Uma tarde, disse-lhe ella muito alegre:

— Sabe, minha menina, vou ter hospedes que me vão dar immensa satisfação. Tenho um sobrinho, bastante rico, proprietario de Reverina, fuma fazenda modelo, que partiu ha annos para Inglaterra, onde casou e d'onde trouxe uma excellente companheira. Roberto Clarke, chama-se assim meu sobrinho, acaba de regressar d'uma segunda viagem e escreveu-me que virá passar comigo alguns dias. Não imagina quanto me alegre em os ter aqui. A' medida que se envelhece mais se quer á familia, que hoje para mim se resume n'aquelles dois sobrinhos.

Pouco depois chegaram os annunciados hospedes, e Catharina determinou um passeio para aquelle lado, afim de lhes fazer a visita de boas vindas. Teve a agradável surpresa de encontrar em Thereza Clarke um antigo e bem intimo conhecimento. Era uma das mais predilectas amigas de sua mãe. Vira-a constantemente, quando era pequenina, e Thereza frequentava a sua casa, n'aquelle bom tempo feliz, antes de morrer o patrão de seu pae; lembrava-se, e quantas vezes se recordára, dos mimos e da ternura que recebera sempre de Thereza Smith, que então era solteira. Sabia que casára e partira para as colonias. Não fixára o nome do marido, e por isso extranha surpresa lhe causou o inesperado encontro. Não mais ouvira falar d'ella. Em seguida viera a doença de sua mãe, o desgosto de a perder, a ruina da sua felicidade, a expatriação forçada, toda a historia triste da sua curta existencia. A senhora Clarke ouviu interessada toda a narrativa de Catharina e formulou logo a intenção de a levar para sua casa em Reverina, reunir ali tambem os irmãos mais pequenos, condoida de tanta amargura soffrida em annos tão poucos. Catharina era a imagem da mãe, e Thereza fôra verdadeira amiga d'esta; recebera mesmo d'ella o acolhimento mais terno quando ficara orphã e só; avaliava, portanto, pela propria experiencia, a dolorosa situação a que viera a chegar a sua pequenina Catharina. Muitas vezes se repete que a realidade é bem mais assombrosa do que a ficção.

As duas senhoras, a velha tia e Thereza Clarke, não perderam tempo em visitar Narenita. Catharina annunciára á senhora Green a visita; porém esta nada sabia das intenções d'ellas com respeito á sua governante, de fórma que quando lhe expozeram os seus bons desejos de a levar consigo, verdadeiramente surpresa, não pôde occultar a sua contrariedade.

—Creio que a menina Reid está aqui muito bem comigo, me parece, — concluiu ella em tom decidido.

—Sem duvida, está — replicou a senhora Clarke com sinceridade. — Ella disse-nos que se sentia muito feliz e que gostava muito de Narenita e da senhora; mas bem vê, Catharina está separada da irmã e do irmão, e reunindo-os em minha casa, pensava concorrer para a felicidade d'elles, em compensação, visto que sou rica, do bem que recebi outr'ora da mãe, que era minha verdadeira amiga.

—Não desejo de fórma alguma tolher o destino da menina Reid, mas realmente sinto pena em me separar d'ella, embora a co-

nheça de pouco tempo. Demais, haverá n'isto tambem um sentimento egoista que não occulto. Far-me-ha falta. Não é facil obter governante para meus filhos, como esta, n'este matto tão isolado.

Pouco depois então a senhora Moss. Não vira chegar o *buggy* com as senhoras, e como estava collocado na sombra não reparára n'elle, quando atravessara o pateo.

—Não incommodo, senhora Green? — disse ao entrar pela porta de vidraça aberta sobre a varanda da sala. Depois, vendo visitas, parou, hesitante: — Peço perdão, mas não sabia que estava acompanhada.

—Venha cá, minha senhora, venha e diga-me o que devo fazer. Estas duas senhoras querem-me roubar Catharina. O que me diz?

—Não me surprehende — replicou a senhora Moss, com aquella imperturbavel serenidade que já lhe conhecemos.

—Não a surprehende? — disseram as tres quasi a um tempo.

—Não. Pelo que disse Catharina hontem á noite, quando voltou de casa d'estas senhoras, ou antes pelo que ella não disse, calculei tudo. E' vulgar ficar-se sabendo mais d'um caso pelo que se não diz d'elle do que pelo que se diz, não é assim?

—Mas, não concorda que querendo levar-me a menina Catharina, me deva oppôr com todas as forças que tiver? — perguntou a senhora Green.

—De nenhum modo. . .

—Oh! não se volte contra mim, não terei quem defenda a minha causa. — E venda entrar o marido, continuou: — Ah! chegas a proposito, Alfredo. Elle terá de tomar a minha parte; — e em seguida, com affectado desespero, — vem em meu auxilio, por Deus. A sala está cheia de terriveis conspiradores contra a minha paz.

Elle entrou sorrindo.

—Bem, devo confessar que os teus conspiradores não parecem tão medonhamente malevolos — e cumprimentava as senhoras. — E qual é a conspiração? — disse, voltando-se para a mulher.

—A senhora Clarke vem tirar-nos de casa a menina Reid, e a senhora Moss, a nossa boa amiga, tambem concorda. Fica sabendo que ella não tomou a minha defesa como deveria.

Rapidamente contaram-lhe a situação.

—E' uma surpresa para mim. No entanto, minha querida, não podes ficar com a menina Reid para sempre — sentenciou afinal.

—Para sempre! Ora, na verdade, se ella ainda não esteve aqui tres mezes! Oh! Al-

fredo, toma cuidado, que sobre ti posso descarregar a minha vingança. E' mais uma vantagem de ter marido. Póde-se fazer d'elle a victima do nosso despeito.

E a pequena sociedade ria sinceramente do ar serio e tragico que affectava a senhora Green.

N'aquelle instante entrou um criado com a bandeja de chá, que é d'uso offerer aos visitantes, seguido de Catharina e das creanças. Beijou affectuosamente as duas senhoras, e depois começou a deitar a chá nas

pequenas prendas, trabalhos manuaes em geral, cujo valor reside na affectuosa deferencia, que representam. D'estas todas, a que mais apreciara talvez, era uma linda e pequena almofada de velludo azul escuro, bordada a flôres de matiz, trabalho e presente da senhora Moss, a quem se afeiçoara intensamente.

— Desejava que a menina pudesse ficar aqui além de sexta — dizia-lhe a senhora Moss. O sr. Millington chega aqui no sabado, e gostava tanto que o encontrasse.



chicaras que a senhora Green ia offerendo a cada uma. A conversação tornou-se geral e animada.

Foi determinado que Kate partiria dentro de quinze dias. Havia de ir primeiro a Sydney com a senhora Clarke encontrar-se com os irmãos, e depois seguiriam para Riverina. Embora feliz, como tinha sido, em casa dos Greens o seu coração trasbordava de alegria com a idéa de se reunir outra vez a seus irmãos:— Nunca mais nos separaremos — escrevia-lhes alegremente, participando-lhes as boas novas.

Dois dias antes da partida os srs. Greens reuniram os conhecimentos das visinhanças em familiar *soirée* de despedida para que Catharina podesse dizer adeus ás suas amigas. Cada uma d'ellas lhe trouxera, segundo o uso tradicional, a sua lembrança de amizade,

— Eu tambem desejava conhecê-lo, tendo-lhe ouvido fallar tantas vezes d'elle, — replicou Catharina.

— Estou certa que havia de gostar d'elle. E' um excellente rapaz, muito intelligente. Talvez o encontre em Sydney.

Dois dias depois o grande e espaçoso *buggy* levava Catharina e a sua bagagem para Talvoorth. A despedida foi sinceramente commovedora.

— Quando a tornaremos a vêr e aonde? — disse a senhora Green com as lagrimas nos olhos.

— Não sei, mas tenho um presentimento que um dia hei de voltar aqui a Narenita.

— Ha de voltar, assim espero — acrescentou a senhora Moss abraçando-a ternamente.

— Mas como o poderei fazer? — respon-

dia Catharina, contradizendo logo a sua propria affirmativa. Se a senhora Clarke parte para Inglaterra em fevereiro e já não vem longe?

— Bem sei, minha querida; porém tenho um presentimento de que ha de voltar.

Catharina entrou no *buggy*; o cocheiro fez estalar o chicote, os cavallos enfeitaram-se no arranque do carro e partiram.

(Adaptado do inglez).

— Era uma bôa e meiga rapariga — dizia a senhora Green, enxugando as lagrimas em quanto seguia com a vista o *buggy* que ia desaparecendo nas voltas da estrada, meio occulto na nuvem de poeira que o rodar rapido levantava em novellos algodoados.

— Ella voltará outra vez, verá, tenho este presentimento — continuava a affirmar a senhora Moss.

(Continua).

NOITE DE CARNAVAL



METEOROLOGIA

Observatorio do Infante D. Luiz

Muito	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Grãos	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	767,2	766,3	15,6	16,2	20,1	22,0	11,6	11,9	0,0	0,0	6,7	7,8
2	766,1	764,7	17,9	17,4	22,0	22,9	12,1	12,2	0,0	0,0	7,9	7,2
3	765,0	764,0	10,9	14,9	25,0	19,9	12,2	11,4	0,0	0,0	7,2	5,8
4	762,8	765,3	17,7	13,9	23,9	15,9	16,1	11,6	0,0	0,0	5,0	7,6
5	758,2	764,8	15,8	14,5	22,1	18,2	14,0	12,0	0,0	0,0	7,3	6,5
6	756,8	763,8	15,9	16,8	18,5	22,7	12,3	12,6	0,0	0,0	5,7	4,7
7	760,7	764,0	14,0	17,5	17,7	22,7	11,4	12,7	0,0	0,0	7,1	7,2
8	761,2	767,0	14,3	13,4	16,3	18,8	11,7	11,3	0,0	0,0	8,2	7,3
9	766,6	760,4	14,6	14,5	17,7	17,4	11,6	10,7	0,0	0,0	8,0	5,5
10	768,2	764,0	15,0	14,5	18,9	17,0	11,3	10,0	0,0	0,0	7,3	6,2
11	767,4	764,8	17,4	12,4	24,1	18,4	12,1	8,7	0,0	0,0	6,7	5,3
12	763,7	762,1	20,5	14,5	26,4	18,5	15,2	10,2	0,0	0,0	4,5	4,7
13	762,6	758,2	18,3	13,0	23,4	18,0	15,4	10,5	0,0	0,0	5,5	6,8
14	762,4	758,8	17,5	15,7	25,1	19,0	15,0	11,3	0,0	0,0	5,5	3,0
15	758,5	764,2	13,3	16,5	21,0	21,2	14,9	12,1	0,0	3,0	7,8	5,7
16	761,1	768,3	16,2	16,4	17,8	19,3	14,1	12,1	1,0	0,0	7,7	6,5
17	763,7	770,4	16,3	17,3	18,7	20,4	13,9	12,5	3,5	0,0	7,3	5,7
18	763,4	769,3	17,7	16,9	21,5	18,9	12,7	12,7	0,0	0,0	6,2	5,3
19	761,1	770,3	19,2	15,0	24,4	17,4	13,4	11,7	0,0	0,0	6,8	5,0
20	762,0	768,6	18,3	15,5	2,9	18,2	13,9	11,3	0,0	0,0	7,2	7,0
21	761,4	768,5	18,5	14,7	20,2	20,2	14,7	10,5	0,0	0,0	5,0	6,0
22	762,4	771,7	17,3	16,8	20,3	22,4	14,1	12,5	0,0	0,0	5,5	4,5
23	762,0	769,5	15,3	10,6	22,3	26,5	14,4	14,1	0,0	0,0	5,8	9,5
24	761,5	768,3	17,8	23,8	21,6	29,6	14,0	18,0	0,0	0,0	7,7	9,2
25	750,6	769,4	17,9	23,9	19,9	29,7	14,5	23,2	0,0	0,0	5,8	5,3
26	756,5	765,8	15,8	23,7	16,0	31,0	15,0	18,4	2,2	0,0	9,5	6,3
27	756,3	761,0	17,0	20,3	19,7	23,9	15,0	16,1	13,4	1,6	5,5	2,2
28	76,9	760,3	19,0	18,4	16,5	20,0	14,8	15,3	0,0	0,5	7,2	4,0
29	762,7	759,6	17,8	16,1	20,5	17,3	15,1	13,5	0,0	0,0	6,3	6,5
30	762,7	760,0	19,1	14,2	20,5	15,8	17,2	10,3	0,0	5,8	5,5	10,0
31	762,8	751,2	18,9	11,1	20,5	15,0	17,2	9,5	0,0	15,4	4,7	8,5

VARIÉDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

NOVEMBRO. — **1 Alemanha** — Constitue-se em Berlim o Tribunal Arbitral mixto, que nos termos do tratado de 28 de agosto, entre a Alemanha, a Inglaterra e a França de uma parte e o Japão da outra, deve estatuir ácerca da taxa de licença domiciliaria dos estrangeiros residentes no Japão. — **Italia** — O governo italiano, achando insufficientes as garantias offerecidas pela Turquia, ordena á esquadra italiana o bombardeamento de Middy. — **Portugal** — Começa a desenvolver-se em Lisboa uma epidemia de variola.

2 Turquia — A esquadra italiana bombardeia Middy. — **Hespanha** — Os empregados do commercio percorrem as ruas de Madrid, conseguindo o completo descanso dominical. — No Centro Operario de Valencia reúnem-se os delegados das sociedades operarias, resolvendo desistir da grève geral.

3 Marrocos — O pretendente marroquino ataca o acampamento das tropas imperiaes, sendo repellido com grandes perdas e ficando prisioneiros grande numero dos seus partidarios.

4 Portugal — Os estudantes do Lyceu de Lisboa fazem grève, reclamando a reintegração do antigo reitor. — Sente-se um tremor de terra na povoação do Valle da Amoreira, freguezia de Valhelhas, concelho da Guarda, destruindo varias casas e sepultando nos escombros algumas victimas. — **Philippinas** — A commissão das Philippinas faz um convenio para a abertura da cabotagem nas costas philippinas a todas as embarcações estrangeiras. — **Inglaterra** — O governo decide conceder ao Transvaal e ao Orange, além dos 3 milhões esterlinos estipulados nas condições da paz, mais 2 milhões de donativo para compensar os estragos da guerra e 3 milhões de emprestimo, reembolsaveis conforme as condições da paz e pagaveis nas colonias. — **Estados Unidos** — Realizam-se as eleições legislativas. Em Madison, na occasião em que se disparavam 60 morteiros carregados com fogo de artificio, para festejar as eleições, na presença de umas 30:000 pessoas, um dos morteiros

cahiu, arremessando os fogos de artificio sobre a multidão e derrubando os morteiros proximos. Os projectis, voando em todas as direcções, mataram e feriram 80 pessoas.

5 Hespanha — Os descarregadores de Villa Garcia declaram se em grève.

6 Portugal — Cae na peninsula um enorme temporal, produzindo muitos estragos, na maior parte devido ás cheias, arrastando casas, arvores e colheitas. — **Hungria** — O governo hungaro apresenta ao parlamento um projecto de lei regulamentando muito severamente a emigração.

7 Hollanda — A França e a Belgica propõem, no tribunal de arbitragem de Haya, que seja a lingua franceza a lingua official do mesmo tribunal. Esta proposta foi apoiada pela Russia, Italia e Hollanda. — **Hespanha** — O rei Affonso XIII assigna o decreto auctorizando o ministro da instrucção a submeter á approvação das côrtes o projecto determinando as condições de reconhecimento dos titulos estrangeiros da divida hespanhola — Um grande cyclone arraza, em S. Fernando (Cadiz), algumas casas e arranca muitas arvores e postes telegraphicos. — **França** — A camara dos deputados approva a proposta do deputado Rouanet, radical-socialista, para se nomear uma commissão de 33 membros, em carregada de indagar as causas da grève actual. — Os delegados da Companhia das Minas de Grand-Comte, em Marselha, e os delegados dos mineiros grévistas estabelecem um accordo sobre todas as questões que os dividiam, e decidem não recorrer á arbitragem. — Reúnem-se uns 600 grévistas de Liévin, que recusam acceitar a sentença arbitral e votam a continuação da grève. — A camara dos deputados declara nulla, por 278 votos contra 255, a eleição do condé Boni de Castellane, conservador adherido á Republica. — O Senado pronuncia-se pela tomada em consideração da proposta do sr. Lecomte, que tem por fim modificar a lei de 1875 sobre a liberdade do ensino superior.

8 Italia — Tendo a Turquia acceitado as

condições impostas pela Italia na indemnisação de 15:000 francos ás familias dos dois marinheiros italianos, assassinados pelos piratas em Middy, é suspenso o bombardeamento. — *Honduras* — E' eleito presidente da republica o general Manoel Bonilla. — *França* — Maxime Lecomte, secundando a proposta de lei do senador Girault, toma a iniciativa de uma proposta analoga, no Senado, contra o duello, que deve ser considerado como um delicto. — *Africa do Sul* — A camara das minas decide elevar o salario dos trabalhadores indigenas a cincoenta shillings por mez.

9 *Inglaterra* — Os operarios encadernadores syndicados, de Londres, em numero de 4:000, annunciam aos patrões que cessam o trabalho dentro de oito dias. Estes affixaram um aviso despedindo-os. — *França* — O congresso dos mineiros de Lens vota a continuação da grève. — *Venezuela* — O presidente Castro entra triumphalmente em Caracas, á testa de 3:000 homens. — *Africa do Sul* — Um violento incendio destroe a cidade de East-London, desaparecendo mais de trinta edificios no centro da cidade.

10 *Hespanha* — Os sapateiros de Valladolid declaram-se em grève. — *Turquia* — No accordo com a Italia sobre a questão de Middy, a Sublime Porta obriga-se a destruir os barcos de vela dos piratas turcos e a pagar uma indemnisação para as familias dos marinheiros mortos em Middy. — *França* — Voltam ao trabalho nas minas da região carbonifera do Nord, em Lille, cerca de 5:000 operarios. — Em Denain, uns 2:000 mineiros votam a continuação da grève.

11 *Portugal* — Terminam as grèves de operarios tecelões em Gouveia e Guarda. — *França* — E' destruido por um incendio o castello d'Eu, em Rouen, pertencente ao duque d'Orléans, salvando-se apenas a capella. — Abandonam o trabalho dois troços de «dockers», em Dunkerque, por ter sido despedido um operario. — *Venezuela* — E' estabelecido em Caracas o poder executivo do governo de Venezuela, tendo a guerra civil terminado virtualmente. — *Bolivia* — E' proclamado o estado de sitio em todo o territorio da Bolivia, em consequencia da derrota dos bolivianos pelos brasileiros que habitam o territorio do Acre. — *Estados-Unidos* — E' inaugurada pelo presidente Roosevelt a nova camara.

13 *Italia* — E' prorogada por 2 annos a convenção commercial actualmente em vigor entre o Brasil e a Italia, e que devia expirar em 31 de dezembro de 1902. — *Portugal* — São assignados os decretos relativos á construcção dos caminhos de ferro de Ambaca a Malange e do Lobito á fronteira leste de Angola, e um outro approvando a pauta aduaneira dos territorios de Manica e Sofalla, sob a administração da Companhia de Moçambique.

14 *Hespanha* — E' apresentada por Sagasta ao rei Afonso XIII a lista do novo ministerio. — *França* — Termina a grève na região huilheira do Mediterraneo.

15 *Allemanha* — O Reichstag approva uma

moção que substitue a votação nominal pelo systema mais expedito de votação por lista. — *Italia* — O governo acceta o projecto de lei apresentado ao parlamento ácerca do divorcio. — *Marrocos* — A tribu Benider submette-se ao pachá de Tetuan, em troca da liberdade de alguns prisioneiros. — *Belgica* — Um italiano, chamado Rubino, attenta contra a vida do rei Leopoldo, disparando-lhe alguns tiros de revólver, sem consequencias. — *Bulgaria* — O gabinete presidido pelo sr. Daneff pede a sua demissão.

16 *Venezuela* — Depois de uma sangrenta batalha, 1:500 governamentais occupam Coro. — *Belgica* — O congresso nacional dos mineiros, reunido perto de Mons, decide organizar um terrivel movimento de campanha, por meio de comicios e manifestações, com o intuito de obter a aposentação dos operarios invalidos e o dia normal de 8 horas. — *Marrocos* — O ministro do sultão em Tanger ordena que antes de se combaterem os rebeldes se troquem os prisioneiros que elles reteem, entre os quaes se acham alguns protegidos pelas nações estrangeiras. — *Hespanha* — Varios caixeiros apedrejam alguns estabelecimentos, pedindo o descanso dominical.

17 *Marrocos* — As tropas imperiaes aprisionam o pretendente em Bogi. — *Hespanha* — Realiza-se em Sevilha, com grande solemnidade, a trasladação dos restos de Christovam Colombo para o monumento construido no centro da cathedral. — *Bulgaria* — O sr. Daneff reconstitue o gabinete bulgaro, assumindo a pasta dos negocios estrangeiros e dando a da fazenda ao sr. Sarafoff e a do interior ao sr. Ludskanoff.

18 *Hespanha* — Declaram-se em greve pacifica os gremios federados de Lerida. Os libertarios de Cadiz percorrem os campos incitando á declaração de grandes greves. — O ministro da guerra prohibe que os officiaes do exercito hespanhol usem fato á paisana. — *Egypto* — Produz se uma explosão de nitroglycerina n'um deposito de polvora perto da cidadella no Cairo, matando 18 pessoas e ferindo muitas outras pertencentes á raça egypcia. — *Philippinas* — A commissão das Philippinas promulga uma lei permittindo aos navios estrangeiros fazerem cabotagem n'aquelle archipelago até 1904. — *Brazil* — Toma posse o novo presidente da Republica.

19 *Portugal* — O Diario do Governo publica um decreto regulamentando a Real Capella da Universidade, e um outro sobre organização dos serviços centraes de administração dos caminhos de ferro do Estado. — *Hespanha* — Apresentação do novo ministerio no congresso. — *Brazil* — Produzem-se manifestações hostis á partida do antigo presidente da republica. — *Africa do Sul* — E' levantado definitivamente o estado de sitio no Transvaal. O governo repatria 50:000 pessoas internadas nos campos de concentração. — *Servia* — O gabinete pede a demissão. O general Tsintsar Markovitch é encarregado de formar novo gabinete que fica assim constituido: presidente do conselho, o general Tsintsar Markovitch;

ministro da guerra, o general Paulovitch; ministro do reino, o sr. Theodorovitch; ministro da fazenda, o sr. Marinkovitch; ministro das obras publicas, o sr. Denitch; ministro da agricultura, o sr. Novakovitch; ministro dos cultos, o sr. Lazarevitch; estrangeiros, o sr. Antonovitch.

20 Portugal — Entra no Tejo a esquadra ingleza do Canal. — E' publicado um decreto approvando a organização dos serviços aduaneiros da Guiné Portuguesa. — **Persia** — Um incendio que durou tres dias destroe em Rescht 1600 predios de casas fazendo 200 victimas. — **Prussia** — Rebenta um grande incendio no deposito de artilharia de Brandeburgo, sendo destruidos pelo fogo dois armazens cheios de artilharia e outras machinas de guerra, avaiando-se as perdas em 1.250.000 marcos. — **Grecia** — O Santo Synodo elege por unanimidade, bispo de Athenas, monsenhor Theoklitos, que era bispo de Sparta. — **Venezuela** — Uns 2000 revolucionarios, commandados pelo general Gabiras, invadem Venezuela na fronteira columbiana. A invasão, foi porém, dominada pelo governo da Columbia, cujo territorio ficou indemne da invasão.

21 Venezuela — A republica de Venezuela envia á Inglaterra um energico protesto contra o facto de ter sido enviada a Orunaco a corveta *San Thomé* declarando que esta providencia constitue uma invasão na soberania de Venezuela.

22 Republica Argentina — As duas camaras do congresso argentino votam a lei que permite ao poder executivo expulsar do territorio da republica os estrangeiros condemnados ou processados por crimes de direito commum que perturbem a ordem publica ou comprometam a segurança nacional.

23 Jamaica — Sente-se em Kingston um violento abalo de terra. — **Noruega** — O Banco Commercial e Industrial de Christiania suspende pagamentos. — **China** — A evacuação de Schangai pelas potencias estrangeiras começa pela partida do contingente japonéz. — **Inglaterra** — Effectua-se em Hyde-Park uma imponente manifestação de protesto contra o projecto de lei de ensino. — **Columbia** — E' feita a paz com os revolucionarios, garantindo o governo a liberdade dos presos politicos e a amnistia de todos os revolucionarios. — **Austria** — São destruidas por um incendio, dezesete minas de petroleo em Boryslow, ficando sete casas reduzidas a cinzas. — **Russia** — O dr. Koulabika descobre o meio de fazer pulsar o coração do homem e dos animaes, *post-mortem*, por meio de injeccões de sal e de um sulfato sobre cujo nome guarda segredo. — **Republica Argentina** — Cae um violento furacão em S. Bruno, provincia de Santa-Fé, matando cinco pessoas, ferindo quinze e destruindo cem predios.

24 Portugal — Juramento de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, como regente. — **Hespanha** — O embaixador de França apresenta uma reclamação por causa dos incidentes que se deram na costa cantabrica entre pescadores francezes e hespanhoes. — **Republica Argen-**

tina — O governo argentino decreta o estado do sitio em Buenos Ayres e nas provincias de Buenos Ayres e Santa-Fé.

25 Inglaterra — A camara approva a moção do sr. Blafour, primeiro ministro e primeiro lord da thesouraria, approvando a convenção assucareira. — **Columbia** — Cessa a revolução no Panamá, restabelecendo-se a paz em toda a republica. — **Allemanha** — São regeitadas as moções socialistas apresentadas por Resenow e Bernstein no Reichstag relativas ás modificações a introduzir na lei aduaneira. — **Italia** — as auctoridades da ilha Capri, decidem a erecção de um monumento á memoria do fabricante de canhões Krupp. — **França** — As secções da camara dos deputados nomeam 8 grandes commissões, compostas cada uma de 33 membros e encarregados especialmente de negocios relativos ás alfandegas, ao exercito, á marinha e á agricultura.

26 Allemanha — O Reichstag decide que a nova lei alfandegaria seja posta em vigor por meio de um decreto imperial approvado pelo conselho federal. — **França** — Os maritimos contractados de Marselha decidem fazer greve. — **Havana** — Termina a greve. — **Austria** — Começa na camara dos deputados a discussão do projecto de lei que fixa em dois annos o serviço militar, isentando os filhos de trabalhadores que sustentam familia por meio de trabalho agricola. — **Venezuela** — As tropas do governo reoccupam Barcelona que tinha sido evacuada pelos revolucionarios.

27. — **Russia** — A Bolsa admite á cotação o emprestimo bulgaro, sendo a primeira vez que um emprestimo estrangeiro é officialmente cotado na Russia. — **França** — O conselho municipal de Bordeaux vota contra o pedido de autorização para o leccionamento das irmãs da escola congregacionista d'esta cidade. — Os empregados da companhia dos tramways, capitulam, retomando o trabalho. — Por causa de uma polemica de imprensa batem se á espada De Lawnay, senador, e o visconde de Kerguezec, recebendo este um golpe penetrante no antebraço. — Mr. Meline demitte se de director do jornal *Republique Française* por causa dos artigos de polemica entre Laffitte, redactor d'aquelle jornal, e Dabry, director do *Observateur Français*. — O conselho d'estado declara réus de abuso todos os bispos que assignaram a petição dirigida ao parlamento ácerca da applicação da lei de associações. — **Italia** — Os ministros apresentam ao parlamento varios projectos de lei, nomeadamente o que estabelece o divorcio. — **Hespanha** — Os estudantes de Barcelona fazem varias manifestações contra o decreto que prohibe que o ensino seja ministrado em dialecto catalão. — **Portugal** — E' publicado o decreto approvando o plano geral das vias ferreas ao sul do Tejo, e um outro approvando o regulamento para a permutação de fundos no ultramar.

28 França — O presidente Loubet approva o decreto que modifica o regulamento da administração publica na parte que diz respeito ás congregações religiosas. — E' regeitada a

proposta do deputado sr. Rose, republicano, tornando incompatível o mandato parlamentar com o de conselheiro municipal. — *Bulgaria* Mr. Aurelian, ministro do commercio e da agricultura, pede a demissão por motivo de doença. — *Portugal* — E' publicada uma portaria mandando proceder ao estudo das linhas que devem constituir a rede ferro viaria do Tejo, e os decretos auctorizando com certas prescripções a pesca a vapor nas aguas de Lourenço Marques; approvando o contracto celebrado entre o governo e Robert Williams, para a construcção e exploração de um caminho de ferro entre a bahia do Lobito e a fronteira leste da provincia de Angola; e determinando que o saldo existente no fundo do caminho de ferro de Benguella e o imposto sobre a borracha exportada pelas alfandegas de Benguella e Mossamedes sejam destinados a augmentar a dotação da construcção do troço do caminho de ferro de Ambaca a Malange.

29 *Marrocos* — O sultão é atacado pelas tribus Zemmour proxima de Mequinez, conseguindo dispersal as. — *Estados-Unidos* — Dá-se a explosão de uma caldeira na fabrica da companhia Swift, em Chicago, ficando 7 homens mortos e 20 feridos. — *Philippinas* — Os rebeldes atacam em Samar um destacamento de gendarmeria americana matando o official que o commandava. — *Columbia* — A invasão columbiana, varias vezes batida, é obrigada a transpôr a fronteira. — *Sião* — O governo decreta o estabelecimento do padrão de ouro sobre a base de 17 *ticaes* por libra. As casas bancarias que com esta providencia soffrem perdas avaliadas em 8 milhões, reclamam pela via diplomatica indemnisações correspondentes. — *Portugal* — E' publicada uma portaria approvando o projecto e orçamento da linha ferrea de Estremoz a Villa Viçosa, e uma outra mandando adoptar varias providencias tendentes a evitar o desenvolvimento da raiva.

30 — *Hespanha* — O conselho de ministros determina não retirar o decreto do ministro que originou as desordem em Barcelona e resolve mandar construir varios navios escolas.

DEZEMBRO. — **1** *Russia* — Rebenta um violento incendio no edificio da universidade de Odessa que destruiu completamente collecções de grande valor da secção de geologia. — *Egypto* — E' assignado o tratado de commercio anglo egypcio, e que terá de duração 21 annos.

2 *Portugal* — O *Diario do Governo* publica o decreto relativo á pesca a vapor na Africa Oriental. — *Havana* — Voltam ao trabalho os operarios das fabricas de tabacos. — *França* — O deputado Brunet apresenta ao parlamento uma proposta de lei para a supressão da pena de morte. — A camara dos deputados approva dois projectos de lei relativos á participação da França na exposiçáo de S. Luis. — O senado approva por 167 votos contra 75 o projecto de lei tendente a completar a lei das associações impedindo a abertura dos estabelecimentos religiosos não auctorisados. — *Grecia* — O ministerio grego dá a sua demissão. — *Republica Argentina* — O

senado argentino vota a reforma de policia sanitaria sobre a admissáo de gado estrangeiro.

3 *Portugal* — Regressam do Zambeze a Lisboa as forças expedicionarias que tinham partido em 1901. — *Grecia* — O rei da Grecia encarrega o sr. Delyanis, chefe do partido que obteve maioria nas eleições, a formar o novo gabinete. — *Estados-Unidos* — O ministerio da agricultura manda veterinarios ao Estado de Nova Inglaterra para tomar providencias para a desaparicção da febre aphtosa. — *Inglaterra* — O governo inglez distribue a titulo de indemnisação aos cafres que vieram estabelecer-se depois da guerra nas proximidades de Rustenburg (Africa do Sul) a quantia de 7000 libras. — A Inglaterra negocea com o governo indiano o estabelecimento de uma linha telegraphica submarina britannica para a India. — *Ilha de S. Domingos* — Rebenta um violento incendio na Cidade Nova destruindo dez casas. O sinistro é attribuido aos revolucionarios.

4 *França* — Termina a gréve em Cherburgo. — *Hespanha* — O rei Affonso XIII declina em Montero de los Rios a formação do ministerio. — *Belgica* — Forma-se um novo grupo parlamentar: o grupo dos livre pensadores. — *Estados-Unidos* — Produz se um violento incendio no hotel Lincoln perecendo 23 pessoas por asphyxia. — *Mexico* — Os prelados da California pedem auctorização para solicitar a revisáo da sentença do tribunal de Haya a respeito dos fundos pios no Mexico. O governo americano não concorda com a opinião dos bispos.

5 *França* — Recomeça por completo o trabalho em toda a região de Saint Etienne. — Uns 5000 inscriptos maritimos de Marselha resolvem repellar as propostas dos armadores e protestarem. Os marinheiros do Estado, que prestam serviço nos navios das companhias, declaram não responder mais pela ordem se a liberdade da gréve não fôr respeitada. — A camara dos deputados approva a proposta de amnistia para processos graves, approva a generalidade do projecto de lei sobre o regimen do assucar, rejeita o projecto do monopolio do assucar pelo estado e approva a convenção de Bruxellas. — *Inglaterra* — A camara dos lords approva o projecto de lei da instrucção publica. — *Argelia* — Quatro tribus d'Ouargia, 100 kilometros ao sul de Biskra, travam combate com os zaritas, por causa das palmeiras que estes ultimos possuem, havendo muitos mortos e feridos. — *Abyssinia* — O «negus» Menelik ordena a mobilisação do exercito do «ras» Maskonnen, no Harrar, para castigar os rebeldes do Tigre. — *Hungria* — E' inaugurada em Buda-Pesth a exposiçáo felina.

6 *Estados-Unidos* — A camara dos representantes approva o projecto de lei sobre as aposentações, que comporta um credito de 139 847.001 dollars. — *França* — E' votado no Senado o projecto de lei que organiza os territorios do sul da Argelia, instituindo um orçamento autonomo d'aquellas regiões. — Por-

duzem-se graves tumultos na camara dos deputados por causa do processo Humbert, havendo troca violenta de palavras entre os srs. Vallé, ministro de justiça, e os deputados Contant e Syventon. — O Senado vota o projecto de lei dos duodecimos provisórios, aprovado pela camara dos deputados. — *Hespanha* — O sr. Silvela apresenta ao rei Affonso XIII a lista do novo gabinete que é approved ficando constituido como segue: presidencia, Silvela; reino, Maura; estrangeiros, Abarzuza; fazenda, Villaverde; justiça, Dato; guerra, general Linares; marinha, Sanchez Toca; instrucção Allende Salazar; agricultura, Vadillo. O novo ministerio presta juramento perante o rei. — *Grecia* — O sr. Delyanis entrega ao rei a seguinte lista ministerial: Delyanis, presidencia e fazenda; Mavrourichalis, reino; coronel Symbritis, guerra; Skonzes, negocios estrangeiros; Romos, instrucção publica; Zygomales, marinha; Carapanos, justiça. — *Dinamarca* — A segunda camara dinamarqueza aceita uma proposta para que nos futuros tratados e convenções entre as potencias se introduzam clausulas estabelecendo que as questões que não possam regular-se pelas vias diplomaticas sejam submettidas ao tribunal arbitral de Haya. — *Portugal*. — Abertura da exposição de aves no Palacio de Crystal do Porto.

7 Marrocos — Os rebeldes do territorio de Zeurmon submettem-se ao sultão assim como parte do Rabet. — *Ingllaterra* — A Chartered vota uma despeza de 50 milhões de francos para a construcção do caminho de ferro da Rhodesia. — *Venezuela* — E' entregue em Caracas o ultimatum da Inglaterra e da Allemanha á Venezuela. — *França* — A reunião dos inscriptos maritimos de Marselha approva, salvo ligeiras modificações, as reivindicações elaboradas pelos seus delegados e pelo sr. Pelletan.

8 Hespanha — Os ministros e o alto pessoal tomam posse dos seus respectivos cargos. — *Italia* — Sentem-se dois tremores de terra em Catanzaro. — *França* — A commissão da grève dos inscriptos maritimos de Marselha decide dirigir um appello a todas as corporações operarias incitando-as á grève geral.

9 Austria — Os partidos allemães, á excepção dos pan-germanistas dão a conhecer as suas propostas ácerca da Bohemia em vista de um accordo entre os tcheques e os allemães da Bohemia. — *Ingllaterra* — A camara dos commons adopta a lei que modifica a legislação existente, o que vae permittir ao governo estabelecer uma reserva solida das milicias. Dá-se uma explosão de grisú n'uma mina de carvão de Wilkesbare matando 17 mineiros. — *Russia* — Os estudantes das Universidades de Kiew e de Odessa decidem uma grève geral de todos os estudantes das universidades e seminarios da Russia para protestar contra o procedimento dos cossacos para com os operarios. — *Portugal* — E' encerrada a exposição de aves no Porto. — *Allemanha* — O Reichstag approva por 206 votos contra 92 e 8 abstenções a moção do sr. Groeber apresentada em nome de um grupo da maioria e esta-

tuindo que, quando um deputado pedir a palavra para fallar sobre o regulamento, o presidente terá a liberdade de lh'a recusar, e as observações expostas ácerca do regulamento não poderão durar mais de 5 minutos. — *Equador* — Sente-se um forte tremor de terra em Guayaquil. — *Venezuela* — O pessoal das legações allemã e ingleza abandonam os palacios da legação recolhendo-se a bordo de navios de guerra dos respectivos paizes, embarcando em La Guayra. A esquadra anglo-allemã apodera-se do posto de La Guayra.

10 França — 5000 inscriptos maritimos de Marselha reunidos na Bolsa do Trabalho rejeitam por unanimidade o offerecimento de arbitragem do almirante Rouvier e approvam uma moção de incitamento a todas as corporações operarias para abandonar o trabalho e decretar a grève. Os trabalhadores dos caes, em Marselha, em numero de 3650 votam pelo *referendum* a favor da grève. Os soldados, marceneiros, sapateiros e cortadores reunidos, pronunciam-se em principio pela grève geral. — *Hespanha* — Os magarefes do matadouro municipal de Saragoça negam-se a trabalhar, declarando-se em grève, em virtude de não serem attendidas as suas reclamações contra o mau estado dos telhados e vigamentos do edificio. — *Canarias* — Os typographos de Palma declaram-se em grève.

11 Hespanha — O sr. Silvela apresenta no conselho de Ministros o programma do novo governo. — *França* — Os padeiros de Marselha pronunciam-se pela grève. — O presidente da republica inaugura o Museu Dutuit, no palacio dos Campos Elyseos em Paris. — *Westphalia* — Produz-se uma explosão na mina de Gueisnau, na occasião em que se procedia á descarga de seis mil kilos de dynamite, matando seis pessoas e ferindo muitas outras.

12 Portugal — São publicados no *Diario do Governo* os novos programmas para o ensino normal. — *Venezuela* — O governo venezuelano pede a Boven, ministro americano, para se interpor como arbitro no conflicto anglo-allemão-venezuelano. — *Italia* — O pessoal do serviço dos *tramways*, em Milão, proclama a grève reclamando melhora de salarios. — *Cuba* — E' assignado o tratado de commercio com os Estados-Unidos.

13 Hespanha — E' inaugurada a exposição dos alcools em Madrid assistindo o ministro da agricultura, os consules da Allemanha e da Austria e os presidentes das camaras agricola e do commercio. — *Peloponeso* — Cae sobre Argos uma tromba de agua destruindo muitos edificios e matando 100 pessoas. — *Grecia* — O Santo Synodo decide fazer cumprir na ilha de Anafi as penas disciplinares pronunciadas contra os membros do clero accusados de faltas contra a disciplina ecclesiastica. — *Italia* — E' assignada em Roma a convenção entre a Allemanha e o Vaticano ácerca da faculdade de theologia catholica em Strassburgo. — *França* — A commissão executiva da grève geral em Marselha, dirige um appello a todas as corporações operarias protestando em termos violentos contra a ostentação de forças policiaes

e militares. — *Venezuela*— Os ministros plenipotenciarios inglez e allemão apresentam um *ultimatum* antes de se retirarem de Caracas no qual pedem que Venezuela reconheça o perfeito fundamento das suas reclamações e declararam-se dispostos a aceitar a decisão da comissão mixta encarregada de examinar a reclamação dos dois governos, que em tudo procederão conjunctamente.

14 Hungria—O engenheiro Telsa de Buda-pesth inventa um balão dirigivel que será guiado por poderosas correntes electricas. E' a applicação da theoria do telegrapho sem fios. — *Hespanha* — Mazzantini resolve definitivamente retirar-se do toureiro propondo-se a deputado por Puerto de Santa Maria. — Na povoação de Freijo é capturado o famoso bandido Casanova, que era o terror de toda a provincia. — *Italia*— Por causa das tempestades abatem muitas casas em Girasole, Tortoli, Barisardo e Leonforte ficando os campos inundados em Oristano e em toda a costa oriental de Bastia desde Alistro até Semenzara. — *França* — Considera-se a gréve geral de Marselha difinitivamente abortada.

15 Estados-Unidos — E' collocada a secção do cabo transpacífico americano entre Honolulu e São Francisco. — *França* — Rochefort demitte toda a redacção do *Intransigent* por ter acompanhado o enterro religioso do seu collega Daniel Cloutier deputado por Paris. — *Turquia* — Os armenios presos em Monche e em Baybourt são postos em liberdade por ordem do sultão. — *China*— Na provincia de Sze-Tehouen a população impellida pela fome revolucionaria se. Em Tchi-Kiang rebenta uma verdadeira guerra civil entre os chinezes convertidos e os chinezes orthodoxos. — *Hespanha*— E' preso o terrivel anarchista italiano Alfredo Pierconti, sendo lhe encontrados importantes documentos escriptos em inglez e francez. — *Allemanha* — O *Reichstag* approva em 3.ª leitura por 202 votos contra 100 o projecto de lei das pautas aduaneiras.

16 Portugal — Regressa do estrangeiro a Lisboa Sua Magestade El Rei D. Carlos I. — *França* — Em Chatelineau, n'um deposito, explodem 26 kilos de dynamite, destruindo muitas casas, soterrando um homem nos escombros e ferindo outros. — Produz-se uma explosão de grisú nas minas de hulha de Mauriac matando oito mineiros e ferindo muitos. — Considera-se virtualmente terminada a gréve em Marselha. Todas as corporações operarias decidem voltar ao trabalho excepto a dos inscriptos maritimos. — A fundição de Revelle conclue a construcção de um canhão que mede 15 metros e pesa 52.000 kilos devendo lançar á distancia de 18 kilometros, projecteis de 600 kilos. — *Hespanha* — Em consequencia de um phenomeno geologico submergem-se os terrenos immediatos á ribeira de Seventi desaparecendo alguns edificios, campos e hortas n'uma superficie superior a 20.000 metros quadrados, causando prejuizos incalculaveis. — *Chili* — Rebenta a crise ministerial em consequencia da recusa do presidente da republica a deslocar certos governadores

por motivos politicos. *Turkestan*— Sente-se em Margelan um tremor de terra que dura 3 minutos, ficando soterrados nos escombros, em Andidjan muitas pessoas. As aldeias proximas foram destruidas.

17 Inglaterra — Produz-se uma explosão na fabrica de polvora de Wantanable matando tres empregados, destruindo uma casa e causando enormes prejuizos. — A camara dos commons approva o projecto de lei da instrucção publica. — *França*— Declara-se incendio no ministerio das colonias junto do gabinete do ministro e contiguo ao museu do Louvre. — Santos Dumond desafia o aeronauta Lebaudy para uma corrida de balões com o premio de 100.000 francos. — O representante do ministro da agricultura abre, no Grand Palais o congresso internacional da applicação do alcool desnaturalado. — Os inscriptos maritimos de Marselha decidem retomar o trabalho. — A subscrição aberta no *Figaro* para a creação de dispensarios e sanatorios anti-tuberculosos attinge a cifra de 200 contos. — *Servia* — M. Theodorovitch, redactor do *Malo novini* é condemnado em tres mezes de prisão pela publicação de artigos de critica ao governo otomano. — *Suissa* — O conselho federal propõe uma modificação ao codigo penal tendente a reprimir a propaganda anarchista. — *Corêa* — O imperador da Corêa demitte diversos ministros acreditados junto dos governos estrangeiros. O ministro que estava na Russia foi desterrado para a provincia. — *Hespanha* — Os empregados dos carros electricos e outros, de Madrid ameaçam pôr-se em gréve por terem sido despedidos varios operarios, na sua opinião, injustamente. — *Estados-Unidos* — O consul de Venezuela recebe do secretario do presidente Castro um telegramma annunciando que os banqueiros, os tribunaes, o commercio, o clero e varias sociedades, constituiram uma junta approvando a attitude do governo e offerecendo ao presidente Castro apoio completo.

18 Estados Unidos — A camara dos representantes approva uma moção pedindo que se diga se ha conhecimento de qualquer accordo entre a Inglaterra ou a Allemanha com os Estados Unidos e de toda e qualquer segurança relativa á extensão d'uma demonstração das duas ou de tres potencias aliadas contra Venezuela. — A camara dos representantes vota um credito de 500.000 dollars para o attorney geral perseguir os transgressores das leis dos *trusts*. — *Venezuela* — O encarregado de negocios da França em Caracas entrega ao governo venezuelano uma nota lembrando os termos do convenio de 19 de fevereiro de 1902 que garantiu o pagamento aos credores francezes. — Começa o bloqueio em La Guayra, applicando-se apenas aos navios venezuelanos. — O presidente Castro investe mr. Bowen, ministro dos Estados-Unidos em Caracas, de plenos poderes para regularizar a questão com a Allemanha, a Inglaterra e a Italia. — A colonia allemã é hostil á arbitragem. — *França* — A subscrição internacional para as victimas sobreviventes de

Martinica attinge dois mil e cem contos. — Um violento incendio destroe os armazens de fição e tecidos de Descamps. — *Inglatterra* — A camara dos commons approva, mediante uma modificação, as emendas feitas pela camara dos Lords ao projecto de lei sobre a instrucção publica. — *Hespanha* — Termina pacificamente a gréve dos hortelãos. — *Portugal* — E' publicado o Decreto approvando o regulamento da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa.

19 *Inglatterra* — O embaixador inglez em Roma dá a sua demissão por motivos de saude. — Funda-se em Londres um grupo parlamentar, composto quasi exclusivamente de elementos liberaes, com a denominação de *Arbitration Group*, cujo fim é exigir do governo britannico, que se cinja ás decisões da conferencia de Haya todas as vezes que surgirem conflictos de caracter internacional e especialmente quando se trate de conflicto monetario com estados fracos como o que acaba de se dar com a Venezuela. — *Russia* — O tzar concede perdão a 58 estudantes que tinham sido deportados para a Siberia por causa de disturbios. — *Egypto* — O khediva inaugura o congresso medico no Cairo em presença dos delegados de todos os paizes. — *S. João da Costa Rica* — Sente-se um tremor de terra. — *Allemanha* — O conselho federal ratifica a lei aduaneira. — *França* — Dá se uma explosão de acetylene no lavadoiro d'Impasse, na ilha de França, Paris, ferindo gravemente oito pessoas e matando uma. — Sente-se um ruido subterraneo e um tremor de terra em Belle Isle produzindo estragos em alguns edificios. — *Cuba* — O governo cubano nomeia consules em New-York Tampa, Nova Orleans, Philadelphia Boston, e Porto Rico. — *Turquia* — São presos cincoenta mussulmanos em Constantinopla entre os quaes alguns generaes e outros officiaes. — *Belgica* — O rei assigna a lei prohibindo os jogos de azar na Belgica. — *Venezuela* — As respostas da Inglatterra e da Allemanha são favoraveis á arbitragem, mas sob certas condições.

20 *Republica Argentina* — Por iniciativa do hespanhol José Artal, constitue-se em Buenos-Ayres um estabelecimento bancario intitulado Banco do Rio da Prata com um capital de dois milhões de pesos, sendo a maior parte dos accionistas de nacionalidade hespanhola. Este novo banco dedicar-se-ha a fazer emprestimos sobre immoveis e ao desenvolvimento do commercio hispano-argentino. — *Hespanha* — São presos em Madrid seis pessoas que compõem a familia Humbert, auctora da *escroquerie* de 60 milhões de francos em Paris. — *Estados-Unidos* — O presidente Roosevelt propõe submeter a questão da Venezuela ao tribunal arbitral de Haya. As potencias respondem que Roosevelt será o arbitro. — Começa o bloqueio geral nas costas de Venezuela. — *Inglatterra* — A princeza de Galles dá á luz mais um principe.

21 *Turquia* — A Sublime Porta dirige ás potencias uma nota repellindo a sua responsabilidade nas desordens da Macedonia que

cabem apenas á Bulgaria. — *Inglatterra* — O governador inglez cria um consulado em Monrovia, na Republica da Liberia. — *Estados-Unidos* — O presidente Roosevelt offerece a sua mediação amigavel aos insurrectos columbianos.

22 *Estados-Unidos* — Hathaway inventa um novo explosivo a que dá o nome de *Hathamite*. — *Italia* — O senado approva sem discussão a convenção adicional de Paris de 15 de novembro, relativa ao augmento do contingente de moedas divisionarias na Suissa. — *Grecia* — O rei inaugura a sessão da camara pronunciando o discurso do throno. — *Hespanha* — O conselho de ministros decide que o ministro da marinha proponha o programma da esquadra necessaria para a organização da defeza dos portos da costa.

22 *Askhabad* — Sente-se um violento tremor de terra que causa a morte a mais de 400 pessoas. — *Haiti* — E' reeleito presidente da republica do Haiti o general Nord.

23 *Hespanha* — E' encerrada a exposição dos alcools em Madrid. — Em Mataró desmorrana-se uma fabrica ficando feridos sete operarios.

24 *Republica Argentina* — O ministro do interior decreta a prohibição na imprensa da discussão das gréves. — O governo decreta que o poder executivo possa expulsar do territorio argentino quaesquer estrangeiros sem formalidades de processo fundando-se nas ultimas gréves produzidas por estrangeiros. — *Mexico* — O general Reys dá a sua demissão de ministro da guerra. — *Austria* — O archiduque Leopoldo Fernando renuncia o direito de membro da familia imperial para casar com a ex-actriz Maria Adomovitch, filha de um empregado do correio. — *Venezuela* — Expira o armistício entre o governo e os insurrectos. — *Portugal* — São publicados os decretos auctorizando o governo a reformar a legislação sobre engajamento de trabalhadores para a provincia de S. Thomé e Principe; regulando a concessão de terrenos no districto de Lourenço Marques; auctorizando e regulando o arrendamento dos talhões disponiveis do terreno conquistado ao mar no porto de Lourenço Marques; e creando no plan'alto de Caconda, Benguella, uma colonia agricola, e regulando a sua constituição.

25 *Venezuela* — Venezuela acceita a arbitragem sob condição de ser levantado o bloqueio e restituídos os navios apresados. — *Chili* — Termina a crise ministerial. Os antigos ministros conservam as suas pastas á excepção do da guerra que é substituido pelo general Anibal Rodriguez. — *Grecia* — Na sessão de abertura do parlamento produz-se violenta altercação entre os partidarios do novo gabinete e as opposições, dando-se scenas de pugilato entre a opposição por causa da nomeação do presidente. — *Republica Argentina* — Publica-se em Buenos Ayres o primeiro numero do jornal *Assalam*, escripto em arabe, orgão de 22:000 turcos que habitam esta republica. — *China* — O ministro da Russia em Pekin dirige uma nota enérgica ao governo

chinez para que não continue a empregar instructores japonezes no exercito.—*Canada*—La-cost, canadiano de origem franceza, ensaia com grande exito um aparelho de sua invenção para parar instantaneamente os navios em marcha.

26 Austria—O governo austriaco toma medidas violentas contra o partido servio, prendendo alguns jornalistas d'esta nacionalidade e mandando fechar o banco servio recentemente aberto.—*Estados Unidos*—O presidente Roosevelt declina o offerecimento de arbitro na questão de Venezuela.

27 Açores—Realisa-se com grande luzimento em Angra a sagração do bispo de Macau, dr. João Paulino de Azevedo e Castro.—*Portugal*—Inaugura-se oficialmente a linha ferrea de Pias a Moura.—*Martinica*—O conselho geral de Martinica envia ao governo francez uma mensagem pedindo ao presidente do gabinete que seja seu interprete junto das nações que, n'um impeto fraternal de solidariedade, deram áquella desgraçada ilha tamanhas demonstraões de sympathia.—*Portugal*—E' definitivamente aberta á exploração a linha de Pias a Moura.—*Columbia*—Dá-se um renhido recontro entre 1200 insurrectos commandados pelo general Riera e as tropas do governo.—*Austria*—E' denunciado o tratado de commercio com a Italia.

28 Marrocos—Os rebeldes tomam ás tropas do sultão alguns canhões e fazem-lhes muitos prisioneiros. As divisões de Muley-el-Kevir e Muley-el-Amram são destroçadas e os rebeldes perseguem as tropas imperiaes até ás portas de Fez.—*França*—Tres operarios que reparavam um conducto de gaz no gazometro de Montreuil-sous-Bois, deixam o motor aberto resultando uma formidavel explosão seguida de incendio em toda a fabrica.—*Hespanha*—Reune a maioria do partido carlista, decidindo que se imponha o casamento do principe Jayme e as linhas geraes do contracto que hão de ser submettidas á approvação de D. Carlos de Bourbon.—*Belgica*—Um incendio destroe os armazens Florin, na praça do mercado, em Bruxellas, attingindo os predios visinhos e fazendo prejuizos enormes.—*Russia*—Manifesta-se incendio na mina de carvão de Annaaspensk, onde trabalhavam cem mineiros, salvando-se vinte.

29 Hespanha—As noticias de Marrocos produzem effeito na Bolsa de Madrid, baixando consideravelmente todos os fundos.—*França*—Dá-se uma explosão na caldeira

da saboaria Soifil, em Marselha, matando o contramestre da fabrica, ferindo muitos operarios e causando grandes estragos materiaes.—*Costa Ricca*—E' suspenso o jornal *Noticiero* por ter publicado um artigo dizendo que um official chileno declarára que as armas e fortificaões de Costa Ricca estão incapazes de servir.—*Inglatterra*—Em consequencia de grave epizootia que devasta os gados nos Estados-Unidos, o ministerio da agricultura decreta a prohibição da importação de animaes dos estados de Maine, Newhampshire, Vermont, Massachussets, Connecticut e Rhode Island.

30 Venezuela—Os chefes insurrectos, sob a direcção do general Mattos agitam-se em todos os pontos da republica. Os negociantes allemães lembram a instituição de uma comissão financeira internacional, estando promptos n'esse caso a adiantar a importancia necessaria á Venezuela para pagar 1.700.000 bolivares á Allemanha e 200.000 a Inglatterra.—*Marrocos*—Começa o bloqueio de Fez. Prega-se em todo o imperio a guerra santa, em virtude de que foram dadas ordens para que os hespanhoes se refugiem nas costas.—*França*—O governo francez de accordo com o de Guatemala, delibera submeter ao tribunal arbitral de Haya a reclamação formulada por um francez contra aquelle paiz por trabalhos realizados em 1896 e 1897.—*Saxe*—O principe real de Saxonia faz constituir um tribunal especial de sete juizes para pronunciar a separação de pessoas e bens com a princeza real.

31 Venezuela—As tropas do governo batem os revolucionarios em Barquisimeto, matando 112 e ferindo 382.—S. Carlos e Tinaquillo são occupados pelas tropas governamentaes.—*Austria*—Koerber apresenta a sua demissão ao imperador que a recusa.—*Republica Argentina*—O estado de sitio decretado por causa das greves é levantado por occasião do encerramento do congresso.—A camara dos deputados vota o ensino da lingua italiana em todas as escolas nacionaes.—*Hespanha*—Os fundos publicos sobem por se saber definitivamente que as potencias não intervirão na questão de Marrocos.—Silvela declara no conselho de ministros que o orçamento se liquida com um excedente de dez milhões de pesetas.—*Russia*—O millionario armenio Schanganowk é assassinado no momento em que entrava na egreja, attribuindo-se este crime aos nihilistas.



NECROLOGIA

NOVEMBRO 1—THOMAZ LINO D'ASSUMPCÃO, em Paço d'Arcos, distincto escriptor e jornalista.

6—URBANO DE CASTRO, 52 annos, em Lisboa, distincto escriptor, poeta e jornalista

8—MANOEL GUERVOS, em Madrid, celebre maestro, musico distincto e apreciado compositor.

8—DR. BENJAMIM PAZ, em Buenos Ayres, presidente do Supremo Tribunal.

12—JOAQUIM PEITO DE CARVALHO, 65 annos, em Lisboa, par do reino tendo exercido varios cargos publicos elevados entre elles o de administrador geral das alfandegas.

22—FREDERICO AUGUSTO KRUPP, em Essen actual proprietario da fabrica de canhões.

22—CARDEAL ALOISI MASELLA, 76 annos, em Roma. Esteve em Portugal exercendo o alto cargo de nuncio de Leão XIII.

27—PLACIDE CONDRAU, 87 annos, em Genebra, decano dos jornalistas suissos.

DEZEMBRO 2—CONDE RICHARD BELCREDI, em Gmunden, antigo presidente do conselho austriaco.

3—DR. PRUDENTE DE MORAES, em Piracicaba, Brazil, antigo presidente da republica dos Estados Unidos do Brazil.

5—SIR FRANCK GREEN, 67 annos, em Lon-

dres, lord maior de Londres por occasião do advento do rei Eduardo VII ao throno de Inglaterra.

10—ALMIRANTE KRUY, em Haya, ministro da marinha.

15—ARTURO MÉLIDA, em Madrid, illustre architecto, restaurador da maioria dos monumentos de Hespanha.

23—ARCEBISPO DE CANTERBURY, 81 annos, em Londres, primaz de Inglaterra.

26—ALFONSO TOVAR, em Madrid, conhecido poeta, celebre pelas suas canções.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de novembro e dezembro

NOVEMBRO 7—AVENTURAS DE RICHELIEU, peça em 2 actos de Bayard e Dumansir, traducção do sr. Accacio de Paiva (Theatro D. Amelia).

7—UMA ANECDOTA, peça em 1 acto original do sr. Marcellino de Mesquita (Theatro de D. Amelia).

8—O ESPIRITISMO, comedia allemã em 3 actos, traducção do sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio).

8—A VERMELINHA, comedia em 1 acto, traducção do sr. Pedro Pinto (Theatro do Gymnasio).

11—CABEÇA DE ESTOPA, peça de Jules Renard (*Poil de Carotte*), traducção do sr. Luiz Cardozo (Theatro de D. Amelia).

12—O RAPTO DE HELENA, operetta farça em 4 actos e 7 quadros, traduzida pelo sr. Accacio Antunes, musica de Marcel Riche (Theatro da Avenida).

18—MAJOR DO 36—operetta em 3 actos, traducção do sr. Eduardo Garrido, musica do maestro Costa Junior (Theatro da Trindade).

22—DIANA DE LYS, drama em 4 actos de Alexandre Dumas traducção do sr. Luiz Galhardo (Theatro de D. Maria).

DEZEMBRO 3—CARTA A SANTO ANTONIO, peça n'um acto, imitada do italiano pelo sr. Julio de Menezes (Theatro do Gymnasio).

5—OPAPÃO, comedia allemã, traduzida pelo sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio).

11—O MAIOR CASTIGO, drama em 3 actos original do sr. Raul Brandão (Theatro de D. Amelia).

13—A AVENTUREIRA, peça de Augier, traducção do sr. Coelho de Carvalho (Theatro de D. Maria).

13—CAPITAL FEDERAL, peça original do escriptor brasileiro sr. Arthur de Azevedo (Theatro da Trindade).

16—JURAMENTO SAGRADO, peça em 1 acto em verso do sr. Delphin Guimarães (Theatro de D. Maria).

27—MADAME FLIRT, peça de Gavault e Beri, traducção do sr. Mello Barreto (Theatro de D. Amelia).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Influencia da temperatura nos reveladores

Um facto bem conhecido é que em geral os reveladores frios actuam com menos energia que os reveladores quentes, assim como os reveladores frios dão negativos mais duros que os que se empregam á temperatura de 18 ou 20 graus centigrados.

Pelo que respeita á influencia do calor sobre o poder reductor dos productos empregados na revelação, os principaes reveladores podem ser classificados pela ordem seguinte: hydroquinone, acido pirogalhico, oxalato de ferro e ixonogen.

O iconogen parece ser indifferente á temperatura, o hydroquinone é tão sensivel que a 5 graus centigrados acima de zero a sua acção é quasi nulla sobre o gelatino-brometo assalhado. O acido pyrogalhico e o oxalato de ferro actuam muito pouco se a temperatura dos banhos estiver a zero.

Ha portanto toda a conveniencia, no inverno, em conservar as soluções reductoras á temperatura media de 20 graus centigrados, e só assim se poderá obter resultados seguros e regulares. Para este effeito deveremos ter os frascos que conteem os banhos reveladores ou n'um quarto quente ou mergulhados em agua tepida.

Provas azues sobre papel platina

Afim de se poder obter effeitos de luar, quer em estudos de nuvens, paisagens, marinhas, etc., quer para dar ás provas em geral um colorido azul, o melhor meio é o de empregar o papel gelatina com um banho de prussiato A formula seguinte poderá servir de base:

Solução de oxalato de potassa a 1 0/0.	30 cc
Ferro-cynato de potassa (prussiato vermelho) solução a 10 0/0.	10 »

Glycerina.	70 cc
Agua.	115 »

E' indispensavel que a impressão se faça bem vigorosa, na occasião da revelação a prova tomará uma côr esverdeada que a tornará azul n'um banho ligeiramente acido mas onde não deverá estacionar muito tempo afim de não perder o brilho No caso em que o negativo empregado seja denso e rico em contrastes, as partes claras ficarão azues e as sombras em negro azulado dando a impressão de uma prova com dois tons. Este effeito pôde ainda ser reforçado por meio de um pincel.

PACIENCIAS

As parallelas

(Dois jogos de 52 cartas)

Collocam-se sobre a meza 10 cartas em linha horisontal retirando-se os *azes* e os *reis* que apparecerem collocando os primeiros á direita e os outros á esquerda, devendo os quatro *azes* e os quatro *reis* das differentes familias occupar logo que appareçam, os dois lados das linhas que se formarão no decurso da paciencia e applicar os *reis* do monte a uma serie descendente de cartas do mesmo naipe acabando em *az* e os *azes* do monte a uma serie ascendente egualmente do mesmo naipe acabando em *rei*. Depois de se ter verificado que n'estas dez primeiras cartas não ha nenhuma que se possa juntar ao seu monte, e preencher os vacuos que apparecerem põe-se por baixo uma segunda linha tambem de dez cartas das quaes ainda se tiram *azes* e os *reis* ou as cartas cujo ponto seja favoravel á sua collocação substituindo-as sempre por cartas tiradas do baralho.

Faz-se em seguida uma 3.^a linha paralle-

la ás duas precedentes; mas não é permitido tirar nenhuma carta da 2.^a linha (a do centro), não se tirando cartas senão da linha inferior e da superior, mas logo que se tire uma carta d'uma d'estas duas linhas pôde-se tirar a que fica por cima ou por baixo. Continue-se a fazer novas linhas de cartas por baixo das precedentes, tirando, á medida que a occasião seja favoravel as que se possam juntar ao monte, não se podendo tirar senão a 1.^a e a ultima carta de cada linha vertical.

Quando se verificar que nenhuma das cartas livres teem logar no monte, substituem-se os vacuos feitos nas linhas por cartas tiradas do baralho começando sempre por restabelecer a 1.^a horisontal, depois a 2.^a etc.

Logo que o baralho está esgotado e não houver mais nenhuma carta do quadro a collocar no monte, a paciencia não se fez; se ao contrario todas as cartas acharem collocação e que d'um lado se tenha os 4 *azes* acabando as series originadas pelos *reis* e do outro os 4 *reis* acabando as series que começaram em *azes* a paciencia considera-se feita.

CONHECIMENTOS UTEIS

A temperatura do corpo humano.

—Em estado de saude a temperatura media é de 37°,6 no rectum. Acima de 38° ha febre; abaixo de 36° dá-se a algidez. A temperatura da pelle é sempre inferior á do interior do corpo, sendo por exemplo a da planta do pé de 32°,2. A do interior do corpo é superior á media indicada, parecendo ser, pelas experiencias de Claudio Bernard e de Arsonval, o ponto mais quente a veia cava inferior um pouco acima das veias subhepaticas. A temperatura é um pouco mais elevada de dia do que durante a noite; na febre, em geral, a temperatura não excede 40 ou 41 graus, e é já deveras assustadora. Todavia parece certo que em alguns casos o thermo-

metro pôde subir mais; assim em 1894 o sr. Caparelli, na Secilia, observou n'uma mulher nova uma temperatura de 45 a 46 graus na axilla. Note-se que este medico italiano recolheu com todas as precauções esta observação.

O medico inglez Currie cita a temperatura de 42°, n'um caso de escaratina. Como o dr. Alvarenga notou a de 44° n'esta mesma doença Citam-se casos de uma hyperthermia ainda mais exaggerada, cuja authenticity é difficil assegurar. Assim um bombeiro de Nova York, victima de um accidente, transportado ao hospital sem sentidos e conservando-se n'este estado quatro dias, apresentou depois em ataques convulsivos a temperatura de 65

graus centrígrafos. No homem em perfeita saúde, a temperatura varia ligeiramente durante o dia, partindo á meia noite de 36°,5 para attingir a de 37°,2 ao meio dia.



Somno.— Em que momento o somno é mais profundo? Dois observadores allemães procuraram reconhecer este momento, medindo a intensidade de som necessario para despertar um dormente depois que o somno se estabeleceu. Sem entrar na descripção tecnica d'estas experiencias indicamos simplesmente alguns resultados. Assim, depois de uma hora foi preciso 2.781 milligrammas-millímetros de intensidade de som; depois de 1 hora 45, foi necessario 17.229; 3 horas depois, 9.485; seis horas depois 7.718. O somno parece ser mais profundo na segunda hora, mas certamente ha differenças de individuos para individuos.



Limpeza das lampadas de petroleo.— N'estes candieiros os porta-torcidas e os metaes aonde chega a chamma, ennegrecem rapidamente, cobrem-se de fuligem gordurosa, e difficultam o funcionamento das mechas. Uma simples immersão durante alguns minutos na agua fervente, onde se tenham dissolvido alguns crystaes de soda, d'aquellas peças e da propria mecha é sufficiente para conseguir a desejada limpeza.



Concerto de boquilhas d'ambar.— Estes objectos quebram-se com uma facilidade desesperadora. Este accidente desgosta profundamente o fumista amador de boquilhas, e accrescenta despezas avultadas, visto o alto preço que attingem estes instrumentos de prazer fumifero, quando são feitos d'esta resina fossil, chamada ambar. Podem muitas vezes compor-se; damos alguns dos processos mais faceis para concertar as fracturas. Dissolve-se n'agua potassa caustica, até obter a saturação, quer dizer, até que não se possa dissolver mais na porção d'agua. Deve recordar-se que se não póde tocar a potassa com os dedos, porque ella queima fortemente a pelle. Com um palito molham-se os lados da fractura, que em geral é nitida, e só para estes casos é possível o concerto, quando as duas superficies ajustam perfeitamente. Comprime-se os dois pedaços durante algum tempo e desde que se sinta bem a adherencia, deixa-se longamente seccar a boquilha concertada.

Outro processo, que tambem dá bons resultados. Prepara-se uma composição liquida, aquecendo uma parte de resina copal e duas partes de alumen. Reunem-se por justa posição os dois pedaços d'ambar, depois de ter molhado n'este liquido as duas superficies da fractura, e deixam-se seccar. Ainda se usa outro meio, cuja utilidade se affirma, mas cuja pratica não experimentamos, e vem a ser empregar pelo mesmo processo o oleo de linhaça que faz corpo com o ambar, quando secca.



Objectos de aluminio.— Para lhes dar o aspecto de prata mate, fosca, basta mergulhal-os durante quinze a vinte segundos n'um banho composto de uma solução de 10 partes de soda caustica e de 100 d'agua, á qual se junta, até saturação, sal de cozinha. Retiram-se do banho, lavam-se em agua pura, esfregam-se betu com escova, e tornam-se a mergulhar no banho caustico durante meio minuto. Lavam-se novamente e enxugam-se em serradura de madeira. O aspecto obtido é confundivel absolutamente com a prata.



Alteração da tintura de iodo.— Esta preparação tornou-se desde annos um remedio verdadeiramente popular, que não raro se emprega sem prévia consulta de medico. Infelizmente, porém, as soluções de iodo alteram-se com rapidez; e é bom saber que este medicamento, ao contrario de muitos outros, altera-se menos quando se conserva á luz, do que guardado na obscuridade. Todavia seria util conhecer um meio de verificar rapida e praticamente, se a solução de que se vae usar é antiga e alterada. O meio é muito simples. Basta agital-a antes de se servir d'ella, segundo o conselho habitual dos pharmaceuticos. Se o liquido escumar em effervescencia, a solução é antiga, e não convém usal-a, para curativo e por inactiva.



Maneira de dar aspecto velho ao carvalho novo.— Entre diversos processos recommenda-se o seguinte, que tem apenas applicação a objectos de pequenas dimensões, mas lhes dá um bello aspecto,

Colloque-se, por exemplo, um pequeno cofre que se pretende envelhecer n'uma outra caixa fechada e contendo um frasco aberto com ammoniaco. O alcali evola-se e os vapores d'elle vão escurecer o tanino da madeira de carvalho.

Vida suspensa.—Numerosas experiencias, recentemente feitas com sementes, e com bacterias e outros micro-organismos, mostraram a possibilidade de se poder conservar a materia viva n'uma condição que não é nem a de vida nem a de morte: quer dizer, n'um estado de vida suspensa. Os organismos foram sujeitos a frio intenso por algum tempo, e comquanto houvesse todos os motivos para julgar que nenhuma das permutações chímicas associadas á vida pudesse ter occorrido, na ausencia de calor e humidade, certo foi que os rudimentares organismos floresceram de novo quando removidos das suas condições frigidias.

Dez microbios diversos foram experimentados primeiramente, incluindo o germen da cholera asitica e os restantes sporos do bacillo do anthrás. Foram submettidos ao extraordinario arrefecimento da temperatura de 310 grãos abaixo do zero Fahrenheit, e conservados n'estas condições por vinte horas, e depois por sete dias. Estes mesmos, expostos ao extremo frio, não soffreram nenhum enfraquecimento apreciavel em sua vitalidade organica, tanto com respeito ao poder de reproducção e de crescimento, como em relação ás suas propriedades caracteristicas.

Expostos dez horas á temperatura de 240

grãos abaixo do zero, quer dizer, pouco mais ou menos os mesmos grãos abaixo da temperatura do ar liquido, como a d'este é abaixo da temperatura ordinaria do verão da zona temperada, tambem não teve effeito algum apreciavel sobre os organismos experimentados. Uma prolongada exposição ao frio rigoroso foi então experimentada, sendo os organismos immersos no ar liquido durante seis mezes; porém em nenhum caso se pôde descobrir enfraquecimento vital, e julgando pelos resultados obtidos, o periodo poderia ter sido ainda muito mais longo, sem causar a morte.

As experiencias foram um tanto surprehenderes para confundir ou embaraçar os biologos; porque evidenciaram e trouxeram á discussão um novo e curioso estado da materia vivente — um estado de vida suspensa. A vitalidade do organismo pôde ser considerada em sua origem ferida pelo grande frio, mas não perde a sua energia primitiva. Quando se elimina a influencia da temperatura baixa, o movimento e as outras manifestações de vida recomeçam. Os resultados d'estas experiencias fornecem aos escriptores imaginosos vasto assumpto suggestivo para muitas deducções scientificas, que tornam interessante este genero de litteratura.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 43 —

N.º 44 —

N.º 45 —

N.º 46 — *Xadrez*:

BRANCOS

1. Ra. 1 T R
2. Ra. tira T e mate
2. T tira T e mate

PRETOS

1. T tira T
- 1, T joga qualquer casa
1. T 3 T Ra.

2. T tira T e mate, porque o pião não pode tirar a T

Resolução do problema do XADREZ, do numero 15 dos SERÕES:

BRANCOS

1. T 8 Ra
2. B 2 B Ra e mate
2. C 3 B Ra queque descoberto e mate.

PRETOS

1. R 4 B R ou P tira C
1. R 6 Ra ou qualquer

Num. 47.

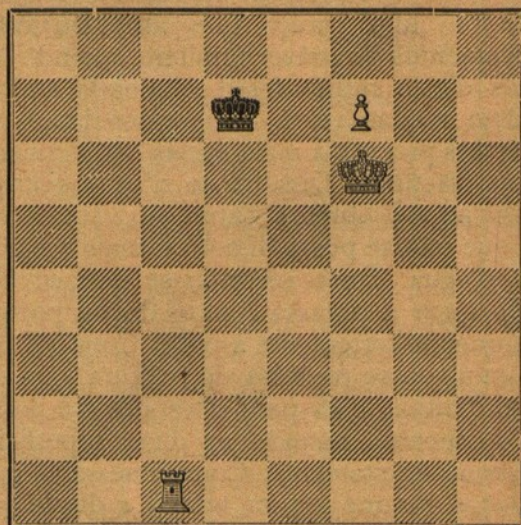
DOMINÓS. — Construir com as 28 pedras um quadrado perfeito contendo no centro um vasio de 4 pedras; o duplo-dois deverá encontrar-se collocado *horizontalmente* no angulo superior da esquerda; o tres-az, horizontalmente no angulo superior da direita; o duplo-az, horizontalmente no angulo inferior da esquerda e o cinco-tres, sempre horizontalmente, no angulo inferior da direita. Os pontos

dos dominós deverão dar pela addicção das columnas horizontaes, verticaes, e das duas grandes diagonaes o numero unico de 21. Como ha 8 columnas; 8 vezes 21 são 168, que é o numero total dos pontos do dominó.

Num. 48.

XADREZ

PRETOS (1 peça)



BRANCOS (5 peças)

Os brancos jogam e dão mate em tres lanços

